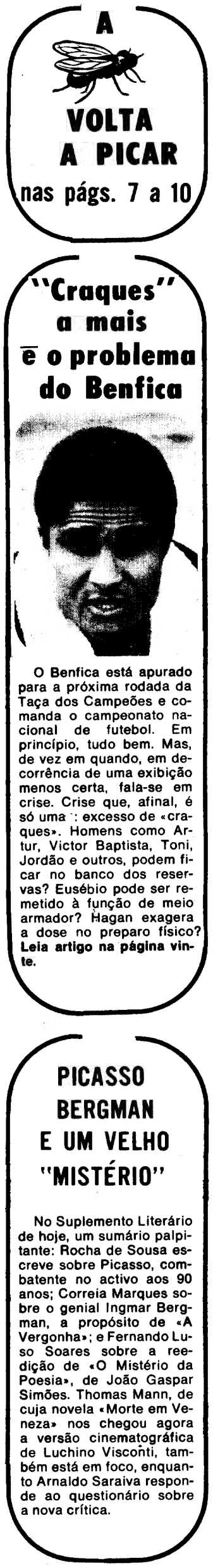
Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

7 DE NOVEMBRO DE 1971 N.º 17557 - ANO 51.º - PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

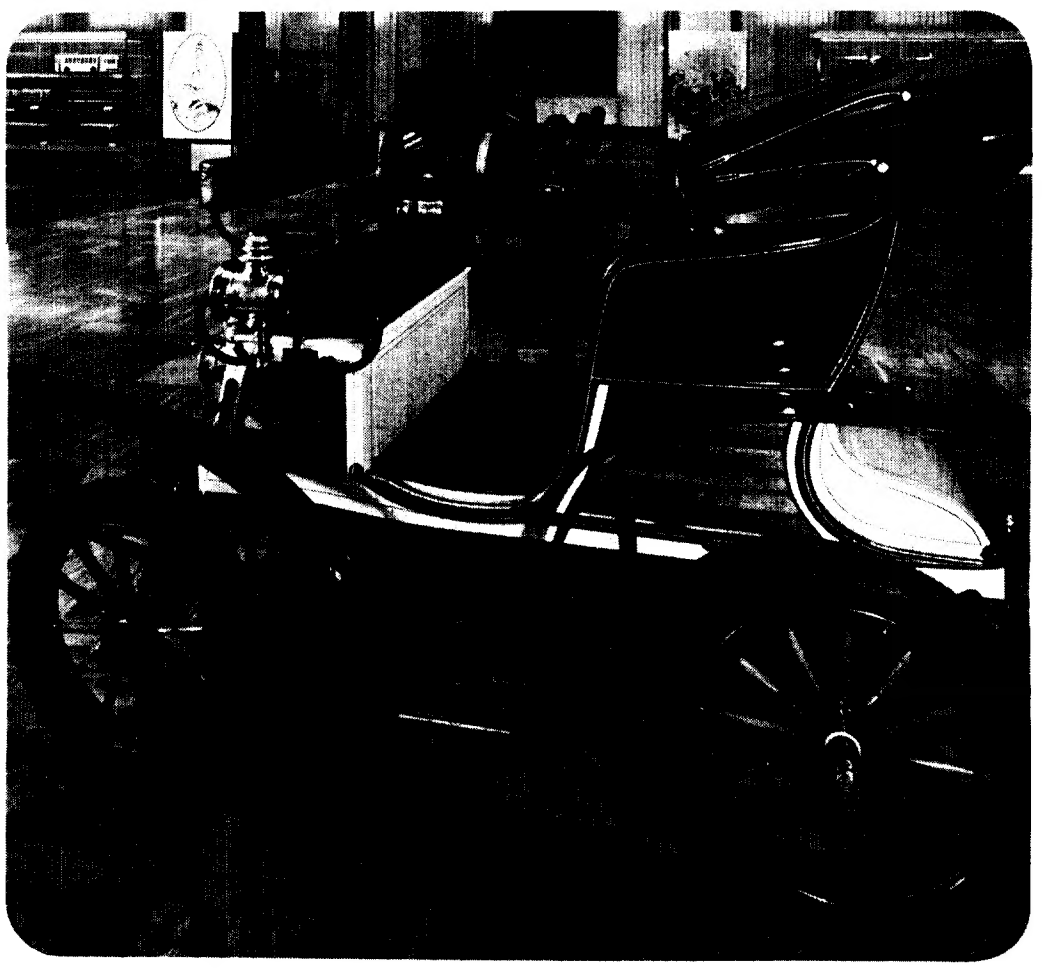


A Inglaterra chega ao mercado comum desconfiada da Europa

A Inglaterra foi a votos e descobriu finalmente que a definição correcta de ilha é «uma porção de terra rodeada de água por todos os lados». Durante anos os súbditos de Sua Majestade Britânica tinham hesitado em lançar uma ponte para a Europa: agora a decisão está tomada e o canal da Mancha (o «canal inglês», como eles dizem) ficará a ser o símbolo, e não mais do que isso, de um longo e orgulhoso passado em que, avestruzes do Ocidente, encheram a barriga escondendo a cabeça no chão. Tanto bastou para os pensadores da casa se apressarem a fazer o ponto da situação. Anthony Sampson, autor da celebrada «Anatomia da Inglaterra», já vertida para português, acha por exemplo que o seu país chega às portas da Europa numa atitude de desconfiança que só tenderá a agravar, pelo menos nos tempos mais próximos, a falta de preparação geral para este novo modo de vida. Votando pela admissão no Mercado Comum os ingleses fizeram também uma aposta com eles próprios, mas muitos Invernos de nevoeiro hão-de cair sobre as ilhas antes de o Continente ser o vizinho que se espera todas as tardes para o chá das cinco. Seus parceiros económicos ainda por um ano no seio da EFTA, temos que nos habituar, pelo nosso lado, à ideia de que a Inglaterra está já a dizer-nos adeus. Desconhecer os dados do problema significa um acto indesculpável de desarmamento cultural.
(Ler nas páginas centrais)

Discurso da Coroa sobre o MCE impôs forte mobilização policial.

HOJE 32 PÁGINAS VISADO PELA CENSURA


No museu da Fiat, os ilustres antepassados

SETENTA ANOS DE AUTOMÓVEL

A história do automóvel em Turim talvez tenha começado em 1864, quando a cidade, em risco de decadência e para não perder a sua posição de capital do Piemonte, resolveu voltar-se decididamente para as realizações industriais. O automóvel, contudo, nasceria mais tarde. Precisamente 35 anos depois, ocasião em que a Fiat construiu o seu primeiro carro, poucos meses após a constituição da empresa, de que um dos senadores da cidade - Giovanni Agnelli - foi um dos grandes impulsionadores. Dos tempos heróicos da transmissão por correntes, que hoje nos fazem sorrir, até às modernas concepções automáticas, um longo caminho foi percorrido no campo aliciante do automobilismo. São cerca de 70 anos de história do automóvel. São 70 anos que se encontram, ao vivo, na sucessão de modelos que o Centro Histórico Fiat, em Turim, tem para mostrar ao visitante que, ao sair, transporta ainda consigo a imagem dos «landaulet», dos «torpedo» ou dos «tonneau» que fizeram as delícias dos nossos avós...

Este lugar de piloto pode ser ocupado por si!

**Quem lhe diz que não?
Leia e responda a este anúncio
para ter a sua certeza
e a certeza de encontrar
uma profissão moderna,
cheia de dinamismo,
responsável
e multíssimo bem remunerada.**

**Oferecemos-lhe uma profissão estável
e prestigiada
e asseguramos-lhe uma formação
e um treino ao mais elevado nível.**

Nós somos uma Companhia
em pleno crescimento e
permanentemente actualizada:
ampliamos e aperfeiçoamos
os nossos serviços,
aumentamos o número das nossas escalas
e a nossa frota,
PRECISAMOS DE MAIS PILOTOS!
Estes terão menos de 32 anos,
frequência de um curso superior
(ou equivalente)
e a situação militar regularizada.
UM DESTES PILOTOS PODE SER VOCÊ.
Decida-se desde já:
responda a este anúncio,
dirigindo-se
à Divisão do Pessoal Navegante da TAP,
Anexo F - ao hangar n.º 6 - 3.º andar
Aeroporto de Lisboa.

TAP
TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

MARCA-Tp1-70

Inscrições permanentes. Cursos periódicos.

Para si a TAP será um modo de conhecer e viver o mundo

COM OU SEM EXPERIÊNCIA DE VOO VENHA PARA PILOTO DA TAP

Sete bailados novos pelo Grupo Gulbenkian

A nova temporada do Grupo Gulbenkain de Bailado começa no dia 13. Está previsto um total de 36 espectáculos, de Novembro a Março, com 6 programas diferentes, todos a apresentar no Grande Auditório da Fundação Gulbenkain.

A direcção artística continuará a cargo de Milko Sparemblek, que contará com a colaboração de vários coreógrafos convidados: Milenko Banovitch, Richard Kuch, Norman Walker, António Gades e Fernando Lima. O elenco de bailarinos é encabeçado por Isabel Santa Rosa, Margery Lambert, Joahne O'Hara, Armando Jorge, Patrick Hurde, Ger Thomas e Carlos Fernandes. Como artistas convidados actuarão Liliana Cosi (primeira bailarina «étoile» do Scala de Milão), Rudolf Bryans (primeiro bailarino do Teatro La Fenice de Veneza) e António Gades (titular da famosa companhia de bailado espanhol, que tanto êxito obteve em Lisboa em Março último). Devo salientar-se ainda a colaboração, na qualidade de cenógrafo e figurinista, de alguns notáveis artistas plásticos portugueses, como Cruzeiro Seixas, Justino Alves, Artur Rosa, Espiga Pinto e Artur Casais.

Sete bailados serão apresentados em estreia absoluta: «Contrastes», de Milenko Banovitch; «Odisseia», de Richard Kuch; «Metamorfoses», sobre música de Hindemith, coreografia de Fernando Lima; «Sky-Well», de Norman Walker; «Arquipélago», de Carlos Trincheiras; «Continuum sobre um tema de Akutagawa» (sobre música tradicional japonesa), de Miko Sparemblek, e uma nova coreagrafia também de Sparemblek, sobre música de Strawinsky.

Milenko Banovitch

Em reposição teremos: «Quebra-Nozes», versão integral, com produção de Anton Dolin; «As Sílfides» (Fokine-Chopin); «O Mandarim Maravilhoso» (Sparemblek-Bela Bartok); «Dulcinéia» (Carlos Trincheira — Chostakovitch); «Movimentos sinfónicos» (Armando Jorge-Haydn); «Sasenach Suite» e «Danças de Boyce», de Walter Gore, e «Ritual de Sombras», de John Butler. Pela primeira vez no reportório do Grupo Gulbenkian figura o «pas-de-deux» com música de Turina, «Sonho», de António Gades.

NO AUDITÓRIO DOIS

A nova temporada de «Concertos do Auditório Dois» da Fundação Gulbenkian será inaugurada amanhã, às 18 e 30, com um recital pelo duo Elisabetta Majeron (soprano) e Giuliano Balestra (guitarra clássica). Do programa constam uma cantata de Haendel, árias de Frescobaldi, Fuenlland e Alessandro Scarlatti, o ciclo de canções «The Transiense of This World», e diversas obras para guitarra de Roncalli, Fernando Sor, Tarrega, Villa-Lobos e Albeniz.

Constituido em 170, o duo italiano Majeron-Balestra propõe-se cultivar a literatura musical para canto e guitarra, e para guitarra solo, dos séculos XVI e XVIII, literatura essa tantas vezes esquecida hoje em dia, não obstante a sua grande riqueza. O programa que o duo apresentará agora em Lisboa inclui, precisamente, música desse período, a par de obras modernas, em que, de igual modo, encanto e sonoridade da guitarra criam uma atmosfera de recolhido intimismo.

Como é natural, os estudantes beneficiam de um desconto de 50 por cento no preço dos bilhetes.

Nova obra de Andersen sobre Portugal

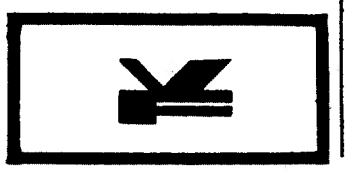
O embaixador da Dinamarca no nosso país, sr.ª D. Bodil Begtrup, e a presidente do Instituto de Alta Cultura, dr.ª Maria de Lourdes Belchior, oferecem na próxima segunda-feira, pelas 18.30 horas, no Grémio Literário, uma recepção a numerosas personalidades dos meios culturais, para a apresentação da edição em português do livro «Uma visita a Portugal em 1866», de H. C. Andersen.

A obra, editada com o patrocínio do Instituto de Alta Cultura de Portugal, constitui um notável documento literário que revela o estilo de narrador do grande escritor dinamarquês.

CONTÍNUOS

Pretendem-se:
— Com a escolaridade obrigatória
— Com a idade mínima de 18 anos e máxima de 40
— Ordenado 2 000$00

Resposta, com as indicações pretendidas para a Av. Manuel da Maia, 58-2.º Esq.º — Lisboa 1



MÓVEIS · DECORAÇÃO

Mobiliário moderno e de estilo
Novo sistema de pagamento

Visite e consulte *estabelecimentos* Cancela

C. do Combro, 17·33 · Lisboa
Av. D. Afonso Henriques, 20 · Almada
R. Bernardo Francisco da Costa, 22 · B · Almada

BOM APETITE

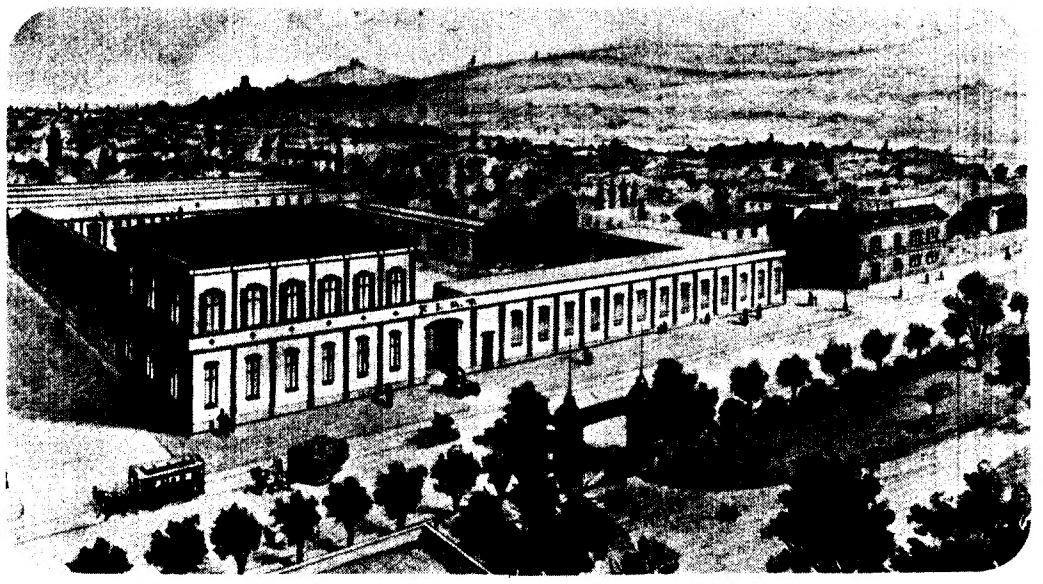
CASTANHEIRA
DECLARADO DE UTILIDADE TURISTICA
ESTRADA DA TORRE — LUMIAR - TELEF. 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE (M/15 anos)

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Premiado pelo S. N. I.
(Maiores de 15 anos)

a furna
almoços jantares e ceias
até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

TURIM E FIAT ...

Setenta anos da história do automóvel



A primeira fábrica, cinquenta operários, em 1899, contra mais de cem mil, nos nossos dias.

Antes de aterrar, o avião deu duas ou três voltas sobre a cidade coberta de neblina amarelada que significa poluição. Mais tarde, cá em baixo, encostada aos Alpes, Turim recorda-nos, a cada passo, que nos encontramos num verdadeiro e enorme centro industrial, onde o automóvel é rei. Desde 1899, ano em que o senador Giovanni Agnelli meteu ombros, à frente de um grupo de homens decididos, à empresa da montagem de uma grande fábrica para a construção de autonóveis: a Fiat.

A presença constante de viaturas daquela marca, nas ruas da cidade, a sua publicidade (espantosa) ao longo dos passeios, na imprensa, na rádio, na televisão, no cinema e o fantástico «carroussel» constituído por enormes camiões carregados de carros de vários modelos, transportando-os das linhas de montagem para os concessionários e para as estações de caminho-de-ferro ou portos, de onde são expedidos para outras regiões, bastariam para nos recordar que nos encontrávamos na grande metrópole onde a Fiat nasceu. E certo que o nome da cidade não está apenas ligado àquela marca. A Lancia também ali tem grande parte das suas instalações fabris. Mas é, sem dúvida, a Fiat que mais está ligada a Turim. E hoje, com cerca de um milhão e cem mil habitantes, quase metade dos quais constituída por operários de Mirafiori, Rivalta, Spa e suas famílias, a capital do Piemonte bem podia ser uma cidade chamada Fiat.

SETE DÉCADAS DE HISTÓRIA

Por isso, a sua história, desde o início do século, está constantemente ligada à história da Fiat que, por seu turno, se encontra consubstanciada nos salões de um dos primeiros edifícios que a empresa construiu, em 1906, como ampliação das instalações iniciais. Num deles, que se estende agora ante os nossos olhos, os velhos modelos recordam um passado grandioso na história, não apenas da Fiat ou da indústria italiana, mas do automobilismo mundial.

Que melhor local e melhores testemunhas poderia a Fiat ter arranjado para, em 4 de Maio de 1966, assinar, com uma delegação do governo soviético, o protocolo para o acordo de colaboração que levou à construção do grande complexo da marca italiana, nas margens do Volga?

O edifício, na via Chiabrera, é hoje o Centro Histórico Fiat e as testemunhas, mudas nos seus orgãos de ferro e aço, valem por um passado repleto de realizações e de êxitos. Ali se encontra o primeiro automóvel construído pela firma logo no ano da sua fundação, e que, em 1964, deixou o edifício para ser a primeira viatura a percorrer, no dia da inauguração, os 5 800 metros do túnel do Grande S. Bernardo. Outras peças de excepção, originais e perfeitamente funcionais, podem ver-se ainda no enorme salão. São o Fiat de 16 cavalos, de 1903, com carroçaria «tonneau» e um outro de 1911, tipo «landaulet». O rodar dos anos está representado pelos modelos de maior destaque nessas épocas, para nós, longínquas.

Assim, 1912, mostra-nos um, tipo «Zero», maravilhoso na sua carroçaria «Torpedo», capaz de nos fazer sonhar com loucas velocidades enquanto um outro «torpedo», este de 1919, nos recorda as imagens de um filme em que se fala dos «gloriosos malucos das máquinas... qualquer coisa». A propósito, merece uma referência especial o impressionante Fiat Eldrige que, em 1924, estabeleceu um recorde absoluto de velocidade, ao fazer cerca de 235 quilómetros por hora. Ainda em perfeitas condições de funcionamento, esta «bomba» está equipada com um motor de avião (outro dos campos em que a Fiat desdobra a sua actividade) de 300 cavalos. Outros modelos marcam outras épocas mais recentes: a berlin 525 S, de 1929; uma outra do mesmo modelo, de 1933, e ainda o famoso 500 na sua primeira versão, de 1936. Finalmente, o Fiat V8 de 1952, com uma carroçaria inteiramente realizada em plástico, surpreende ainda hoje os visitantes pelas suas linhas perfeitamente aerodinâmicas e ainda muitíssimo válidas no aspecto estético.

Na zona central, sem dúvida a de maior interesse do Centro Histórico encontra-se ainda exposta, em vitrinas, uma das mais importantes colecções de modelos à escala que, hoje, nos foi dado ver. São cerca de centena e meia de perfeitíssimas peças que representam, em síntese, a produção dos meios de transportes terrestes da firma, desde a sua origem até aos nossos dias.

AUTOMÓVEIS, MAS NÃO SÓ...

Para lá dos vidros transparentes, os carros de turismo, de competição e os tractores agrícolas e industriais estão reproduzidos à escala de 1:5, enquanto os autocarros mereceram uma redução de 1 para 10, e os modelos ferroviários foram realizados nas proporções de 1:15.

Ainda na zona central está exposto o primeiro motor diesel a dois tempos, construido pela Fiat em 1909, para equipar o submarino «Medusa» da Marinha de Guerra Italiana, que foi afundado em 1915 e, mais tarde, recuperado.

Para além do primeiro tractor Fiat, construído em 1919, o conjunto «terra-mar-ar» é completado pelo primeiro motor para aviação, concebido e realizado em 1908. Qualquer semelhança com os actuais modelos é pura coincidência e, ao fim de alguns minutos de observação atenta, invade-nos uma enorme sensação de admiração e respeito pelos homens que, há 60 anos, ousaram confiar em semelhante máquina para cruzarem os céus. No sector dedicado à aviação podem ainda ver-se 35 modelos, à escala 1:10, representando os principais aviões construídos desde 1914 (quanta contribuição para a Grande Guerra) até hoje, num contraste flagrante entre os frágeis aeroplanos daquela época e a afirmação de potência e força que se desprende dos modernos caças a jacto.

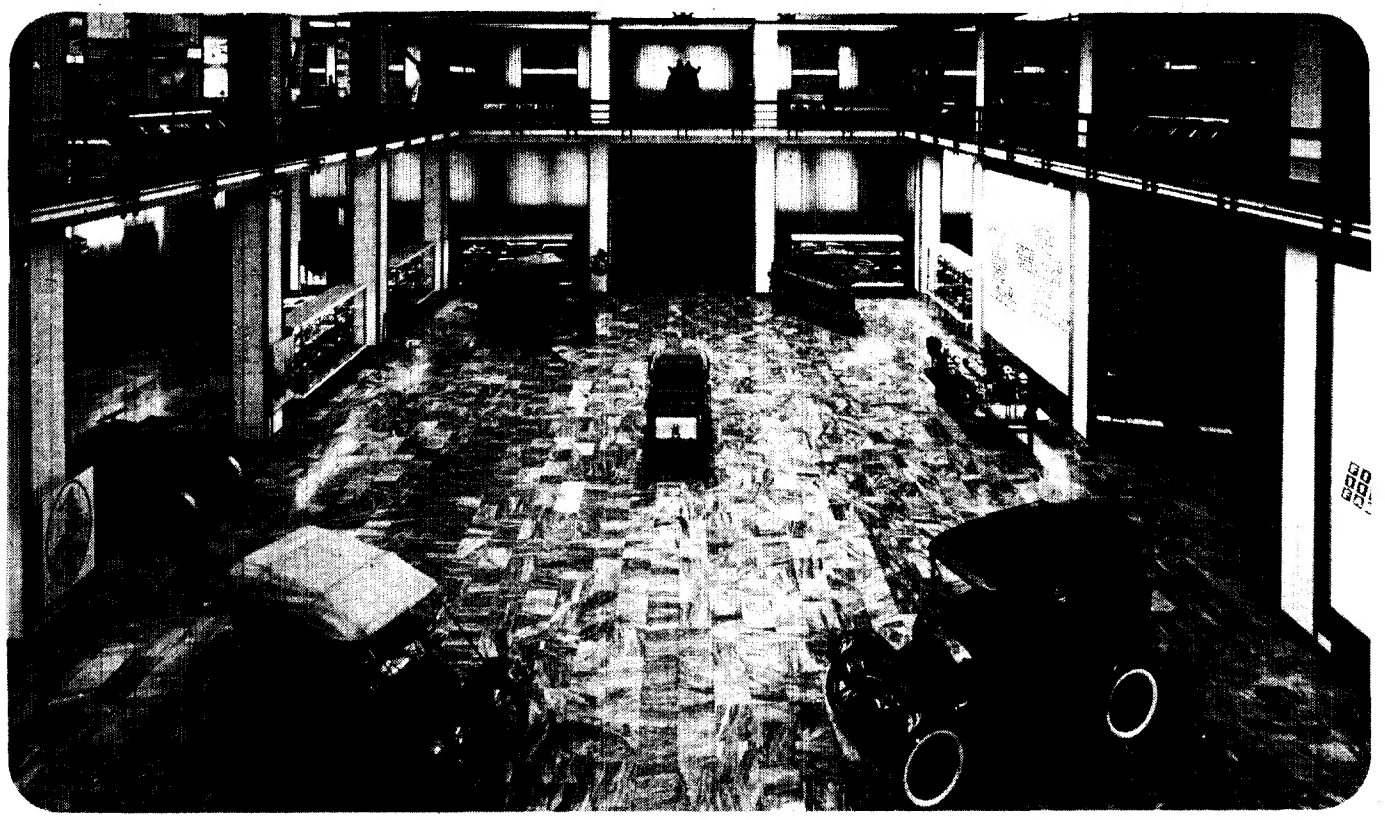
Um sector dedicado à publicidade e uma Biblioteca e Arquivo completam o Centro Histórico da Fiat. Desde os incipientes catálogos de 1902 até às mais recentes realizações no campo das artes gráficas ao serviço da propaganda da marca, pode ver-se toda uma evolução de técnicas, de gostos e de possibilidades de cor e de movimento.

Por seu turno, o departamento constituido pela Biblioteca e Arquivo representa o autêntico-cérebro do Centro. Ali se recolhem e ordenam todos os documentos que possam vir, um dia, a revelar-se de interesse para a firma, quer tenham características técnicas, jornalísticas ou outras quaisquer.

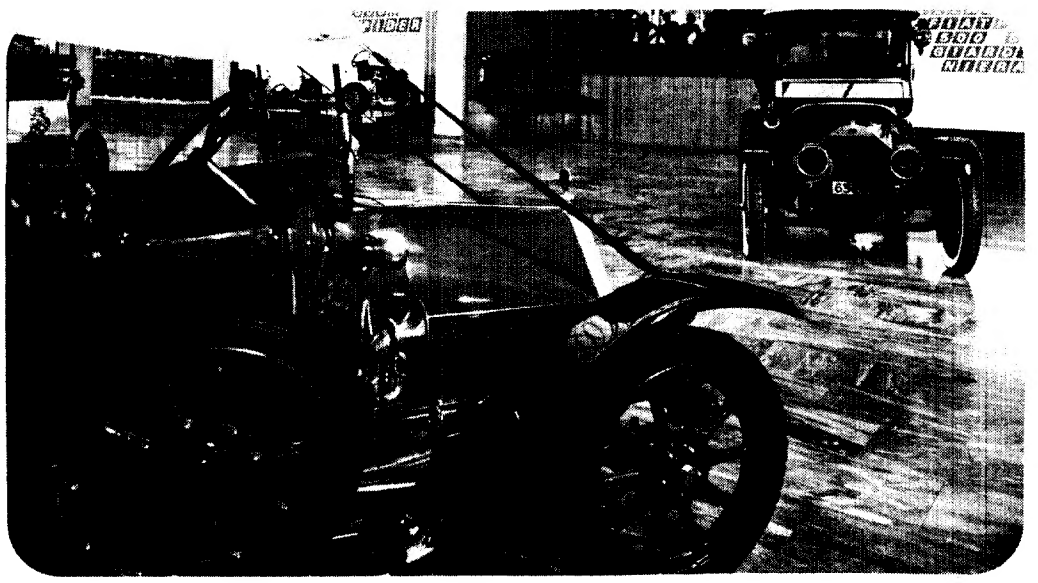
Para dar uma ideia sobre a grandiosidade daquele sector, bastará dizer que ali existem 200 álbuns, com cerca de 60000 fotografias, constituindo um património considerável que abarca toda a evolução da produção e da actividade Fiat desde a sua origem. Completam a Biblioteca dez mil volumes (livros, revistas, extractos, etc.) de fácil e rápida consulta, graças a uma funcional e criteriosa ordenação das matérias.

Cada um desses documentos constitui um pouco da história da Fiat e também de Turim. Nos últimos 70 anos, as duas confundem-se. O Centro Histórico da grande empresa será assim como que o seu local de encontro, onde se recorda o passado e que certamente se projetará no futuro da maior indústria automobilística europeia, portanto no futuro da cidade.

por NUNO COUTINHO



Aspecto geral da nave central do Centro Histórico da Fiat, em Turim, onde se encontram as peças mais representativas.



Em perfeitas condições de funcionamento, estas são duas peças históricas da primeira década do século. Em primeiro plano, um «landaulet».

EXTERNATO LUSO BRASILEIRO

Abriu Recentemente Com Novos Métodos de Ensino Curso Intensivo Acompanhado de Formação Intelectual Paralela. Para Ciclo Preparatório 2.º e 3.º Ciclo dos Liceus. Informações à AV. DA REPÚBLICA, 90-2.º - TEL. 772116. Para Formação de Turmas Com Início de Aulas a 10 de Novembro. Matrículas já Abertas Grátis.

NO CACÉM o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Agente Agostinho Leite Faria, Rua Afonso de Albuquerque.

VENDE-SE

Lote acções comp.ª cervejas. Aceitam-se ofertas que indiquem preço unitário. Resposta ao n.º 171 Agência Eva, R. Nova do Almada 68.

A HISTÓRIA DE UM GRUPO DRAMÁTICO

Nas Caldas os amadores também travam a luta pelo bom teatro

O Conjunto Cénico Caldense é um dos muitos e vários que, por essa província fora, tentam manter acesa a chama da cultura por meio do teatro. As dificuldades e incompreensões são de toda a ordem: da única vez em que levou à cena uma peça/verdade sobre a sociedade local, o CCC correu o risco de ser fechado. O repórter Dórdis Guimarães foi especialmente às Caldas da Rainha para conhecer êste grupo.

Funciona nas Caldas da Rainha uma colectividade cultural que tem dedicado a sua actividade à promoção e divulgação nomeadamente do cinema, da Música, do Bailado, da Fotografia e outras manifestações como recitais, colóquios, comemorações. Mas, sobretudo, a sua acção tem incidido sobre o Teatro. Uma batalha árdua, que já suscitou a ira social.

- Há quinze anos que se fundou o C. C. C. - Dizem-nos os seus orientadores - E começámos logo pelo Teatro. Inicialmente, levámos à cena peças em um acto de David Mourão-Ferreira, Tchekov e outros. Ganho esse balanço, atrevemo-nos a obras de maior fôlego e, então, seguiram-se peças de Bernardo Santareno, Camilo, Suassuna, Synge, Sastre, etc. Com elas obtivémos prémios em concursos de arte dramática e fomos apresentá-las a várias localidades do país.

— Portanto a partir do teatro é que surgiram os outros ramos culturais do grupo?

- Sim, a seguir, com o Cinema, fomos pouco felizes, pois ao cabo de uma dúzia de sessões tornou-se inviável prosseguir por motivos de ordem vária. Mas com a música temos realizado saraus de grande valia, desde sessões fonográficas até espectáculos de música viva. Efectuámos audições comentadas de obras de Chopin, Prokofiev, Carl Orff, de «Bop» e «Free» jazz e tivemos connosco o Coro da Academia dos Amadores de Música, o Coro da Juventude Musical Portuguesa, os «Petits Chanteus de Saint Laurent» e António Victorino de Almeida. Comemorámos o Bicentenário do Nascimento de Beethoven e vamos celebrar este ano o 90.º Aniversário do Nascimento de Bela Bartok. Possuimos um grupo de bailado e promovemos concursos de fotografia.

- Própriamente quanto ao Teatro, os momentos mais relevantes?

— Levámos a efeito uma Antologia Viva do Teatro Moderno, um festival comemorativo do Centenário de Tchekov, os I e II Encontro de Teatro Amador, sendo esta uma das realizações mais salientes da nossa história. Actualmente, percorremos o país com o espectáculo mais conseguido de sempre, que é a montagem da peça «Fuenteovejuna», de Lope de Vega, em tradução de Natália trabalham no e para o CCC. No Fundão e em Torres Novas, representações memoráveis. Na primeira destas localidades, o sucesso deveu-se inteiramente à participação do público, que vibrou cena a cena, com as ocorrências do drama. Na segunda, almejámos o máximo apuro técnico e artístico de pura carpintaria teatral. Antes, viveremos uma experiência amarga que levantou quase as Caldas em peso contra nós, pois montamos (e escrevemos) em conjunto, um espectáculo no qual criticávamos a sociedade caldense, seus hábitos e costumes. Foi de tal porte o escândalo deste género teatro-verdade que nos atrevemos a fazer, que a colectividade esteve ameaçada de ser encerrada. Chamava-se a peça «Caldas Dia a Dia» e dela só fizémos duas representações.

— Que projectos têm agora entre mãos?

— Estamos a encenar três peças em um acto, infantis, para apresentar na quadra do Natal. Projectamos vir a encenar «O Escurial» de Glwhelderode, «O Retábulo da Peste» e «Os Justos» de Camus. Temos outra peça em estudo que é «O Encoberto» de Natalia Correia. A escolha das peças no CCC obedece ao parecer de um conselho de leitura formado por três elementos que só se pronunciam depois de consultarem os membros da secção de teatro. Uma peça no texto é uma coisa, mas para levar à cena e reunir as condições autenticamente teatrais, é outra. Neste Novembro iniciamos um Curso de Iniciação Teatral, tipo aulas, com lições de diversas especializações ministradas por nós mesmos.

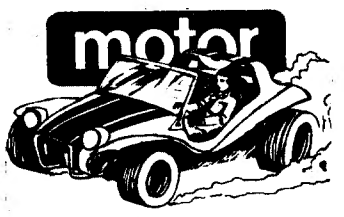
- Como vive e se expande o C. C. C?

— Contamos com 600 sócios, que pagam quotas muito baixas. Damos constantes espectáculos gratuitos e suportamos despesas quase incomportáveis. Mas em fim, vamos sobrevivendo à custa das «tournées» pelo país nas quais recolhemos fundos animadores e com a ajuda de gincanas-automóveis que organizamos. Contamos, ainda, com a compreensão da empresa do Teatro Pinheiro Chagas, onde estreamos os nossos espectáculos, enquanto o auditório da nossa sede não está concluído.

- Quem são os responsáveis pela secção de teatro do C. C. C.?

- Todas as nossas secções têm direcção própria. Actualmente a direcção do teatro está entregue a Carlos Garrido, Jorge Sobral e Mário Tavares. Quanto à encenação, todos participam e são cumulativa e rotativamente, actores, técnicos e directores de cena.

Movimentamo-nos colectivamente. Este ano as nossas encenações foram da autoria de Carlos Gil, que é actualmente o elemento mais dinâmico do nosso teatro. Mas fazemos, fundamentalmente, um trabalho de colaboração. E podemos contar à vontade com 50 elementos activos, que inclusivé podem estar todos dentro de cena!



VASCO MORGADO COLABORA CONVOSCO

10% de redução SOBRE A TABELA DE PREÇOS

TEATRO • tel 327493 "CAPITOLIO"

QUERIDA MAMA

Famosa comédia de ANDRE ROUSSIN

com LAURA ALVES e CARLOS DUARTE, ALDA PINTO, ANTONIO MACHADO, LUIS ALBERTO, ANTONIO RAMA, ANA LE MATTRE, CLAUDIA MARTINS, OCTAVIO BORGES

Todas as noites, 21.45 h. Domingos, e feriados 16 e 21.45 h.

11.º MÊS

TEATRO • tel 538586 "VILLARET"

O aniversário da tartaruga

de Garinei e Giovaninni

com FLORBELA QUEIRÓS e RUI DE CARVALHO

UM GRANDE BALLET INGLES dirigido por ANTONIO BARDIS

Todas as noites 2-SESSÕES-2 20.45 e 23 h.

Domingos, feriados à tarde, 16 h

3.ª feira, excepcionalmente, descanso da companhia

GRUPO C (M/ 14 anos)

TEATRO • tel 326037 "VARIEDADES"

HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, PAULO RENATO

EMPRESTA-ME O TEU APARTAMENTO

de Ray Cooney e John Chapman

Grupo D 18 anos

A COMÉDIA «SUCESSO» DE GARGALHADA

3.ªs 4.ªs e 5.ªs Feiras às 21,45 H.

6.ªs e sábados 2 sessões 20,45 e 23 h.

Domingos, matinés às 16 h.

8.ª SEMANA

TEATRO • tel 555133 "MONUMENTAL"

CAMILO DE OLIVEIRA, ARMANDO CORTEZ • CANTO E CASTRO, LINDA SILVA • FERNANDA FRANCO, MILÚ e IRENE IZIDRO

numa peça em que a vedeta é

uma cama para toda a gente

3.ªs, 4.ªs e 5.ªs, às 21.45 h.

6.ªs-feiras e sábados 2 sessões: 20.45 e 23 h.

Domingos, 16 e 21.45 h.

GRUPO D (M/ 18 anos)

SÓ ATÉ DOMINGO

2.ª Feira em V. Franca
3.ª Feira no Lido da Amadora
Dia 11 em Torres Novas
Dia 12 em Tomar
Dia 13 em Alcobaça

Brevemente: QUEM TEM MEDO DE VIRGÍNIA WOOLF?

Grupo D 18 anos

COLABORADORA COM PERSONALIDADE

Para trabalho em empresa de grande projecção precisa-se senhora moderna, dinâmica, com muita personalidade, expediente e prática de Relações Públicas.

Classe e apresentação são também fundamentais.

Oferecemos trabalho eventual durante seis meses, cifrando-se vantagens e benefícios em Esc.: 9.000$00 mensais.

Oportunidade única.

As candidatas devem dirigir-se às Sr.as D. Lúcia Caniços e Isabel Muñoz todos os dias úteis, das 16 horas às 19 horas.

FORDCAR PDC, LDA.

Alameda de Santo António dos Capuchos, 6 - 2.º A e B

LISBOA

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA

TEMPORADA DE CONCERTOS 1971-1972

HOJE — 16 HORAS

Última audição do 2.º Concerto

Abertura, de Marcos Portugal
Concerto para Violino e Orquesta, de Mendelssohn
5.ª Sinfona, de Shostakovitch
MAESTRO: Manuel Ivo Cruz
VIOLINISTA: Lídia de Carvalho

(Grupo A/6 anos)

3.º CONCERTO

1.ª Sinfonia, de Brahms
A Biosfera (1.ª audição), de Marlos Nobre
O Descobrimento do Brasil (1.ª audição), de Heytor Villa Lobos

MAESTRO — Alceo Bochinno

18 de Novembro de 1971 — 21.45 h. - (Grupo B/10 anos)

21 de Novembro de 1971 — 16 h. - (Grupo A/6 anos)

4.º CONCERTO

Pastoral, de Ivo Cruz
1.º Concerto para Piano, de Liszt
Burlesca para Piano, de Strauss
Pássaro de Fogo, de Strawinsky

MAESTRO: Silva Pereira
PIANISTA: Sérgio Varela Cid

2 de Dezembro de 1971 — 21.45 h. - (Grupo B/10 anos)

5 de Dezembro de 1971 — 16 h. - (Grupo A/6 anos)

BILHETES À VENDA NO TEATRO

COMPANHIA DO TEATRO MUNICIPAL

«A SALVAÇÃO DO MUNDO», de José Régio

Encenação de COSTA FERREIRA

A ESTREAR NA 2.ª QUINZENA DE NOVEMBRO

Grupo C — 14 anos

AS SÉRIES: - recurso à idioterapia

Consideram alguns a existência das séries televisivas como um mal necessário. Que se considerassem um mal - já seria alarmante; juntar-lhe o **necessário** torna o problema muito mais grave.

Pois sera **necessário** porquê? Porque a vertigem da programação, da comercialização do tempo da antena, não podem passar sem essas dores de ficção, de pequena comédia, de fantasia.

Assistimos a uma cada vez maior defraudação da fantasia. A imaginação, preciosa qualidade humana, impulsionadora da arte, transforma-se na habituação à mediocredidade, ao vício da anti-realidade. Uma figura da política ameri- grande figura da política americana poderá dizer: **A América era um país de atletas; hoje é um país de telespectadores.**

Estamos perante uma das consequências mais nefastas da televisão comercial. A mesma fantasia desenraizada da realidade quotidiana ou do fantástico significativo existia já na profusa literatura de cordel; existia já no cinema. Existe agora na televisão multiplicada por um número incalculável de vezes. A Televisão é um animal demasiado feroz para se poder deixar à solta.

Dentro da sua programação de Inverno, a televisão portuguesa alargou o leque da sua oferta de séries. O mercado americano não perdeu hegemonia longe disso, mas a atenção da RTP voltou-se para outros quadrantes. Temos agora representação francesa e alemã na televisão da hora do almoço, ao lado da produção americana. Da França veio-nos **Nanou**, da Alemanha veio-nos **os contos do Danúbio.**

Tècnicamente, nem de longe qualquer destas séries se pode aproximar das americanas. De factura muito primitiva, o relato é conseguido aos solavancos, com frequentes hiatos que emperram a acção e desmoronam a atenção dos telespectadores. São amostras pràticamente artesanais. Não é impunemente que a grande máquina de Hollywood se encontra, quase inteiramente, ao serviço da produção para a TV. Esta utiliza, portanto, a experiência, a sabedoria, a prática acumuladas ao longo de muitas dezenas de anos de trabalho intenso. Não é impunemente que o cinema se coloca ao dispor da televisão. Afirma-se que Hollywood pode trabalhar à vontade nesse campo sem quaisquer preocupações financeiras. Em 10 séries fabricadas, nove podem falhar. Se pagará todas as outras. Se uma série atingiu os seis meses, pode atingir o ano; se atingiu um ano, pode chegar aos três; e se chegou aos três, poderá viver indefinidamente...

A América, com o seu formidável circuito interno, pode dar-se ao luxo de uma produção desenfreada. A França e a Alemanha não podem.

Nanou, a série francesa aparece com finalidade educativa (qualidade, aliás, que em regra acompanha a produção americana). Conta-nos a história de uma jovem que, na sequência de uma brincadeira com o transístor do camarada, se atira à água e, para evitar ser agarrada, nada furiosamente. Por acaso o professor de natação assiste ao acontecimento, admira as qualidades da jovem e propõe-lhe a intificação a sério dos treinos: acena-lhe com a miragem de vir a ser uma grande campeã.

A isso iremos assistir: à transformação de uma insignificante rapariga numa atleta célebre.

Quando aos **Contos do Danúbio** o menos que se pode dizer é que parece assistirmos a uma série de origem portuguesa. Ou seja: se nós, portugueses, nos abalançássemos à fabricação de uma série, não faríamos pior. O relato quebrado por soluços da realização segundo um processo que já deitávamos pelos olhos no cinema; a representação sem um mínimo de naturalidade; as incongruências da história tudo isso transforma estes **Contos do Danúbio** numa das mais ingénuas, inúteis histórias da carochinha que a televisão já nos apresentou.

O público português não deixará de sorrir (sorrir: tradução visível e mansa do ranger de dentes) perante aquela incrível aventura acontecida àquele camião carregado com cinco toneladas de **foie-gras** assaltado por um perigoso bandido, armado e ferido. O bandido senta-se no meio dos dois tripulantes aponta a pistola ora a um, ara a outro, estorce-se com dores, revira o olho quase cadáver, impõe as suas ordens prontamente cumpridas...

O público não deixará de sorrir perante a dedução daquele banqueiro, criminologista amador, o qual, sem que nada o pudesse levar à dedução, descobre que se houve um assalto ao banco é porque o assaltante resolvera ocupar o camião o qual obrigara, depois, a mudar de rota...

Não. Assim não vale. Fugir da produção em massa americana, sim. Mas fugir em nome da qualidade deve ser a regra.

Vinte anos do Monumental

Amanhã, o Monumental comemora vinte anos de funcionamento como grande centro lisboeta de diversões.

O programa de festejos inclui: às 11 horas — missa na Igreja de São Sebastião da Pedreira em memória do major Horácio Pimentel e empregados falecidos; 2) às 12 horas, reunião, no Satélite, de pessoal, admnistração e sócios; projecção do filme «Inauguração do Monumental» e cerimónia de homenagem aos empregados que perfizeram vinte anos de serviço; 3) às 13 horas, almoço de confraternização no «foyer» principal do cinema. As habituais sessões da tarde no Satélite e no Monumental não serão realizadas, a fim de proporcionar mais longo período de convivência ao pessoal. À noite 21 e 45 o Teatro Monumental apresentará «A Querida Mamã», com Laura Alves, artista que ali obteve alguns dos seus maiores êxitos; o Satélite 21 e 45 exibirá «A Morte em Veneza» e o Cinema Monumental 21 e 30 «Vagabundos Selvagens».

As receitas destes três espectáculos reverterão em benefício do Instituto Portugues de Oncologia.

Ponte aérea teatral Rio-Lisboa: Filinto Rodrigues, director do Serviço Nacional de Teatro do Brasil; estará na próxima semana em Lisboa, não apenas para entendimentos sôbre doações da Gulbenkian, mas também para acertar a ida anual de uma companhia portuguesa ao Brasil e a vinda de uma brasileira a Portugal.

III

Primeiro disco é sempre acontecimento. Ana Mónica aparece na etiqueta «Tecla» interpretando «Quantas voltas tem o meu vira», «Sou de lá, da serra», «Vem dançar o vira» e «ODouro passa a cantar». A cançonetista anda agora pelas Américas, integrada num «show» para emigrantes organizado pelos empresários Artur Pereira, Francisco Penha e Amadeu Vaz.

III

Está em organização um grande festival de homenagem ao veterano Joaquim Cordeiro, predecessor de um estilo sério-cómico que chegou a fazer época nos arraiais do fado.

III

Rio Tinto vai ter também o seu teatro de Bolso, que será construído pelo Grupo Dramático de Beneficiência local

III

Estão quase concluídas as filmagens do folhetim que substituirá «Cinco Filhas para Casar», de Camilo Castelo Branco, na RTP. Trata-se de uma adaptação do romance de Eça de Queirós, «A Cidade e as Serras», da autoria (mais uma vez) de Odette de Saint-Maurice e Ruy Ferrão.

Dercy Gonçalves

Augusto de Figueiredo, adoentado, ainda não pôde iniciar seu trabalho nos ensaios da peça de Arrabal, «Uma Tartaruga Chamada Dostoievsky», com que a Casa da Comédia inaugurará a sua temporada.

III

A moçambicana Elisa, do elenco da Sassetti, vai gravar um disco com quatro canções, que terão música de António Cartaxo e letras de António Borga, ambos, no momento, ao serviço da BBC, como locutores e redatores de notícias.

III

Dercy Gonçalves anuncia, no Brasil, que está com estreia marcada para o capitólio de Lisboa no dia 5 de Dezembro. Vasco Morgado nada sabe a êsse respeito: em Dezembro, o Capitólio deverá continuar ocupado com «A Querida Mamã», aparentemente com fôlego para durar até ao fim do ano. Dercy acrescenta que sua peça de estreia será «A Cafona», neologismo brasileiro que poderiamos «traduzir» por «A Pirosa».

III

Com diversas homenagens públicas ao escritor João da Silva Correia, que incluem exposição bibliográfica e uma palestra, o Núcleo Amador de Teatro de São João da Madeira inicia no próximo dia 10 as suas actividades com a peça «Biederman e os Incêndiários», de Max Frisch.

III

Baptista Rosa prepara novo programa sobre cinema para a RTP, em moldes completamente diferentes dos usuais.

III

Novo disco para o «palmarés» de Carlos Jorge, incluindo «E urgente amar alguém», «Cada hora que passa», «Sem calor de ninguém» e «A noite de ontem». O cantor acredita no sucesso do primeiro dos trechos mencionados.

SOCIEDADE ANÓNIMA CONCESSIONÁRIA DA REFINAÇÃO DE PETRÓLEOS EM PORTUGAL

«SACOR» S.A.R.L.

CAPITAL: Esc. 850 000 000$00

SEDE: Rua das Flores, 7 — LISBOA

AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL DE ESC. 850 000 000$00 PARA ESC. 1 100 000 000$00

Por portaria de 25 de Outubro de 1971, publicada no Diário do Governo, 3.ª Série, de 29 do mesmo mês e ano, foi autorizada a emissão de 250 000 acções do valor nominal de Esc. 1000$00, nas seguintes condições:

a) **42 500 acções por Incorporação de Reservas**

Os actuais accionistas terão direito a receber 1 nova acção por cada 20 acções possuídas, contra o pagamento da quantia de Esc. 50$00 referente ao Imposto de Mais-Valias. Este direito será exercido pela apresentação dos títulos para serem carimbados, quando se trate de acções nominativas ou pela entrega do cupão n.º 35, quando se trate de acções ao portador.

b) **69 167 acções a atribuir ao Estado**

De acordo com o disposto no artigo 10.º do Decreto de 22 de Julho de 1965, publicado no Diário do Governo, 3.ª série, da mesma data e do art. 2.º do outro Decreto da mesma data e publicação.

c) **88 333 acções com reserva de preferência para os actuais accionistas**

Os actuais accionistas terão direito a subscrever 3 novas acções por cada 20 que possuírem, ao preço de 2850$00 cada, a que será acrescida a importância de Esc. 43$25 referente ao Imposto de Mais-Valias. Este direito será exercido pela apresentação dos títulos para serem carimbados, quando se trate de acções nominativas ou pela entrega do cupão n.º 36, quando se trate de acções ao portador. As acções que não sejam subscritas, serão rateadas pelos accionistas que, no acto da subscrição, tenham declarado estar interessados nesse rateio, cujos critérios ficam sujeitos à aprovação de S. Ex.ª o Secretário de Estado do Tesouro;

d) **50 000 acções com reserva de preferência para os portadores de obrigações de 7 %, de 1970 e 1971**

Os obrigacionistas terão direito a subscrever 1 acção por cada 5 obrigações que possuírem, ao preço de Esc. 2850$00 cada. Este direito será exercido pela entrega do cupão «A».

As acções referidas em c) e d) serão liquidadas em duas prestações, a saber:

— 60 %, e mais o Imposto de Mais-Valias, quando houver lugar ao seu pagamento, no acto da subscrição;

— 40 % até 15 de Fevereiro de 1972 e em data a fixar oportunamente.

As acções agora emitidas, poderão sê-lo ao portador ou nominativas; no entanto, a Sociedade reserva-se o direito de emitir as acções nominativas necessárias para dar cumprimento ao § 8 do art. 6.º dos Estatutos, fazendo-se rateio se tanto for preciso.

As operações acima referidas, terão lugar nas seguintes datas:

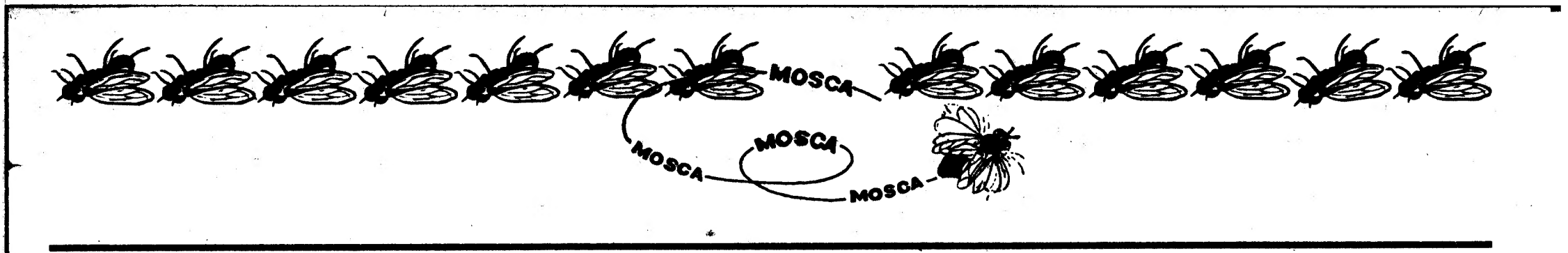
— a partir de 8/11/1971, a constante na alínea a);

— de 8 a 12 de Novembro de 1971, as constantes nas alíneas c) e d), nas Sedes, Filiais, Agências e Dependências dos Estabelecimentos de Crédito, a seguir indicados:

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, Almeida, Basto & Piombino & Cia., Augustine, Reis & Cia., Banco Agrícola e Industrial Viseense, Banco da Agricultura, Banco do Alentejo, Banco de Angola, Banco Borges & Irmão, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Fernandes de Magalhães, Banco de Fomento Nacional, Banco Fonsecas & Burnay, Banco Nacional Ultramarino, Banco Pinto & Sotto Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Totta & Açores, Bank of London & South America, Ltd., Crédit Franco-Portugais, Crédito Predial Português, Montepio Geral e Pinto de Magalhães (Banqueiros).

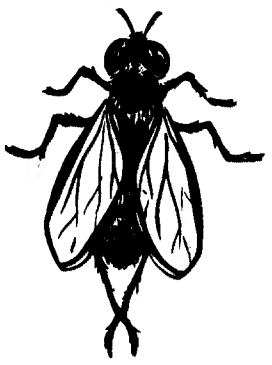
Lisboa, 3 de Novembro de 1971.

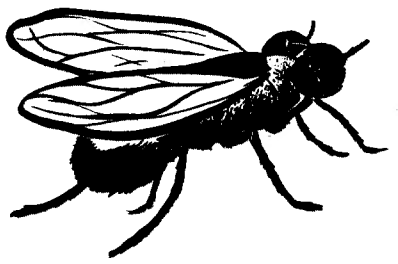
O PRESIDENTE DO CONSELHO DA ADMINISTRAÇÃO

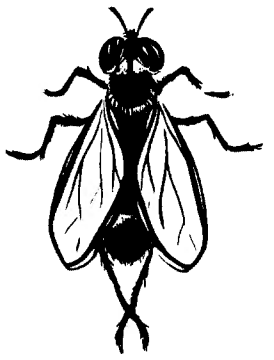


Nota de abertura

Voltamos a dedicar esta MOSCA à droga. O problema é importante e, como já dissemos, A MOSCA, consciente da missão que lhe cabe na vasta obra de informação e de consciencialização que se está a levar a cabo no país, não pode - nem deseja - fugir às responsabilidades. Que diriam os leitores deste suplemento de opinião (não esqueçamos que A MOSCA é um suplemento de opinião) se em lugar de enfrentarmos de caras o premente problema da droga, dedicassemos estas colunas aos «faits divers» do mundo e à publicação de notícias referentes a cor das calças da B rigitte Bardot mais em voga neste momento? Com coisas sérias não se brinca e A MOSCA que não pode, nem quer passar por leviana, volta à carga com o problema da droga colectiva. Dedicamos o último número a droga turística e afirmamos que o turista é, no momento presente, uma das drogas preferidas por esta nossa boa e saudável colectividade pastoril e **agora em vias de engarrafar o leite para** não ficar atrás de ninguém, mas ansiosa por conservar o carácter bucólico que tão bem a tem servido através da historia. Não se julgue que o turista é a única droga em voga entre nós. Pecaria gravemente quem pensasse que um país dotado das nossas tradições se contentaria com uma só droga. Temos mais drogas colectivas e este número de A MOSCA é dedicado a outra a mais do que célebre droga «antepassado ilustre». O que é o «antepassado ilustre». Não nos compete - dado que existem técnicos especializados no assunto - definir drogas ou fornecer aos nossos leitores conceitos de medicina.

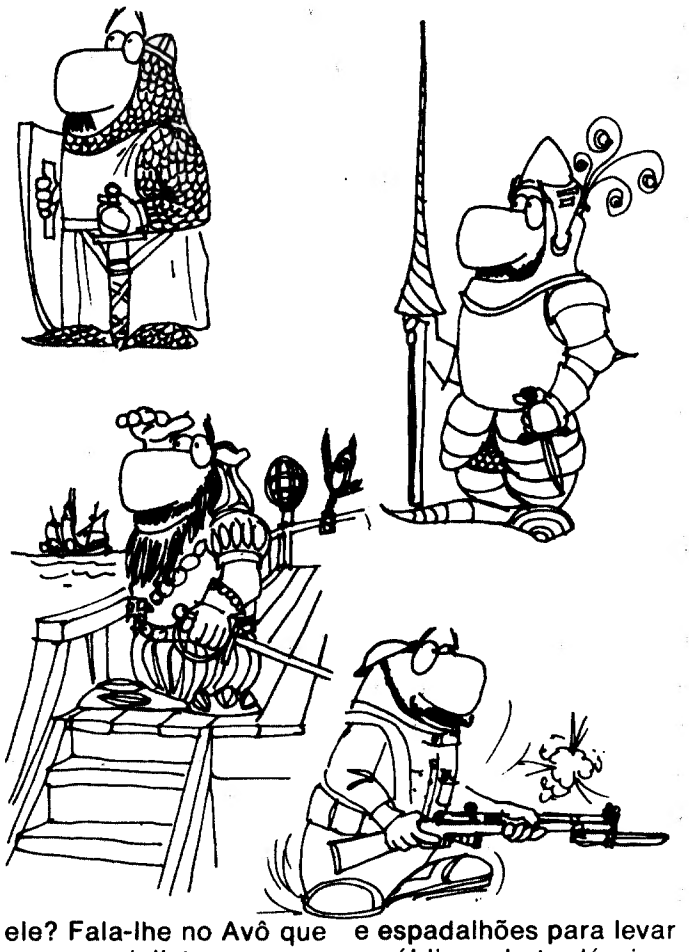






Mesmo assim, porém, julgamos nossa obrigação esclarecer que temos em Portugal, duas espécies de «antepassados ilustres»: os antepassados particulares de cada um e os antepassados de toda a colectividade. Ficamos por aqui - a distinção será feita por autoridades no assunto. Pronunciam-se acerca dos problemas desta droga colectiva, neste número de «A MOSCA», algumas das pessoas mais em evidência no País e mal nos ficaria não lhes agradecer o tempo que perderam ao atender os nossos repórteres e a boa vontade com que se prestam para esclarecer os nossos leitores Aos senhores Drs. Gualdino Robles da Costa, João Marques Rosado da Cruz, Heitor Lopes Ambrosiaco e Duarte Nuno Luis Manuel Gonçalo José Adalberto Rui Pedro de Cimeiras de Baixo e de Cima Ortega Pompilhão de Castro, os nossos agradecimentos.

Definição clínica da droga antepassado como droga colectiva



Um artigo do Doutor Heitor Lopes Ambrosíaco, interno do Instituto Superior de Drogas e seus Derivados e bolseiro do Instituto Cultural para o estudo das mesmas.

Que os leitores da MOSCA me perdoem o exemplo, mas o certo é que estas coisas complexas da ciência só se podem explicar a leigos em termos muito simples. Não, há certamente, ninguém que não tenha perdido um combóio que, ao chegar ao seu destino, não tenha falado no assunto dando à espera, ao atraso e à viagem, uma importância que certamente não daria se tivesse apanhado o combóio que planeara apanhar. Pois a droga colectiva que definimos clinicamente pelo nome de «antepassado» surgiu em termos muito análogos aos deste comezinho exemplo. Foi ao perdermos o combóio que começámos a preocuparnos com os atenpassados. Não sei se me entendem e por isso, recorro a outro exemplo. Nunca repararam que os homens activos e actuantes raras vezes falam dos pais e que são precisamente os homens não activos e não actuantes que estão sempre a falar dos pais? Recorreu a nossa colectividade à droga «antepassado» no preciso momento em que deixou de ter presente. E que um homem perdido, desirmanado, destituído de objectivos, entregue ao deixa correr o tempo, tem necessáriamente de encontrar uma droga para justificar a sua inexistência e para pintar o futuro de cor-de-rosa. Afirmam os historiadores da medicina que a partir duma batalha travada entre o infante D. Henrique e um seu irmão que nela faleceu de morte pouco natural é que criámos as condições necessárias á necessidade desta droga a que nos vimos referindo. Não desejo comentar esta opinião, mas o certo é que esta droga só tem sido usada nas condições acima indicadas. Ponhamos um exemplo concreto: tudo leva a crer que Vasco da Gama nunca se referia aos seus antepassados, mas todos sabemos que os seus descendentes históricos passam a vida a falar dele. Porque? Então não se está mesmo a ver? Tem cada povo o seu ópio privativo, pessoal e tão intransmissível como os bilhetes dos autocarros e parece que o nosso é este dos antepassados. Devo dizer que se nota nos últimos tempos uma viva tendência para trocar esta perigosíssima droga por outras mas o certo é que ela persiste — se um pai quer que um filho salte de um muro abaixo fala-lhe num velho avô que saltava de muros abaixo quando ainda não havia escadas. Que faz o filho? Bota lágrima a saltar do muro abaixo. Se um pai tem uma eira que não sabe explorar por métodos modernos quer justificar os antigos junto do filho, que faz ele? Fala-lhe do Avô que Deus tem e que vivia muito bem sem tractores e sem adubos. E que faz o filho? Bota lágrima e explora a eira até ela ir parar às mãos da banca. Se um homem se meteu numa aventura imbecil de que não sabe sair e só a pode fomentar á custa do filho, que faz ele? Fala-lhe no Avô que era especialista em aventuras condenadas. E que faz o filho? Bota lágrima e vende tudo o que tem para continuar com a aventura.

Esta droga colectiva é das mais perigosas que existem porque é inteiramente irracional. Quem se der ao cuidado de ir a uma casa de fados ou a uma revista verá até que ponto esta droga afecta a vida da nossa colectividade. Se um quadro é mau, o autor atira-lhe a seguir com um outro baseado em bandeiras, antepassados e espadalhões para levar o público a botar lágrima e a não fazer á revista a crítica racional que, de outra forma, faria. Porque é que a gente canta o fadinho? Porque os nossos avós gostavam muito de ir até à Mouraria fazer «patuscadas». Que é o resultado de tudo isto?

Dizem os médicos especializados que quem se entrega a patuscadas desta natureza, mais tarde ou mais cedo dá em «patusco».

É giro ser patusco, não é? Os turistas até gostam muito.

CADA POVO TEM OS ANTEPASSADOS QUE MERECE E OS NOSSOS SÃO TÃO BONS COMO OS QUE SE FABRICAM LÁ FORA SE NÃO FOREM MELHORES

(Este artigo foi premiado com a medalha de Ouro da Exposição Universal de Paris)

Um texto de GUALDINO ROBLES DA COSTA

Apresentação-O Doutor Gualdino Robles da Costa é natural da Beira Baixa onde completou com inexcedível brilho o curso da Instrução Primária. Interessado em ampliar os seus horizontes, tirou o liceu em Viseu e, auxiliado pelos membros duma congregação local, instalou-se em Coimbra, na República dos Amantes da Tradição, para se formar em ciências. Constando, porém, que o curso de ciências **«não se coadunava com a sua formação radicada em princípios incompatíveis com o vil materialismo dos números»**, abandonou esse curso para frequentar o de Letras que terminou com um brilho só comparável ao que obtivera prèviamente na Instrução Primária. A sua tese — **«Os antepassados de Sto. Agostinho eram de Vila Nova de Gaia» ainda hoje é considerada como obra-prima do género e dela se venderam 6 exemplares O texto que publicamos neste número da Moscà é duma sua obra em preparação, intitulada «Há antepassados e antepassados - uma crítica aos antepassados dos russos e dos chineses do nosso tempo»** a publicar brevemente. (Editorial «Verdade e Esperança»)

Todos temos antepassados. Trata-se duma verdade que mesmo os nossos piores inimigos dificilmente poderão negar. Trata-se duma verdade tão evidente que mesmo os nossos piores inimigos tem antepassados, embora lhes custe reconhecer este facto. Digam o que disserem os materialistas que ocupam as colunas dos nossos jornais — e já chamamos a atenção de quem de direito para este facto — Lenine teve antepassados como os tem Mau e Fidel de Castro. Está, assim, o antepassado na base de todo o ser vivo porque, como dizia o meu saudoso professor D. Bento de Castro, só não teve antepassados quem não chegou a nascer. Sei bem que esta verdade não agrada a muitos e que vai haver quem a negue apoiando-se em doutrinas importadas de origens duvidosas mas a verdade é esta, custe a quem custar: todos temos antepassados e mesmo os que maldosamente renegam os seus antepassados tiveram antepassados.

Aceite esta premissa fundamental, há que encarar os inúmeros problemas por ela suscitados. Antes de mais há que determinar quantos tipos ou géneros de antepassados é que existem presentemente. Sustentam alguns — certamente na intenção de bem servirem a colectividade reforçando a força dos livros sagrados — que todos tivemos Adão por antepassado mas eu, embora fazendo justiça às justas intenções de quem sustenta tais doutrinas, sou forçado a afirmar que a investigação objectiva não apoia esta tese. Estudei em Coimbra sete árvores genealógicas diferentes e em nenhuma encontra qualquer referência a Adão ou a Eva — outra pessoa que alguns, talvez para defenderem ideias mais ou menos destinadas a divulgarem o chamado princípio internacionalista, afirmam ser uma antepassada comum a todos os homens. Estudei, como disse, as árvores genealógicas de sete famílias: os Tales, os Teles, os Tiles, os Toles e os Tules. Na base da família distintíssima dos Tales de Alfarrubeira, encontrei uma tal D. Faguntinha bigode e patilha à passa-piolho mas que em nada se assemelhava à gravura de Adão que vem no meu livro de orações; na base da família dos Teles da Azambuja — uma bela vila situada junto ao Tejo — encontrei um distinto cavaleiro chamado D. Gonçalo que julgo não ter sido parente de S. Gonçalo de Amarante e que parece ter falecido dum desastre de automovel na auto-estrada, o que me leva a crer não se tratar de Adão; na base da família dos Tiles do Arieiro encontrei uma senhora D. Lisette de quem nada me foi possível saber senão que armou os seus três filhos motoristas de praça e que, uma vez armados, os dia-adia; na base da família distíntissima dos Toles de S. João do Estoril, encontrei uma senhora no seu tempo conhecida pela sua muita virtude, de quem nada posso dizer senão que fazia um belo pão de-ló-coberto de ovos moles, muito apreciado na época. Resta-me falar dos Tules da Murtosa que estão ligados ao início do embarrilamento das enguias no tempo das descobertas. Trata-se duma das mais distintas famílias do litoral português e, dado que embarrilaram enguias, na bela vila da Murtosa, séculos antes de Alfredo da Silva ter nascido, é de admitir que tenham sido os verdadeiros fundadores da industrialização nacional.

O que me parece evidente é que nenhu ma destas famílias descende de Adão e que é por isso falsa toda e qualquer tentativa de atribuir a toda a humanidade um passado e um antepassado comum.

A verdade é que todos os povos tiveram os seus antepassados e que eles diferiam radicalmente uns aos outros.

Tudo leva, mesmo, a crer que as diferenças que hoje se verificam entre os diversos povos, se devem atribuir a esta diversidade de antepassados.

Darwin, por outras palavras, talvez tivesse razão, mas apenas em relação aos antepassados das outras raças. A lusa raça provém de Uracas e Fagundes, de Afonsos e de Henriques — nunca de símios e de símias.

Quem se der ao cuidado de estudar as perniciosas doutrinas filosófico-políticas dos russos e dos chineses que actualmente se batem pelo comando material do mundo — o comando espiritual pertence-nos porque os herdamos das e das Urracas — verificará que tais doutrinas só de descendentes de símios poderiam provir o que, repetimos, confirma os nossos pontos de vista.

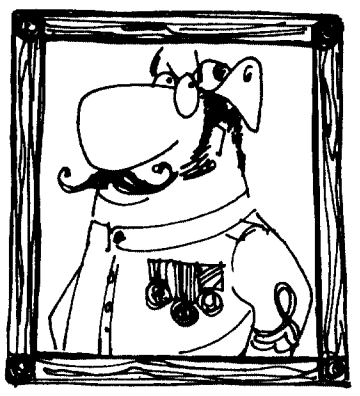
Tive, há pouco tempo, ocasião de falar com um jóvem desses descaminhados que para aí andam em contestação permanente. Defendia ele — ainda que com a honestidade própria da juventude — pontos de vista diferentes dos meus e, terminado o repasto e bebido o magnífico cognac herdado pelo pai deste jovem dum seu tio conhecido pela lusíssima alcunha de «O Rameloso», tive ocasião de o conquistar à minha causa. Era noite e, lá fora, o vento rangia nas aldrabas da porta. Dentro de casa um ambiente requintado: lareira eléctrica, bibelots das Artes Decorativas e, aqui, e além, um prato da China a tradicionalar o ambiente.

Pus a mão no ombro do rapaz e, pegando num prato da China, perguntei-lhe se ele sabia o que eu tinha na mão. Esperei uns segundos para que a minha resposta tivesse todo o ar duma verdade amarga e expliquei-lhe, no silêncio apenas cortado pelo crepitar electrónico da lareira eléctrica:

É um prato Ming, meu filho. Diz-me, honestamente, quem é que é descendente de símios: nós que temos uma porcelana a que demos o nome de porcelana das Caldas e que tivemos a nossa celebrada fábrica do Rato, ou essa gente que outrora deu à sua porcelana o nome de Ming?

Estupefacto, o rapaz fitou-me em silêncio e eu, do alto das minhas Urracas e Fagundes, liquidei-o:

Diz-me lá se Ming não é mesmo nome de macaco?



ANTEPASSADOS PRIVADOS E ANTEPASSADOS PÚBLICOS

-Contribuição para a definição de uns e de outros.

Uma entrevista de «A MOSCA» com o Doutor João Marques Rosado da Cruz.

João Marques Rosado da Cruz nasceu em Lisboa e formou-se em Paris onde obteve vários prémios de investigação científica. Dada a sua extensão, não nos é possível mencionar toda a imensa lista de eventos mencionados no seu «curriculum vitae», mas não é preciso fazê-lo: João Marques Rosado é sobejamente conhecido dos nossos leitores para que tenhamos de o apresentar. O que interessa sublinhar é que se trata duma das pessoas de maior envergadura neste campo de actividade e que não podiamos, por isso, deixar de o ouvir.

Diga-nos, senhor Doutor, quantas espécies de antepassados há?

Bàsicamente há duas: os privados e os públicos mas, acerca destas duas espécies há vários conceitos a meu ver coincidentes.

Poderá esclarecer essas palavras?

Com todo o prazer. Entendeu-se durante muitos anos que o antepassado privado era aquele que não atingira realce público, aquele que apenas sobrevivia no âmbito familiar. Não há família, para lhe dar um exemplo, que não tenha tido um avô almirante ou um bisavô membro da academia. Algumas até têm, numa pequena vitrine envidraçada, uma pertença desse antepassado, como uma caneta, ou um relógio ou uma condecoração.

Antepassado público é aquele que vem da História, que pertence não a uma família mas a todas as famílias. Quando nos referimos, por exemplo, a D. Fuas Roupinho, não estamos a mencionar o antepassado dos Roupinhos pròpriamente ditos, mas os nossos próprios antepassados. Todos, por outras palavras, somos bisnetos de D. Fuas Roupinho. Tal como todos os franceses são, a um tempo, descendentes de Luis XVI e de Marat, todos somos descendentes de D. Pedro e de D. Miguel...

O que me parece um pouco contraditório...

Taras familiares. Quando nos declaramos descendentes, por exemplo, do «Judeu», estamos a confessar-nos também descendentes dos que o queimaram, vai para uns anos, em Coimbra. O processo de ascendência é o mesmo...

Isso não será um pouco confuso?

So para quem não é formado em poesia histórica. Trata-se duma ciência muito desenvolvida entre nós e, aliás, entre todos...

Falou V.Exa. numa diferenciação de conceitos...

E que modernamente distinguem alguns entre os antepassados privados, que viveram à sua própria custa e os antepassados públicos que viveram à custa do público.

Como assim?

Não foi pròpriamente com os seus rendimentos que el rei D. Sebastião custeou a expedição a Alcácer Quibir...

Qual é a opinião pessoal de V. Exa?

Que estes dois conceitos estão a confundir-se e que, dentro de uma geração, não terão razão de ser...

Porquê?

Porque é o público e só o público que custeia, actualmente, a heroicidade privada. Observe o meu amigo a vida dum industrial qualquer que obtem uma vantagem alfandegária para a importação de máquinas ou que sustenta uma ampla máquina publicitária destinada a vender ao público uma ideia que lhe vai custar um dinheirão - quem é que paga esse benefício ou a concretisação dessa ideia? O público, meu caro amigo. E quem é que fica com o retrato, pintado a óleo, na galeria dos retratos familiares? O industrial, meu caro amigo...

A questão parece-me complexa...

Muito.

Quererá V.Exa. esclarecê-la um pouco?

Não.

Não tem, então, mais nada a dizer?

Não.

Mas, se quisesse, poderia continuar a falar desta questão dos antepassados públicos e dos antepassados privados?

Sim.

Não está, todavia, interessado em continuar?

Não.

A Exa. é extraordinariamente lacónico...

Sim.

Não lhe consigo, então, arrancar mais nada?

Não.

MÁQUINAS DE LAVAR · ROUPA
SIEMENS
Oportunidade única
Visite e consulte
estabelecimentos Cancela
C. do Combro, 17·33 · Lisboa
Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 85 · B · Algés
Av. D. Afonso Henriques, 20 · Almada

A MELGA NO PRATO

Fica «A Furna» na Rua Ferreira Lapa, como podia ficar na Rua do Ouro, na Rua dos Remédios à Lapa ou na Praça da Alegria. É um restaurante que não pretende ser «moderno» - quem entra adivinho logo, pela decoração, que se pretendeu «juntar o moderno ao clássico» para que o conjunto ficasse «harmonioso» e atraísse simultaneamente os estratos mais antigos e mais jovens da população. Valerá a pena acrescentar que o resultado final é incaracterístico, pseudo-moderno e pseudo-clássico, típico do gosto pequeno-burguês que está a alastrar pelo país fora e que não tem o menor interesse para ninguém?

A loiça - a tradicional cópia cavalinho - anda a dançar no ambiente sem saber ao certo porque diabo é que a escolheram para rimar, estéticamente, com aquele plástico todo e o plano com que está forrada a parede do fundo - estamos a vê-lo numa estalagem dotada de boas lareiras - deve sentir-se mal na rua Ferreira Lapa, situada essa rua, como está, numa das zonas incaracterísticas da cidade.

Fomos a este restaurante com um certo receio, agravado, logo à entrada, por um letreiro que nos dá a entender estar o mesmo integrado num conjunto de que faz parte um bar e uma boite.

Como é evidente, um restaurante que dedica os seus esforços a satisfazer os apetites da população pseudo-cosmopolita que frequenta as boîtes de Lisboa não tem um grande interesse gastronómico e não passa, por outras palavras, duma brincadeira.

A lista que nos apresentaram confirmou, ainda mais, este receio inicial, já que dela faziam parte, além de outros pratos incaracterísticos, alguns francamente dedicados a tal população que come pelos nomes dos pratos mais para se afirmar socialmente do que por outros motivos. O «imperador assado à transmontana» apavorou-nos por sabermos que Trás-os-Montes não é mais privilegiada das regiões portuguesas em matéria de peixe do mar e ao depararmos com «Trutas à moda de Sesimbra» mais preocupados ficámos dado que a truta não frequenta - pelo menos habitualmente - a baía dessa nossa vila marítima. Será que as trutas de Sesimbra são pescadas nos riachos das falésias? Frequentadores assíduos de Sesimbra, podemos afirmar que nunca por lá vimos trutas e que nunca ouvimos falar de

qualquer maneira específicamente sesimbrense de pescar trutas. Para perturbar, ainda mais, qualquer pessoa entendida em cozinha portuguesa, continha a lista uma outra iguaria de artesanato local - nada mais, nada menos, do que uns peixinhos à Setubalense. Como o peixe que todos ligamos a Setúbal é o salmonete, ficamos espantados ao verificar que os tais peixinhos eram robalinhos, tanto mais que o caracteristico de Setúbal é o salmonete e não a forma de o cozinhar que temos de reconhecer tão popular em Paris ou em Madrid como na cidade do Sado.

Escolhemos o imperador à moda de Trás-os-Montes com certo receio e nada nos dá mais prazer do que afirmar que se trata dum peixe maravilhosamente assado.

Poucas vezes temos comido um peixe assado tão bem temperado e confeccionado como este que nos foi dado comer na Furna, o que só mostra como as aparências iludem e como, efectivamente, quem vê decorações não vê cozinheiros.

Levados pela curiosidade, provámos o rim com ervilhas escolhido por outro cliente e só lamentamos que as ervilhas fossem daquelas que agora por aí se vendem, julgamos que a título de refugo da II Guerra Mundial, já que foram criadas para se transformarem em bolas e não para serem cozinhadas. Duras, semi cruas e acidas, estavam verdadeiramente incomíveis o que é tanto mais de lamentar quanto é certo que o rim estava bem condimentado e agradável.

Fizemos seguir, ao imperador, um pudim de pão recomendado por um empregado solícito e simpático e, apesar de não apreciarmos esse tipo de sobremesa, somos obrigados a dizer que o pudim estava uma delícia.

Ou por esquecimento ou por política da casa, não nos foi dado estudar a lista dos vinhos, de forma que bebemos o tinto da casa com prazer. Julgamo-lo proveniente do garrafão, mas o certo é que é muitíssimo bom.

Não há dúvida de que «A Furna» conta com um bom cozinheiro - quantos restaurantes se poderão gabar disso - como conta com empregados simpáticos e eficientes.

Basta isso para nos referirmos a este restaurante que serve uma area mal servida neste campo, mas julgamos útil referir, ainda, que nos foi apresentada uma conta aceitável. Duas pessoas podem almoçar muito razoàvelmente na Furna por cerca de 100$00 incluindo nesta quantia o vinho, as sobremesas e os cafés.

Renault 6: o automóvel station

De automóvel, tem o RENAULT 6 TL a linha, o conforto, a performance e a elegância. Com o seu motor de 1100 cc a sua tracção à frente e os seus travões de disco às rodas da frente, O RENAULT 6 TL devora os quilómetros e curva como gente grande. Mais: para absorver suavemente as irregularidades das estradas em mau estado, vem equipado com longas barras de torção e com uma suspensão de grande amplitude.

De station, tem o RENAULT 6 o vasto espaço utilizável e um caracter funcional que o torna adaptável a todos os usos. A quinta porta, por exemplo, dá acesso a um vasto espaço utilizável, mediante o abaixamento do banco trazeiro, ao transporte de grandes volumes.

O RENAULT 6 – O automóvel destinado a quem também precisa, muitas vezes, duma station.

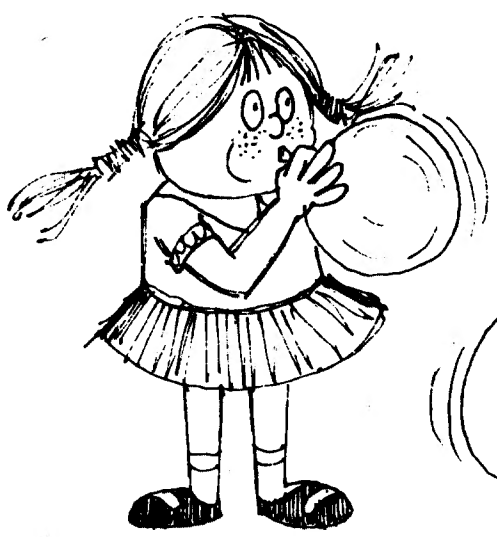
Tracção à frente - 48 HP SAE - 135 Km/h - 1108 cm³ - 7,5 lts. aos 100.

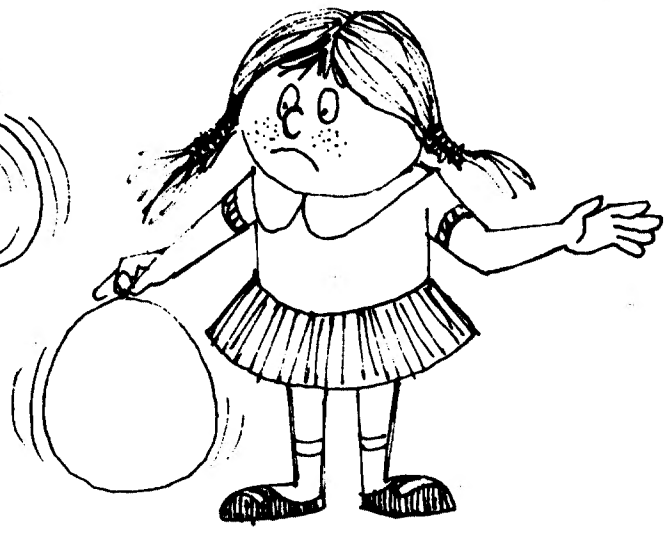
RENAULT

MONTADOS PELAS INDÚSTRIAS LUSITANAS RENAULT

Importadores exclusivos: UTIC – Av. da Liberdade, 136 – Lisboa - Av. dos Aliados, 195 – Porto
e rede de agentes em todo o país

adap. PUBLIARTE





A INFLAÇÃO

O que me está a tramar é a inflação que é uma doença que anda para aí a matar muito mais gente que a cólera para quem não sabe o que é a inflação o melhor é eu explicar sabem o que é uma doença que há chamada barriga de água e outra que também há chamada joelho de àgua? pois inflação é uma carteira de ar vai uma pessoa à rua comprar isto e aquilo e mal acaba de comprar isto abre a carteira e vê que não tem dinheiro para aquilo querem saber porquê? porque a carteira está cheia de ar ainda noutro dia vi um caso de inflacção terrível. na praça fui lá com a minha mãe ver se ela comprava umas coisitas para a gente comer e vai quando ela chegou ao carapau deu com ele a 38$00 o quilo comprou meio quilo foi ao lugar comprar umas batatitas tão pequenitas que pareciam castanhas mas quando foi a abrir a carteira para pagar as cebolitas deu com a carteira cheia de ar e teve de ir para casa sem elas o resultado está-se mesmo a ver quando o meu Pai chegou a casa para almoçar e deu com carapaus assados com um molhito à espanhola que não tinha nem azeite nem colorau nem cebolas ficou pior que uma barata e perguntou «que raio é isto?» e a minha Mãe a fingir que estava bestialmente satisfeita para disfarçar a responder» é um molho novo que eu aprendi numa revista parece que os franceses gostam muito» e ele logo aos berros que não era francês que tinha nascido na Graça que se estava marimbando para a França que o que queria era que se deixassem de fantasias e que lhe dessem comida de gente lá que ele tinha uma certa razão tinha lá isso tinha porque ainda dois dias antes lhe tinham dado uma pratada de bacalhau com todos a que só faltava o bacalhau e os ovsos e quando ele perguntou se estavam a reinar com ele a minha mãe tinha-lhe respondido que era bacalhau com todos à francesa e que tinha aprendido a receita numa revista ora com receitas destas não espanta que ele começasse a desconfiar da França enfim o melhor é a gente apertar o cinto que isto vai de mal a pior por causa da inflação é claro que há para aí quem diga que é mentira e que está tudo bestial ainda no outro dia ouvi dizer isso mas a pessoa que o disse coitadinha morreu no dia seguinte de fraquesa parece que se estava a treinar para viver sem comer só para obedecer às ordens porque todos os dias a gente lê nos jornais e ouve na radio e na televisão que temos de nos preparar para enfrentar o futuro o pior é que este morreu antes de chegar o futuro é preciso ter azar sim porque uma coisa é uma pessoa morrer treinada e outra é uma pessoa morrer quando ainda se anda a treinar cá em casa mais dia menos dia temos todos o retrato nos jornais porque andamos a treinar-nos para o futuro há uma data de anos agora é que chegamos à última fase dos treinos se cá tivessemos o Meirim para nos mentalizar já nem comiamos mesmo sem Meirim isto não vai mal ontem comemos um caldito verde ao almoço e um arrozito de grão ao jantar e hoje vamos pelo mesmo caminho porque andei a espreitar na cozinha e vi a minha Mãe a picar salsa a passar umas batatitas pela máquina e a desfazer um capapauzito de maneira que já sei que vamos papar pasteis de bacalhau que é uma limpeza no meio de tudo isto quem se trama são os homens das prestações porque o meu pai há mais de seis meses que não compra nada a prestações agora anda a vender tudo o que havia cá em casa por dez reis de mel coado e diz que a gente ainda anda com muita sorte porque mais dia menos dia vamos voltar a comprar coisas a prestações e sabem o quê? os carapaus e as batatas e as cebolas e tudo o mais que é preciso para viver eu se tivesse pilim montava já uma loja de vender óleo e azeite a prestações e fazia uma fortuna sim porque a gente tem de confessar que os nossos homens de negócios andam muito atrasados a prova é que ainda no outro dia um senhor aqui da Graça quis pôr no prego uma pescada de dois quilos e o palerma do dono do prego não a aceitou quando toda a gente sabe que uma pescada de dois quilos vale 146$00 e que há uma data de aneis de prata que valem muito menos do que isso e que o homem do prego era capaz de aceitar isto o que é prova sim o que é que isto prova? O que isto prova é que os nossos homens de negócios andam atrasados uma data de anos e que assim a gente nunca mais sai da cepa torta quando eu vir que as lojas de prego têm montras frigoríficas como as dos talhos e que metem lá carapaus e bocados de carne começo a acreditar nos nossos homens de negócios e no futuro do país entretanto vou-me preparando para viver sem comer

Gudinha

CONTA CORRENTE Diário de Lisboa

ANÚNCIOS PUBLICADOS em 6 de Novembro de 1971

MARCAS E ANUNCIANTES	PÁGINA	ARTIGOS-PRODUTOS-SERVIÇO COMPRADOS	PONTOS	VALOR EM ESCUDOS
Ondex	2			
AEG/Telefunken	3			
Torralta	4			
Austin/J. J. Gonçalves	5			
Laboratório Aclas	8			
Garantia OCL	8			
Ford	10			
Olympus/Comundo	12			
Cimentos de Leiria	13			
Nikon	15			
Riber/Sabel	18			
Caves Aliança	19			
Sanyo	20			
ABC/A. Ribeiro D'Almeida	20			
J. Pimenta	21			
Companhia Colonial de Navegação	22			
Diese	dois			
Volkswagen/Guerin	dois			
Companhia de Seguros Ultramarina	Quatro			
Daga	Cinco			
Miraflores	Oito			
«Petter»/Cometna	Dez			

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

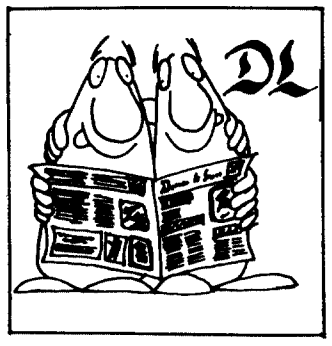
Aceit am-se d es de já assi n aturas p elo período da iniciativa. Essas assinaturas garantem aos interessados os e x e mpla res pretendidos, com os preços seguintes:

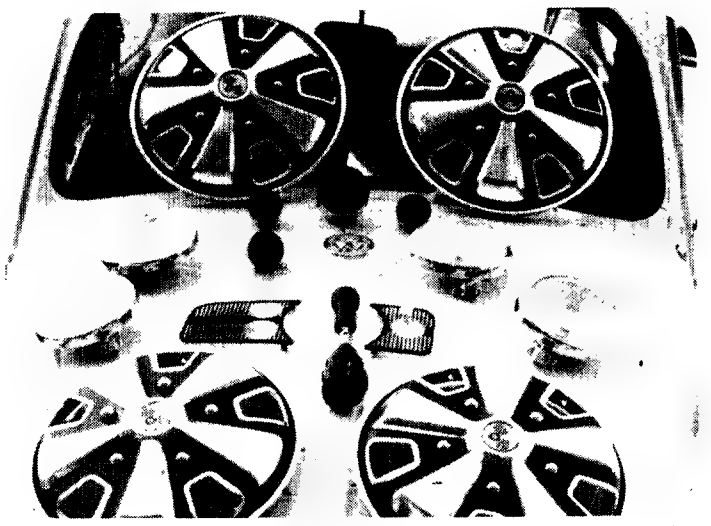
3 meses 130$00
6 meses 250$00
12 meses 485$00

Pag a mento adiantado, em vale do correio, cheque ou selos.

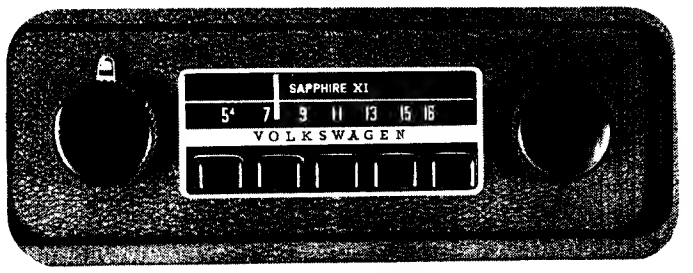
O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe e n v i e mos pelo correio o cartão de Identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão duplo um selo de correio de 1$00.





O jogo de extras que a «Volkswagen» reservou para um feliz participante na «Conta-Corrente».



LISTA DE PRÉMIOS

1.º PRÉMIO — Uma vivenda na área de Cascais, construída por Baraona e Baraona, Lda., completamente mobilada com móveis Baía e um CITROEN AMI 8.

Um seguro Ramo Fogo, na Garantia Funchalense, no valor de 1000 contos.

— Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 200 contos.

2.º PRÉMIO — Uma «station» AUDI 75 Variant.

— Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 200 contos.

3.º PRÉMIO — Um barco «DORI 13», equipado com motor EVINRUDE.

— Um seguro Ramo Acidentes Pessoais, na Garantia Funchalense, no valor de 100 contos.

CLASSIFICAÇÃO POR MARCAS OU ANUNCIANTES

PRÉMIO DO JORNAL «MOTOR» — Um Triumph Spitfire último modelo.

PRÉMIO GARANTIA FUNCHALENSE — Um seguro Ramo Acidentes Pessoais no valor de 5000 contos.

PRÉMIOS VOLKSWAGEN — 1.º Prémio — Assistência técnica durante um período de 20 000 quilómetros a contar da data da atribuição do prémio.

2.º Prémio — Jogo de extras «VW» constituído por faróis de nevoeiro e de longo alcance, tampões desportivos, alavanca especial e «cockpit» com relógio, manómetro de pressão de óleo, grelhas, termómetro e conta-rotações.

3.º Prémio — Auto-rádio BENDIX, modelos Saphira XI incluindo antena e montagem.

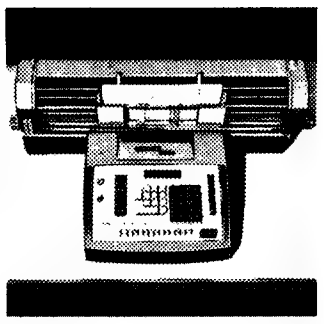
Prémio especial — Fim-de-semana em Paris com todas as despesas pagas (passagens de avião e hospedagem em hotel de 1.ª classe em regime de pensão completa) para duas pessoas, e ainda um Volkswagen às ordens no Aeroporto de Orly.

TORRENTE DE PRÉMIOS "VOLKSWAGEN"

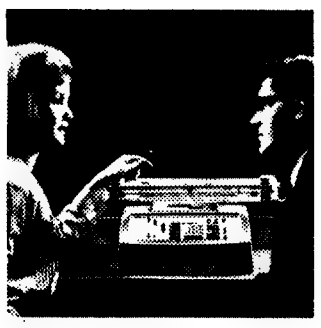
A Sociedade Comercial Guérin instituiu, como primeiro prémio da conceituada marca «Volkswagen», para a «Conta-Corrente», um período de assistência técnica a contar da data da sua atribuição. Para o segundo lugar dessa tabela destinou um jogo de extras «VW», constituído por faróis de nevoeiro e de longo alcance, tampões desportivos, alavanca especial e «cocpit» com relógio, manómetro de pressão, grelhas, termómetro e contra-rotações. Um auto-rádio «Bendix», modelo «Saphira XI» (incluindo antena e montagem) é o valioso terceiro prémio, igualmente oferecido pela Guérin a mais um partecipante nesta espectacular iniciativa que comemora o 50º aniversário do nosso jornal.

Acrescentamos mais um pequeno **nada**, independentemente destas ofertas, a Guérin instituiu também um prémio especial a sortear entre todos os leitores do «Diário de Lisboa» que enviarem àquela firma o boletim de identifiações que será publicado no dia em que se fizer a derradeira inserção de anúncios incluidos na iniciativa «Conta-Corrente». Esse prémio, constituido por um fim-de-semana em Paris, com todas as despesas pagas (passagens de avião e hospedagem em hotel de primeira categoria em regime de pensão completa) para duas pessoas e, ainda, um «Volkswagen» às ordens, a partir da chegada do felizardo ao Aeroporto de Orly, é fabuloso, não é verdade?

...ESTA É A NOSSA
COLABORAÇÃO...



Um programa completo de máquinas de contabilidade e sistemas de organização



Uma equipa de especialistas em organização e racionalização administrativa

Um centro mecanográfico equipado para execução, actualização e supervisão de serviços de contabilidade

Cursos rápidos de preparação nos nossos métodos para o pessoal das empresas

EFICEX KIENZLE
FUNDADA EM 1947

SERVIÇOS TÉCNICOS EM LISBOA: Av. João XXI, 4-A — Telefs. 727028 - 725074
SERVIÇOS COM. DE LISBOA: Av. P. Manuel da Nóbrega, 4-B — Tel. 726105 - 727019
FILIAL NO PORTO: Rua Passos Manuel, 228, 1.º - Esq. — Telefone 30698

Euro-Pacific
Joint Service

Para:

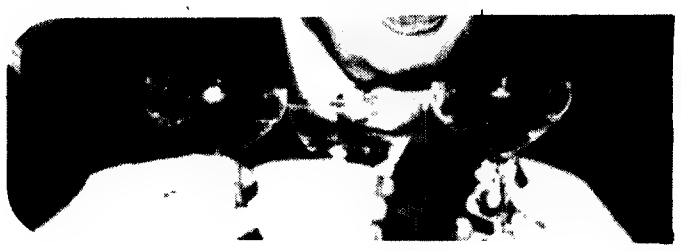
LOS ANGELES — SAN FRANCISCO
VANCOUVER — PORTLAND
OAKLAND

n/m. «KATSEDIJK» em 23 do corrente

Os Agentes Gerais:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA, Nº 4
LISBOA 2
TEL. 366056 362266
PORTUGAL

AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY, & BARROS LEITE, LDA.



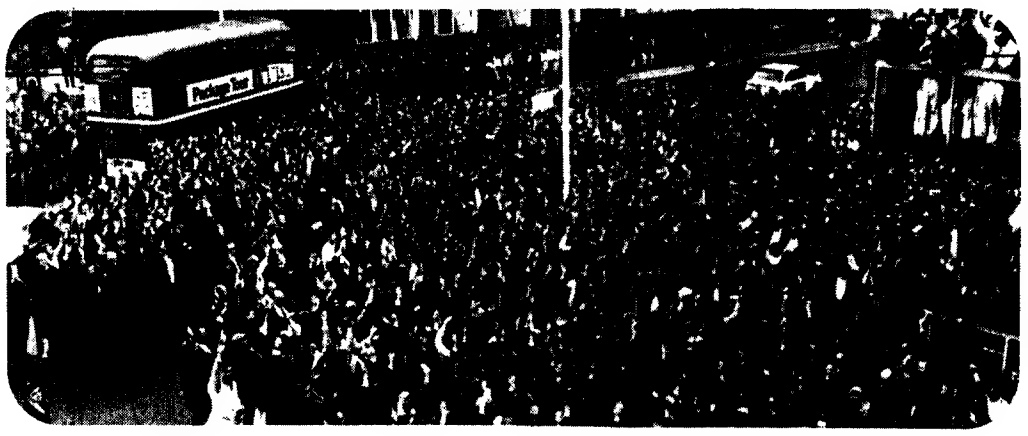
A Inglaterra mal prepara

por Anthony Sampson EXCLUSIVO «LE MONDE» «D. L.»

LONDRES, Novembro - Desde que há seis meses se desencadeou o «grande debate», temos vindo a ser inundados de informações: de um lado, cartazes nas janelas das casas, prospectos nas traseiras dos automóveis, desdobráveis nas grandes lojas, todos a proclamar «A Grã-Bretanha não entrará», «Diga não à Europa», «Mercado de logros»; do outro, enormes «placards» publicitários a revelar «O que devemos saber da Europa», com dados sedutores sobre a elevação do nível de vida, a melhoria dos serviços sociais, o prolongamento das férias.

Tanto um como o outro partido sublinharam que se tratava de uma das mais importantes decisões a tomar pelos ingleses no decurso de toda a sua história. Mas agora que o Parlamento respondeu afirmativamente ao Mercado Comum sentirá o cidadão médio que o seu país está em vias de mudar? Irá o Canal da Mancha parecer mais estreito, o Atlântico mais vasto e os franceses menos estrangeiros?

O grande debate agitou, sem dúvida, os partidos políticos e provocou muitas preocupações, sobretudo no seio do Trabalhista. O problema da Europa acentuou ali a divisão entre a ala esquerda e a direita - ou, para ser mais preciso, entre os chefes dos sindicatos e os da burguesia. Os trabalhistas pró-europeus, tendo à cabeça Roy Jenkins, foram tratados como «élitistas», acusados de não ter contactos com os trabalhadores e de apoiar os conservadores numa altura em que os poderiam derrubar.



Empregados do aeroporto londrino de Heathrow discutem ao ar livre algumas alíneas importantes do seu contrato de trabalho. A mesma participação popular não foi, porém, proposta pelos dois partidos mais fortes no debate europeu.

O conceito de Mercado Comum surgiu cada vez mais como uma ideia da gente rica. Com efeito, há na esquerda inglesa muitos partidários do Mercado Comum a acreditar que a Grã-Bretanha deve entrar na Europa para lhe modificar o carácter. Mas a posição destes não foi fácil até ao momento do voto final, dado que as críticas por eles formuladas contra o Mercado Comum eram outras tantas armas oferecidas aos anti-europeus.

A NATUREZA DO INFERNO

O debate foi feroz e muitas vezes amargo, mas não foi franco, A maior parte das divergências sobre a Europa compõe-se, na realidade, de velhas querelas no próprio seio do partido e sinais de rivalidades quanto ao poder. O que mais surpreendeu nos discursos, na televisão ou nas reuniões partidárias foi a ausência de discussões ou de esclarecimentos sobre a natureza e os problemas da Europa. Os chefes políticos acusavam-se mùtuamente, agitando estatísticas, citando economistas e historiadores; mas, perante o seu quase total mutismo sobre o Continente, ficava-se com a impressão de estar a ouvir os teólogos da Idade Média a discutir a natureza do Inferno. Os grandes ausentes do debate foram os próprios europeus; quando por acaso um político alemão federal ou francês era convidado a dar a sua opinião, depressa se via reduzido ao silêncio por apaixonados debates de uma incidência política mais geral.

Os pró-europeus britânicos, quer conservadores, quer trabalhistas, não manifestaram vontade de reforçar os laços com os partidos políticos do Continente; a sua principal preocupação foi a de mostrar que, fosse qual fosse a decisão, a tomariam sem ajuda dos estrangeiros. Por seu lado os anti-europeus puderam jogar com os receios de um «chauvinismo» tradicional. Como afirmou James Callaghan, chefe dos anti-europeus trabalhistas: «Se me perguntarem se desejo abandonar a língua de Chaucer, de Shakespeare e de Milton, respondo: «Non, merci».

IGNORÂNCIA E DESCONFIANÇA

Não se pode pretender sèriamente que a entrada na Europa corresponde a uma mudança radical nos sentimentos da população. É verdade que as sondagens feitas à opinião pública mostram que os partidários do Mercado Comum são hoje mais numerosos do que há seis meses; o encontro entre Heath e Pompidou e a campanha publicitária que se seguiu engendraram evidentemente, na Grã-Bretanha, um maior optimismo a respeito da Europa e apagaram a lembrança das humilhações infligidas por De Gaulle. Várias sondagens, no entanto, revelaram uma espectacular ignorância do que é na verdade o Mercado Comum e dos seus objectivos.

Nada há aqui de surpreendente. Para a maior parte dos britânicos de mais de 45 anos, a grande experiência da Europa remonta à última guerra, que lhes deixou uma profunda desconfiança por todos os continentais. O seu comportamento a tal respeito continua paralisado desde 1944. A nova geração britânica é, sem dúvida, menos pessimista que a precedente a respeito da Europa, mas teve menos contactos com os países vizinhos do que os jovens do continente, e há ainfa muita gente nova a ter da Alemanha uma ideia tirada dos filmes de guerra.

Quanto aos intelectuais de hoje, comparados com os de entre as duas guerras, não têm nenhum contacto com a cultura e a política continental. Pode ver-se em Londres uma pequena equipa de escritores, universitários e diplomatas que trabalha no sector anglo-francês, mas é tão fraca perante os numerosos representantes da sociedade anglo-americana e as multidões de professores universitarios britânicos que vão todos os anos proferir conferências nos Estados Unidos! O mundo anglo-germânico é ainda mais pequeno e os intelectuais britânicos dão provas de encarniçada determinação em não conhecer a Alemanha contemporânea. Ainda não há muito tempo encontrava-me eu entre gente culta que se divertia a descobrir os nomes de dez alemães contemporâneos. Quase ninguém o conseguiu, admitindo mesmo o nome de Marlene Dietrich.

Evidentemente, grande parte desta ignorância acerca da Europa é corolário da enorme influência política e da cultura americanas, tão visíveis nos livros, nas peças de teatro, nos filmes e sobretudo na televisão. Os folhetins americanos, as comédias musicais e os filmes antigos constituem a base da televisão britânica e as notícias dos Estados Unidos eclipsam as de todos os outros países estrangeiros. A B.B.C. tem consciência deste defeito e alguns «pró-europeus» que aí trabalham tentaram remediá-lo introduzindo espectáculos franceses ou alemães; o estilo cómico ou dramático francês ou alemão só com muita dificuldades passa nos «écrans» britânicos.

A predominância americana nos domínios da cultura, da política e da informação é, sem dúvida, um fenómeno comum a toda a Europa Ocidental. Os próprios franceses estão melhor informados sobre o que se passa nos Estados Unidos do que na Alemanha. Mas a língua comum e o parentesco anglo-americano fazem com que os leitores e os telespectadores estejam menos preparados para absorver, em versões adaptadas, as culturas dos países vizinhos.

Uma interessante excepção foi a difusão do filme de Marcel Ophuls, «**Le Chagrin et la Pitié**», visto por dois milhões de telespectadores durante quatro horas. O êxito do filme, apesar da sua extensão e das dificuldades de tradução, foi um importante momento para a T. V. H. britânica. A emissão provocou muitas críticas e artigos, assim como cartas ao «**Times**»; no entanto, deve notar-se, o filme foi utilizado pelos anti-europeus para provar que se não pode contar com os franceses.

GAULOISES E CINZANO

Parece, pois, que os ingleses, mesmo a nível popular, aceitam as ideias, gostos e cultura do Continente; os «Renault» e os «Fiat» estão na moda; os cigarros «Gauloises», o Cinzano, os charutos holandeses e a cerveja alemã, o vinho francês e os queijos «de cheiro intenso» vão abrindo caminho nos gostos tradicionais britânicos.

Júlio em Dover: o antigo primeiro-ministro conservador Mac Millan brinda pela entrada da Inglaterra no Mercado Comum.

TROCO

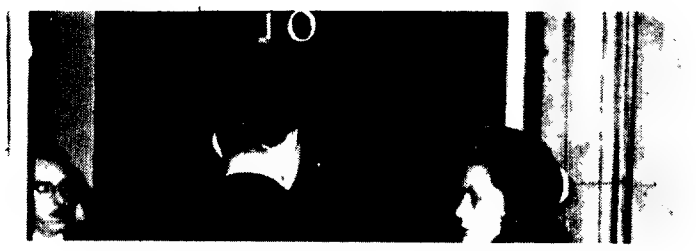
os seus móveis usados por modernos ou de qualquer estilo. Grande variedade em exposição. Facilidades de pagamento

Armazéns de Móveis
JORGE

Avenida Almirante Reis, 35
(Perto da igreja dos Anjos — Telef. 83 21 61

**POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA**

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência.



da para entrar na Europa

livrarias, Asterix, Rin-
m ou Angelique-estra-
o - estão em condições
correr com as impor-
populares americanas;
ma, os «westerns» ita-
conseguiram superar o
ceito que os ingleses
ntra a dobragem.
nte todos os Verões, a
migração e o facto de
Bretanha se tornar um
da vez mais turístico, tu-
e para introduzir ideias
mes estrangeiros. Para
ses, a modificação sem
mais importante consis-
adopção do sistema
, aceite com muito me-
culdade do que se pre-
a outra grande tradição
a vai sem dúvida desa-
, por influência estran-
uando se modificarem
sobre o consumo de
, autorizando assim
«pubs» sirvam bebidas
as até mais tarde.

A ERA DO TÚNEL

trada da Grã-Bretanha
cado Comum vai fazer
r, na política e na cultu-
ropeias, novas in-
pode acontecer que
gência aparente entre
resses políticos ameri-
britânicos torne a ima-
s Estados Unidos me-
aente. No entanto, um
continuará a separar a
dos britânicos à Comu-
Europeia de uma verda-
onsciência, da sua par-
e integrarem numa cul-
is vasta e numa socie-
argada.
nsequência imediata da
de se juntar ao Merca-
um será, provàvelmen-
grande acalmia, como
eu em França há quin-
. Uma nova geração de
s crescerá na era do
sob a Mancha, das
aduaneiras, das escolas
s e do intercâmbio es-
, antes de compreender
túnel passa por baixo
imples fosso.

A monarquia: cómoda, estética e tão romântica

por JOHN CRIGG
Exclusivo «Le Monde» - «D.L.»)

LONDRES, Novembro - Os britânicos, ao cantar **God save tha Queen**, exprimem o piedoso voto de que o Criador os continuará a tratar como filhos dilectos, pois se consideram como tais e estão persuadidos de que o merecem. A monarquia sobreviveu na Grã-Bretanha porque é o símbolo das nossas liberdades e não uma ameaça para elas.

O conceito inglês de liberdade é inseparável do de propriedade privada. Carlos I foi executado por constituir um perigo para o direito de propriedade. Assim, a Grã-Bretanha entrou na idade moderna liberta do peso da autocracia régia.

Oliver Cromwell não foi um regicida convicto. Teria estado de acordo com um sábio da sua época que afirmava: «Um rei é qualquer coisa que os homens fizeram no seu próprio interesse, por desejo de tranquilidade». Daí, um rei que impedisse os seus súbditos de fruir em sossego aquilo que considerassem como direitos poderia ser deposto, dado o seu poder provir daqueles a quem governa, e não de Deus. Foi o que Carlos I não conseguiu compreender. A maior parte dos seus sucessores admitiu-o com toda a facilidade, muito embora um deles, Jaime II, tivesse cometido o mesmo erro, vendo-se forçado ao exílio.

A partir da luta decisiva, que teve lugar no século XVII, os poderes governativos passaram progressivamente, e sem conflitos, do monarca para o Parlamento, que por sua vez se tornou cada vez mais representativo do povo. A expressão «a Coroa» aplica-se, não ao soberano, mas ao Governo responsável perante os eleitos pelo povo.

UM «SNOBISMO» INOFENSIVO

No entanto, se o Poder é uma coisa, a influência é outra e a monarquia constitui ainda hoje muito mais do que uma simples peça na engrenagem. Trata-se de uma instituição romântica que apela para o sentido estético. As pessoas adoraram-na porque lhes lembra que a Nação existe numa perspectiva histórica.

É também verdade que ela assenta na tendência para o «snobismo», característica dos ingleses. Mas o «snobismo» é, em certa medida, um traço comum a todos os homens, e poder-se-ia talvez acrescentar que é menos nocivo quando se manifesta num enquadramento institucional, assim como a paixão religiosa o é menos ao ser delimitada por uma Igreja.

Seja como for, o amor dos britânicos pela monarquia raramente degenerou numa excessiva adulação pelas personalidades régias. A devoção para com a instituição foi sempre acompanhada de uma grande facilidade em criticar os seus representantes, quando necessário. Ao contrário dos ministros, a soberana não é obrigada a responder aos críticos. Mas isso não é uma razão para que esteja ao abrigo de todas as censuras, nos domínios em que, com toda a evidência, é responsável pela sua acção ou inacção.

Em 1957 escrevi um artigo que, no conjunto, era elogioso para a actual rainha, mas que continha algumas críticas sobre certos pontos particulares. Os reparos eram moderados no tom e inspirados por um grande «lealismo». Obtiveram acolhimento favorável junto da opinião pública e mais tarde o seu fundamento foi geralmente reconhecido. Mas, mesmo na Grã-Bretanha, e mais ainda no estrangeiro, houve gente que tomou os meus comentários construtivos como um ataque à Monarquia.

Um emigrado russo radicado entre nós - antigo oficial da Guarda Imperial - escreveu-me uma carta em que quase me classificava de traidor por ter ousado criticar a soberana. Senti-me no direito de lhe responder que, se a monarquia russa tivesse sido objecto de críticas semelhantes, o meu correspondente não teria tido talvez necessidade de abandonar o seu país, e que a dinastia dos Romanoff nunca teria sido derrubada.

A família real dos nossos dias é, em geral e a justo título, muito popular na Grã-Bretanha. A rainha mostrou uma constância e um equilíbrio admiráveis numa época em que as modas se sucedem a ritmo estonteante. O príncipe Filipe bate-se infatigàvelmente pelas boas causas. O príncipe Carlos, desde que se tornou oficialmente uma personagem pública, tem provocado boa impressão e a princesa Ana foi vivamente aplaudida pelas suas proezas hípicas.

A maior parte dos outros membros da família desempenha o seu papel de diversos modos. Um dos grandes méritos da monarquia constitucional é permitir a uma família cujos membros têm interesses e idade diferentes desempenhar, à cabeça da Nação, um papel representativo distinto do executivo.

AS FRAQUEZAS

A meu ver, as principais fraquezas são as que passo a expor. O grupo de pessoas que oficialmente rodeia a rainha ainda não tem uma base social e étnica suficientemente ampla. A soberana está à cabeça de um «Commonwealth» à escala mundial e é o único monarca, além do Papa, cuja influência se exerce no mundo inteiro. A Corte nem sequer é verdadeiramente representativa da sociedade britânica.

Além disso, o Reino Unido é o único país onde a rainha realmente reside. Visita os outros países do «Commonwealth», mesmo aqueles de que é soberana titular, na qualidade de turista, rodeada de todas as honras. Numa época em que se não leva mais tempo a ir da Inglaterra ao Canadá do que o necessário à rainha Vitória para se deslocar de Londres a Balmoral, é lamentável que a soberana não tenha residência fora do Reino Unido.

Enfim, o programa das suas actividades tem tendência para ser demasiado rígido. Essas actividades são, em geral, estabelecidas com grande antecedência, quando é muitas vezes o gesto espontâneo o que mais fala à imaginação.

Mas trata-se de imperfeições fàcilmente remediáveis e, a meu ver, as virtudes da instituição - e particularmente as da actual titular - ultrapassam de longe os seus defeitos.

Cómoda, estética e romântica, a monarquia inglesa está (parece) de pedra e cal. Muito popular a princesa Ana marca regularmente pontos a favor da família.

AGRICULTURA DE GRUPO

PAMPILHOSA, 8 - Cientes de que, «se a agricultura da região se continuar a processar nos moldes actuais dentro de poucos anos não haverá, pura e simplesmente, agricultura», meia centena de lavradores desta freguesia bairradina reuniram-se, no salão do teatro local, com técnicos da Junta de Colonização Interna para estudarem a hipótese de se instaurar aqui a experiência de «agricultura de grupo».

Com a sua prudência habitual, os agricultores põem certas reservas à tentativa, cientes como estão de que é muito difícil, em mini-explorações como as que são norma nesta zona, e ainda por cima implantadas em terrenos acidentados, impôr soluções colectivas em condições de rentabilidade hipotética e de mecanização muito duvidosa.

Contudo, a agricultura atravessa uma crise gravíssima e tem de mudar de processos. Isto toda a gente sabe, sobretudo a partir do momento em que os braços debandaram à procura de vida melhor e mais independentes, provocando o abandono progressivo dos campos. Como em tantas outras regiões do interior, há por aqui campos outrora lavrados que são pasto da vegetação espontânea e inútil. Mesmo que fosse possível a mecanização - único processo lógico de substituir os braços que faltam - impõe-se reconhecer como é grave a falta de pessoal especializado, pois toda a gente sabe que os melhores foram-se embora, levados pela emigração.

Seja como for, foi constituída uma comissão para prosseguir os estudos, constituída pelos srs. João de Matos Oliveira, Domingos Lopes Pires e José Augusto da Silva (da «Liga dos Amigos da Pampilhosa»), e por Adelino Pato de Macedo, Alexandre Monteiro Ramos, Vasco Soares Cadete, prof. Cesário Rodrigues Azenha, Armando Soares Veiga e Elísio Felício.

Esta Comissão ficou de posse de todos os elementos fornecidos pela Junta de Colonização Interna e vai continuar a trabalhar com o eng. agrónomo António Lobo Alves, daquela Junta, e com o regente agrícola Silvestre Santos, da delegação de Aveiro dos mesmos serviços, com vista à formação das «Associações de Agricultura de Grupo» propostas.

TEM FALTA
DE ESPAÇO
NO SEU LAR?
Artis
Dispõe de técnicos e oficinas próprias para executarem por desenhos
MÓVEIS
MODERNOS
OU DE ESTILO
Rua Maria Andrade, 64
perto da Igreja dos Anjos
Tel. 84 87 19

ASSISTÊNCIA OFICIAL
FIAT

Assistência rápida, incluindo as revisões grátis: abrangidas pela garantia
FENIX
R. Palmira, 62-A — Tel. 844169

Mulher

A moda não é só para as mulheres...

O fato feito por medida tem, talvez porque sempre os teve, atributos intrínsecos de qualidade, de corte e de acabamentos que permitem uma beleza de formas e de qualidade exterior nunca encontrada em qualquer pronto-a-vestir por muito especial que este seja.

Contudo, e nisto consiste a questão, a falta de tempo que se faz sentir nos dias agitados em que vivemos torna a procura por parte do homem moderno ou ainda a sua preferência pelo pronto-a-vestir uma necessidade marcante, mais do que isso, uma tendência generalizada.

A maioria dos alfaiates, sobretudo os mais qualificados, possui já uma técnica especializada, uma prática desenvolvida, aliadas a um aperfeiçoamento adquirido através de conhecimentos internacionais, vindos das passagens de modelos do género, em Londres, Paris ou Roma.

Outros há ainda que não passam da mediana: fatos de cidade, mais ou menos simples, sem grandes variações de talhe ou de artifícios. Eles fazem também os tradicionais sobretudos para Inverno, já tão vulgarizados por todo o mundo.

Todavia, outros ainda existem que alcançaram já um sensacional desenvolvimento técnico, e destes saem os lindos fatos de Outono/Inverno, e, consequentemente, as grandes sensações para a próxima época.

Esses escolheram para a sua confecção tecidos muito quentes e confortáveis, mas ao contrário dos outros anos, tecidos leves, com tentadores forros em pele, isto para os casos de abafo, e fazendas extraordinàriamente suaves para os fatos de cidade.

Quanto à evolução do estilo, faz-se este ano, com uma habilidade de manufactura, que beneficia sobremaneira a silhueta masculina. As formas tendem a adelgaçar-se, os ombros aparecem nítidamente marcados e os pespontos nas bandas, acompanhando igualmente a orla do casaco, supreendem-nos, novamente, com a sua aparição.

Façamos, pois, para melhor nos apercebermos das transformações sofridas pelo vestuário masculino, para a estação fria, uma pequena ronda pelos grandes costureiros franceses do pronto-a-vestir.

Cifonelli é sinónimo de sucesso, através dos seus maravilhosos fatos de veludo ou veludo de algodão, confeccionados em cores escuras, onde o negro é vedeta.

A clientela de Lanvin prefere os fatos com duas fendas atràs, isto nos casacos, que são bastante compridos, quase rasando o joelho. Os padrões escolhidos são o escocês, as riscas escuras e os «tweeds».

Os trajos desportivos são executados em cachemiras, com grandes desenhos. São na sua maioria constituídos por jaquetões largos, usados sobre calças de flanela escura.

O «stock» de camisas impor-elegância masculina - lança para este Outono-Invernp tecidos de algodão de cores garridas, que fazem contraste com os tons escuros dos fatos. Também muito divulgadas, foram as camisas de «jaquard» para serem usadas com casacos de antílope ou camurça. Lanvin deu-se ainda ao luxo de lançar no mercado o exagerado número de quinze mil (15 000) gravatas, todas de tecidos estampados.

Francesco Smalto veste as vedetas do cinema e da canção. Deste modo, o último modelo de smoking por ele imaginado, que por sinal foi especialmente feito para o «show» de Enrico Mecias, no Carnegie Hall de Nova Yorque, tinha uma larga tira de veludo a debruar toda a orla, bem como as bandas e os punhos. As suas novidades em matéria de confecções desportivas são cortadas, como as camisas, com toques marítimos, tal como na moda feminina. Os tecidos preferidos por Smalto para este género de fatos, são o «jersey» e a lã, muito leves.

L. G.

diário

Em leitura salpicada, de magazine - falta o tempo para ler tudo o que gostaria de ler, e antes sacrificar revistas do que bons livros -, encontro estas três palavras: **companheiros de vida.** Páro porque acho bonito, acho certo, o casal devia ser isso mesmo, dois companheiros de vida. Ora raramente se tropeça no companheiro — na companhia para a vida, na pessoa com idênticos ideais, idênticas ambições, que até podem ser a total ausência de ambição. Daí as frustrações um dia, o «não me compreendes», «o sou muito desgraçada», dela, ou a ausência dele, que procura compreensão fora de casa. Até porque essa compreensão é mais fácil de obter durante algumas horas por dia do que no dia-a-dia de uma vida inteira. E que os homens exigem muito mais «companheirismo» do que as mulheres. Acham que elas, só porque são mulheres, devem desistir sem amargura da sua própria personalidade e vestir a dos maridos a fim de serem as companheiras de quem nunca fez um esforço por ser companheiro.

Bonito isso de companheiros de vida, mas tão raro...

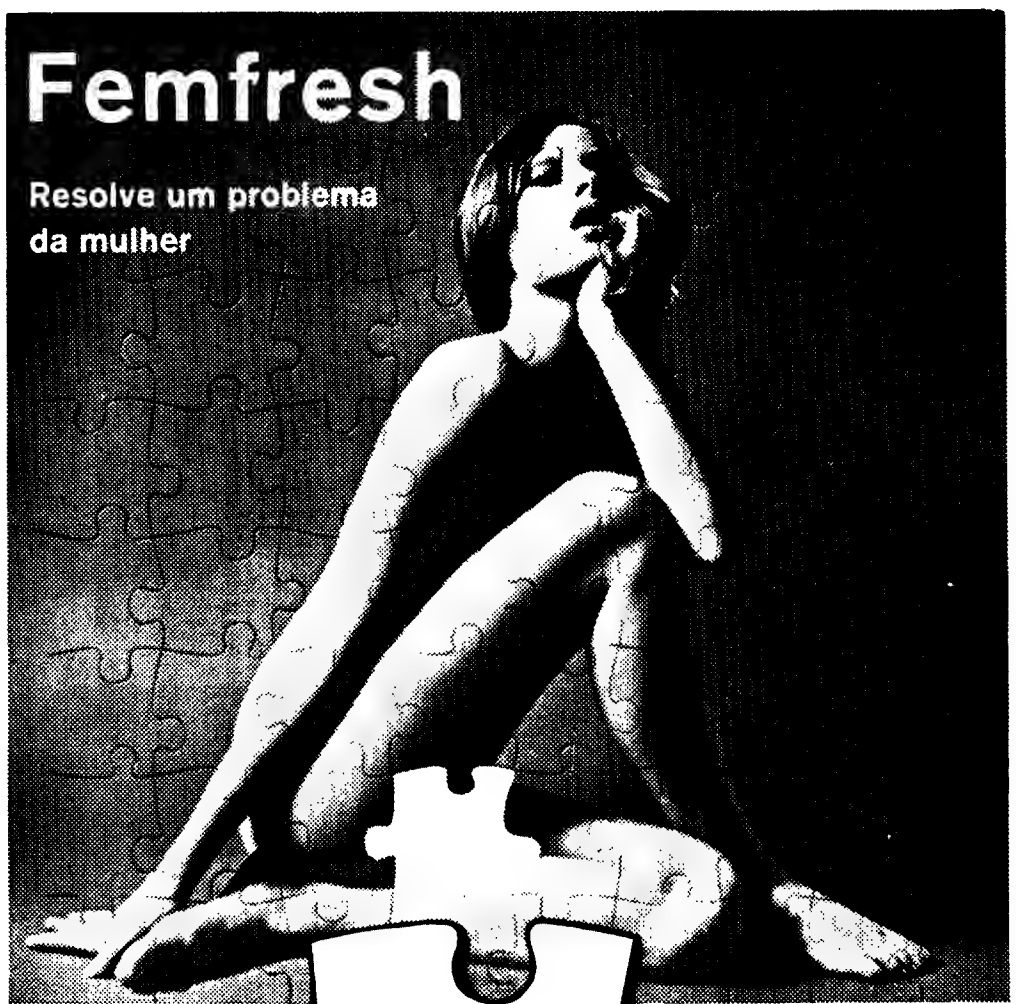
EMÍLIA BRAVO

Mais um passo na cura do cancro do seio

ESTOCOLMO, Outubro (Swedish Internacional pressbureau) - Tem sido tentado com êxito, no Hospital de Norrköping, um método de cura do cancro do seio que inclui o uso de um veneno capaz de matar as células cancerosas.

Segundo o dr. Kjell Kjellgrenn, já é agora possível curar 15 por cento mais das doentes do que quando o método foi aplicado pela primeira vez há seis anos.

A técnica usada constitui um aperfeiçoamento dos métodos aplicados anteriormente. Depois da operação convencional e da radioterapia, injecta-se no corpo da paciente um preparado químico com a propriedade de atacar e matar as células cancerosas.



Como na maioria dos países do mundo, também agora a mulher portuguêsa pode contar com **Femfresh**, o desodorizante íntimo feminino que vem solucionar um problema que os desodorizantes normais não resolvem

Para toda a mulher que se preocupa com a sua higiene

Femfresh é a solução única

Em aerosol: Loção realmente seca (Com micro-talco absorvente)

Em toalhetes: Embebidos numa solução de acção dupla: Desinfectante e desodorizante

Femfresh
Resolve um problema da mulher
Desejo receber uma amostra gratuita e um folheto informativo
Nome
Morada
Localidade
Escreva bem legível por favor

PANGITER Cosmético-Farmacêutica, Lda.
Apartado 28 - AMADORA

D. Maria Amelia Nogueira Teixeira de Abreu

AGRADECIMENTO E MISSA DO 7.º DIA

A familia da saudosa extinta agradece, por este meio e muito reconhecidamente, a todas as pessoas que lhe apresentaram condolências ou tomaram parte no funeral e participa que amanhã, segunda-feira, às 18.30 horas, na Igreja Paroquial de S. Sebastião, será rezada missa do 7.º dia, pelo seu eterno descanso.

Antecipa os melhores agradecimentos a todas as pessoas que se dignem assistir ao piedoso acto.

Guimarães, 7 de Novembro de 1971.

Teixeira d' Abreu e Companhia, Limitada

Agradecem reconhecidamente a todas as pessoas que lhe apresentaram condolências ou assistiram ao funeral da sua saudosa sócia, excelentíssima senhora D. Maria Amélia Nogueira Teixeira de Abreu e participam que amanhã, às 18,30 horas, será rezada no templo paroquial de S. Sebastião, missa do 7.º dia, pelo seu eterno descanso.

Guimarães, 7 de Novembro de 1971.

ANDARES

Vendem-se em prédio novo, para rendimento, com 3 casas assoalh., hall, coz., desp.ª e casa de banho. Preços 250 000$00, prontos a fazer escritura. Mostra a porteira no local, Rua Eng.º Quartim Graça, n.º 49, ao Lumiar. Trata: F. Fernandes & Costa, Ld.ª — Av. Almirante Reis, 104-2.º — Telefones 823231/2/3 — Lisboa.

ELEGÂNCIA NA NOITE

A mulher, à noite, veste-se para ir ao teatro, ou cinema, ou para a recepção mundana. Nessas ocasiões, ei-la a lembrar-se dos vestidos das amigas e, burguêsmente, procura o que julga ser o melhor para si. Ou, pelo menos, o que dê mais nas vistas e, se possível, cause uma pontinha de inveja às tais amigas que ela, muito lá no íntimo, também... inveja.

É a feira das vaidades, que se repete, todas as noites, em todos os locais onde existem mulheres. Daí, resulta um maior agrado para os olhos de quem vê, porque, se bem que haja muito mau gosto por aí, não é menos verdade que sempre se podem encontrar, aqui ou ali, belos modelos como aqueles que hoje oferecemos às leitoras... para que as suas amigas «morram» de inveja.

UM CONVITE À DANÇA... Não sei bem, mas é o nome que nos sugere este opulento vestido de noite, de confecção inglesa.

O seu criador, Franka, chamou-lhe «Opera Colon», e executou-o numa organza grossa, em tons de verde e castanho, com estampados bordados em ouro e prata.

Verdadeiramente dispendioso e nem por isso elegante.

Lindo, lindo, lindo...

A elegância dos maravilhosos modelos de Christian Dior está patente neste conjunto de noite, constituído por capa de fazenda, em côr de laranja, ornamentada com uma fabulosa gola de raposa.

Sob a capa, o manequim usa um vestido de toilette, bordado também a laranja, em lindíssimos malmequeres com estrelinhas.

«VALSA» é o nome... deste elegantíssimo vestido de cerimónia criado pelo costureiro francês Carven, executado em musselina azul, com bordados a ouro no corpo. A saia é cortada em viés o que lhe dá um ar de godés soltos.

CARPETES - TAPETES
RESTAURA, LIMPA E FRANJA
ARRAIOLOS TREVO
Av. Óscar Monteiro Torres, 33-A
Telef. 77 84 15

«SAPATARIA DOBERT»
Últimas novidades
Homem, Senhora e Criança
R. Condes Monsanto, 2 - Tel. 866422
(À Praça da Figueira)

supergosto
uma pitada de AJI-NO-MOTO®
o mágico sabor
REALÇA O SABOR DE TODOS OS ALIMENTOS

PARA O PERÍODO DE 7 DE NOVEMBRO A 13 DE NOVEMBRO

horóscopo

pelo astrólogo HORUS

Aries

Para os que nasceram de 21 de Março a 20 de Abril

AMOR: Sob o ponto de vista sentimental a semana em curso apresenta-se mais ou menos favorável para os seus interesses, embora, não seja de esperar uma melhoria muito acentuada da situação. Equilibre as suas ambições e desejos num plano mais modesto, e aguarde com calma que surja a oportunidade favorável para realizá-los.

DINHEIRO: As suas influências astrológicas para esta semana têm aspectos favoráveis para si, no plano financeiro. São portanto de esperar ganhos satisfatórios, embora não deva contar com receitas extraordinárias.

PROFISSÃO: Prossiga tranquilamente na realização dos seus empreendimentos e projectos, no âmbito das suas actividades profissionais, deixando para outra altura mais propícia as transformações que pretende introduzir na sua situação. A semana será favorável para os seus trabalhos normais.

SAUDE: Semana inteiramente normal, no que se refere ao seu estado de saúde. Não há acontecimentos importantes a assinalar neste sector.

Taurus

Para os que nasceram de 21 de Abril a 21 de Maio

AMOR: Mantenha-se numa posição defensiva, sobretudo em relação às más linguas que não deixarão de funcionar durante esta semana em seu prejuizo, no capítulo sentimental. No plano familiar tudo correrá bem.

DINHEIRO: Os resultados obtidos durante esta semana dependerão essencialmente da orientação, inteligente ou errada que der aos seus esforços.

PROFISSÃO: A sua situação profissional tem todas as probabilidades de sofrer uma transformação, durante esta semana. Essa transformação será favorável ou prejudicial, consoante saiba ou não escolher o caminho mais adequado, aproveitando ou não as facilidades que não deixarão de lhe ser oferecidas.

SAUDE: Use de especial cuidado com a garganta e vias respiratórias, durante a semana em curso, pois é aí que se localizarão as perturbações de saúde que sofrerá durante este período.

Gemini

Para os que nasceram de 22 de Maio a 21 de Junho

AMOR: A sua situação sentimental evoluirá de tal modo que poderá realizar alguns dos sonhos e aspirações mais importantes que arquitectou. Faça-o sem receio porque a sorte está do seu tomar iniciativas concretas no sentido da realização dos projectos que asquitectou. Faça-o sem receio porque a sorte está do seu lado.

DINHEIRO: Esta é uma das melhores semanas do ano, no que se refere aos seus interesses financeiros. Procure tirar o melhor partido das circunstâncias felizes que encontrará.

PROFISSÃO: Não seria aconselhável uma mudança de emprego ou de ocupação profissional, durante a semana em curso. Deixe para mais tarde todas as ideias que tenha a este respeito, e de momento limite-se à sua rotina habitual, aos seus afazeres normais, que lhe proporcionarão óptimos resultados.

SAUDE: O seu estado de saúde será excelente durante este período. No entanto defenda a sua forma física, repousando o mais que possa.

Cancer

Para os que nasceram de 22 de Junho a 22 de Julho

AMOR: A semana apresenta-se muito tempestuosa, no que diz respeito aos seus assuntos sentimentais e efectivos. Terá de enfrentar conflitos e discussões que poderão fazer perigar a sua felicidade, se não tomar medidas eficientes contra essa eventualidade. Na sua vida familiar e doméstica surgirão igualmente alguns atritos, embora menos importantes.

DINHEIRO: A audácia deve ser a característica básica da sua actuação durante esta semana, no que diz respeito aos seus assuntos financeiros. Obterá resultados muito superiores ao que espera se consentir em correr alguns riscos.

PROFISSÃO: Dedique uma atenção especial ás suas relações com colegas ou superiores, e duma maneira geral com todas as pessoas com quem tem contactos, no exercício das suas actividades profissionais. Estabeleça uma linha de conduta inteligente e hábil, que lhe proporcionará óptimos resultados.

SAUDE: A parte superior do tórax estará um tanto sujeita a perturbações de saúde durante esta semana. Tome as medias indicadas, para evitar complicações.

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

Tem problemas na vida?!

Precisa fazer uma VIAGEM um Negócio IMPORTANTE Tenciona dar uma nova orientação à sua VIDA PROFISSIONAL? Pretende formar uma SOCIEDADE comercial? Quer saber se os seus PROJECTOS PARA O FUTURO serão bem sucedidos? Como evoluirá a sua vida SENTIMENTAL e Familiar?

A resposta para estas perguntas podem ser-lhe dadas por «HORUS» — todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) — Telef 724162 — LISBOA

Leo

Para os que nasceram de 23 de Julho a 22 de Agosto

AMOR: Ponha de lado o pessimismo e a desconfiança nas suas relações de natureza sentimental e afectiva, pois uma atitude desse género só poderia criar-lhe problemas graves. Proceda com mais confiança e simplicidade, sobretudo na esteriorização dos seus sentimentos.

DINHEIRO: Não alimente ambições demasiado elevadas, durante esta semana, pois será a maneira de evitar desilusões dolorosas.

PROFISSÃO: As suas actividades profissionais desenvolver-se-ão em condições satisfatórias, proporcionando-lhe resultados compensadores. Se tem negócios ou contactos de qualquer espécie com o estrangeiro, no plano profissional, será amplamente favorecido durante este período, sobretudo se tiver possibilidades de efectuar uma viagem importante.

SAUDE: Não há motivos para preocupações no que diz respeito ao seu estado de saúde, pois tudo correrá normalmente neste capítulo.

Virgo

Para os que nasceram de 23 de Agosto a 22 de Setembro

AMOR: A sua situação sentimental tem vindo a evoluir de tal modo que não deve deixar de tomar decisões drásticas durante esta semana, pois de contrário verá comprometida a sua situação sentimental e familiar. Actue antes que seja tarde demais.

DINHEIRO: Sob o ponto de vista financeiro a semana será normal. Equilibre o seu orçamento, estabelecendo os gastos em função dos ganhos.

PROFISSÃO: Chegou a altura de dar balanço á sua situação profissional, ao trabalho que tem vindo a desenvolver nos últimos tempos. Se verificar que os resultados obtidos não são compensadores não hesite em mudar de rumo. Não perca tempo no lugar actual, se vê que ele não lhe porporciona as vantagens a que tem direito.

SAUDE: Vigie atentamente o funcionamento do seu fígado, pois está bastante sujeito a perturbações. Cuide do seu regime alimentar

Libra

Para os que nasceram de 23 de Setembro a 22 de Outubro

AMOR: Não vemos motivos para preocupações importantes, no que diz respeito aos seus assuntos sentimentais. Embora as coisas não corram inteiramente à medida dos seus desejos, não se justificam os pensamentos derrotistas que terá tendência a alimentar. Proceda com calma sem se deixar impressionar pelos acontecimentos.

DINHEIRO: Semana bastante fraca no que diz respeito a ganhos materiais. Não cometa imprudências que teria de pagar muito caro.

PROFISSÃO: Também no sector profissional será necessária uma atitude de firmeza e ao mesmo tempo de prudência da sua parte. As suas actividades evoluirão favorávelmente se souber orientá-las como deve.

SAUDE: E sobre os seus rins que virão provávelmente a incidir algumas perturbações de saúde que sentirá durante este período. No entanto não será nada de grave.

Scorpius

Para os que nasceram de 23 de Outubro a 21 de Novembro

AMOR: Tem todos os motivos para encarar o futuro com óptimismo, no que se refere aos seus assuntos de natureza sentimental. Com efeito tudo se encaminha no sentido da realização efectiva das aspirações e projectos que alimenta. Nas suas relações familiares e domésticas tudo corre bem.

DINHEIRO: E provável que consiga elevar sensívelmente o seu nível de vida, atraves dos consideráveis ganhos que certamente obterá durante esta semana.

PROFISSÃO: As suas actividades profissionais desenvolver-se-ão em condições favoráveis para os seus interesses, durante a semana em curso. Dedique-se com entusiasmo e ardor ao seu trabalho, pois os resultados obtidos serão amplamente compensadores.

SAUDE: O seu estado de saúde não sofrerá alterações importantes durante este período, nem no sentido favorável nem no inverso.

Sagittarius

Para os que nasceram de 22 de Novembro a 21 de Dezembro

AMOR: A sua vida sentimental não se apresenta verdadeiramente desfavorável, embora seja bastante provável que tenha de enfrentar algumas contrariedades. Nessa eventualidade, se as coisas não correm inteiramente à medida dos seus desejos, não se impaciente nem se irrite, desnecessáriamente, pois não remediará nada com isso.

DINHEIRO: O período apresenta-se bastante prometedor para si, sendo muito provável que consiga alcançar ganhos satisfatórios. No entanto será necessário que adopte uma atitude decisiva e resoluta

PROFISSÃO: Obterá um rendimento mais elevado e resultados bastante mais satisfatórios através das suas actividades profissionais se estiver na disposição de se entregar com mais ardor e coragem ao trabalho. Terá de desenvolver esforços persistentes, mas vale a pena porque os resultados serão superiores às suas melhores previsões.

SAUDE: Se precisa submeter-se a uma intervenção cirúrgica é este o momento mais indicado para o fazer, pois está protegido por excelentes influências.

Capricornius

Para os que nasceram de 22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Não se justificam de maneira nenhuma, as previsões pessimistas que terá tendência a estabelecer, no que se refere à sua vida sentimental. Embora o período não seja verdadeiramente feliz, poderá evitar contratempos importantes se souber agir com calma e espírito de compreensão.

DINHEIRO: Evite cuidadosamente as despesas extraordinárias, visto que a sua situação financeira actual não lhe permite aventuras.

PROFISSÃO: Não tente intoduzir transformações na sua vida profissional, pois os resultados seriam francamente desfavoráveis. Analise a situação com todo o cuidado e estabeleça um plano de acção para o futuro, mas faça-o com inteligência e sobretudo tendo em vista as realidades.

SAUDE: Não se notam perturbações de saúde importantes, durante a semana em curso. São apenas possíveis pequenas constipações sem consequência.

Aquarius

Para os que nasceram de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

AMOR: A sua vida familiar será durante esta semana o seu principal motivo de preocupação. Terá de dedicar toda a sua atenção a esse sector enquanto é tempo, pois há problemas importantes a resolver. No plano sentimental não há nada de especial a assinalar.

DINHEIRO: Não se preocupe com algumas pequenas dificuldades monetárias que experimentará durante esta semana, pois trata-se de problemas passageiros. Está próximo o momento em que essas dificuldades serão elimitadas para sempre.

PROFISSÃO: A situação actual justifica plenamente um estado de espírito optimista e confiante da sua parte, pois tudo se encaminha no sentido da completa realização dos seus projectos. Terá de trabalhar ainda um pouco, e deve fazê-lo com entusiasmo, porque os resultados obtidos compensarão todos os seus esforços.

SAUDE: Período verdadeiramente magnífico no que diz respeito à sua saúde. Terá possibilidades de retemperar o seu organismo, fortalecendo-o consideràvelmente.

Piscis

Para os que nasceram de 20 de Fevereiro a 20 de Março

AMOR: A sua vida familiar será durante esta semana o seu de harmonia e felicidade, durante este período. Poderá resolver satisfatóriamente todos os problemas que o preocupam, nesse sector. Sob o ponto de vista sentimental o periodo é sobretudo favorável para casamentos.

DINHEIRO: No plano financeiro os esforços que vier a desenvolver durante esta semana serão amplamente recompensados. Terá excelentes ideias, que lhe renderão bons lucros.

PROFISSÃO: Chegou a altura de aplicar inteiramente os conhecimentos que tem vindo a adquirir, no plano profissional, procure tirar todo o partido das suas qualidades profissionais, da sua capacidade de trabalho e das suas aptidões. Poderá elevar sensívelmente a sua situação se souber trabalhar nesse sentido.

SAUDE: A semana apresenta-se bastante auspiciosa no que se refere à saúde. Se tem estado mais ou menos doente o período é óptimo para uma recuperação.

Jazz, de Varsóvia a Cascais
Depois do nada
um bom festival sem real significado colectivo

De Janeiro a Outubro deste ano já se realizaram na Europa 39 festivais de jazz, de acordo com um calendário publicado pela federação Europeia de Jazz. O qué a Federação Europeia de Jazz?

Segundo os 5 dos seus estatutos, a actividade da Federação inspira-se na declaração para a Cooperação Cultural Internacional, aprovada na 14.ª Conferência Geral da UNESCO, em Paris, em Novembro de 1966. Assim, o seu principal objectivo é por em contacto indivíduos e organizações europeias que se dediquem à divulgação, estudo ou prática do Jazz, com vista a vitalizar a sua aceitação e a fumentar actividades colectivas ao nível internacional. Fundada em Veneza, em Maio de 1969, e com sede em Viena, a Federação Europeia de Jazz organizou-se em Divisões espalhadas por toda a Europa, cada uma com sua missão específica: Divisão das Federações Nacionais, das associações e Clubes, dos Críticos e Jornalistas, dos Festivais, dos Músicos Compositores e Orquestras, da Educação musical, de Musicologia e Investigação, de Documentação e Bibliografia, dos Promotores Agentes e Agências, dos Editores e Companhias Discográficas, dos produtores de Rádio e Televisão. A Federação, que não tem fins lucrativos, edita **Jazz Forum**, uma revista bimensal em Varsóvia.

O ano passado, a inscrição deste vosso dano surpreendeu a organização, tal como as aparentes contradições do panorama do jazz aqui - ralos concertos, nenhuma revista, nenhum músico, nada de televisão, discos só importados e ao sabor da ignorância, visitas esporádicas à imprensa diária, salpicos na rádio e agora... um festival!!!

As próprias excepções fazem adivinhar que o jazz também cá é possível, e que este lamentável panorama não só nada tem a ver com o jazz, como deve ser interpretado num âmbito social mais largo e mais grave. São elas, as excepções: a boa actuação do quarteto do Hot Clube de Portugal no festival de Comblain-la-Tour, na Bélgica, em 1963 e o sucesso do New Blues Jazz Sextet, grupo que durante uma semana intrigou e encheu o Clube Universitário de Jazz: foi em 1960 e o grupo que já anunciava o **free jazz**, incluía músicos que hoje são valores importantes no jazz contemporâneo - Perry Robinson, Chuck Israels e Arnold Wise - e o clube nunca viu os seus estatutos aprovados e assim secou e foi fechado com cerca de 1500 membros inscritos...

Agora que está à porta (de quem?) um par de concertos de jazz, algumas investigações são pertinentes.

Os apreciadores de jazz em Portugal, quem são?, quantos são?, o que os faz correr para o jazz?

Uma nova burguesia chega ao jazz e vem ainda quando estudante, quando jovem, cheia de confusões na cabeça, à procura dos poemas, com visita curiosa, pronta para amanhã sorrir às paixões musicais de adolescência. O jazz não tem ficado nos hábitos dos homens depois de crescidos, ao contrário do cinema ou da literatura, talvez porque é encarado como devaneio da puberdade, à semelhança de «o teu pai em novo era um grande boémio»... No jazz ainda e apesar de tudo o que lá se passa, as gerações de apreciadores substituem-se sem pràticamente deixar rasto, porque o verdadeiro contágio não se tem dado, porque um certo nojo prevalece, porque culturas diferentes difícilmente se entendem, porque curiosidade sobranceira não é interesse verdadeiro. São muitos, estes amadores do jazz, uns que afirmam preferências, outros que o usam como uma amante, todos respeitadores, dado que a observação superficial favorece o ministério.

As principais razões que aqui e agora estão a encaminhar gente para o jazz, são poucas e curiosas: os casos de mútua influência jazz/rock (BSeT ou Miles em Wight), a descoberta das verdadeiras origens (Muddy Waters ou B. B. King via Clapton!) um maior interesse pela sociedade negra norte americana e suas manifestações, das quais o som e o significado do jazz contemporâneo são, artistícamente as mais importantes e mais representativas do tempo presente.

Entretanto o próximo festival de jazz em Cascais não vai servir de índice de interesse pelo jazz, nem sequer de teste ao seu futuro por cá. Aliás este festival tem um significado fortemente ilusório que convém, desde já, explicitar: por um lado ele não é a consequência dum entusiasmo e interesse notáveis, mas apenas uma iniciativa individual, apoiada no grande capital e desligada de qualquer significado colectivo; por outro lado, e dada a excepcional importância e valor dos músicos que nele irão actuar, este festival vem colocar o jazz numa posição ingrata em relação às outras artes e respectivas manifestações

...porque culturas diferentes dificilmente se entendem...

Por JOSÉ DUARTE

Assim se vai dar uma recuperação aparente, uma reabilitação de fim de semana, uma ilusão de vitalidade na aceitação, quando afinal o jazz é som e estética das quais permanecemos arredados de facto.

Um festival como este, continua a ser um grande acontecimento artístico, neste aspecto com êxito prèviamente assegurado, mas nunca poderá ser utilizado como índice de cultura desta sociedade ou até, por exemplo, como aceitação da cultura negra. Disto há que se estar bem ciente. Um analfabeto com Musil debaixo do braço, não é um homem culto, nem bife aos sábados ignifica bem estar social.

Um festival de jazz - situação óptima de divulgação - deve servir pois, neste caso, de transtorno às ideias musicais dominantes, à tolerância burguesa, ao enquadramento social cioso de consumir as suas próprias contradições. Que um certo remorso possível, se transforme pois numa subversão auditiva e estética.

E curioso como um mesmo ou semelhante festival de jazz, pode assumir significados diferentes, de acordo com o público que defronta.

Em Varsóvia, realizou-se, no passado fim de semana, o 14.º festival de jazz da cidade e a Federação Europeia de Jazz aproveitou a oportunidade para, simultâneamente, lá realizar o 3.º Congresso da sua Divisão de Críticos e Jornalistas Europeus de Jazz.

(1) Como o programa do festival incluíu não só todos os oúsicos que vem a Cascais, para além do vibrafonista Gary Burton, da orquestra de Duke Iellington, da Preservation Hall Band de New-Orleans e de grupos da Roménia, Checoslováquia, Hungria, Bulgária, Finlândia, Po l ó nia, Dinamarca, Grã-Bretanha, Alemanha, França, o interesse foi triplo: conhecer e ouvir os teóricos europeus obter uma amostra representativa do jazz praticado neste continente e anteouvir o festival de Cascais.

(1) Miles Davis não compareceu, pois se recusou a actuar em países socialistas, alegando que indo contribuir para a propaganda americana, então o governo dos Estados Unidos deveria solucionar o seu problema pessoal de impostos!...

Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho

Concurso para o fornecimento de impressos e material de expediente em 1972

Até às 18 horas do dia 9 de Dezembro aceitam-se propostas para o fornecimento em epígrafe.

Os respectivos Cadernos de Encargos, serão facultados na Secção de Abastecimentos e Transportes - Calçada de Santana n.º 180, todos os dias úteis das 10 às 12.30 e das 14 às 18 horas exceptuando os sábados a partir das 13 horas.

A abertura das propostas terá lugar na Sede deste Organismo, no dia 10 de Dezembro pelas 15 horas.

Lisboa, 7 de Novembro de 1971

O SECRETÁRIO GERAL ADJUNTO

NINA NIGHT CLUB — Maiores de 21 Anos

GRANDE ÊXITO DO NOVO CONJUNTO

6.ª REACÇÃO

E VARIEDADES

SANZALA

NOVA ORIENTAÇÃO

tel. 790177

COLISEU — HOJE às 21,30

(GRUPO B — 10 ANOS)

GRANDE COMPANHIA INTERNACIONAL

DE CIRCO

As maiores atracções

PALHAÇOS

A SANSONA DO SÉCULO XX

Amanhã, às 21.30

NOITE DA MODA

Grupo B — 10 anos

SURDEZ

CENTRO AUDITIVO

— A Casa mais moderna em Aparelhos Auditivos —

LISBOA — Rua Aquiles Monteverde, 32-1.º • Telef. 5 95 97

(à Estefânia — frente ao Jardim Constantino)

SEMPRE OS ÚLTIMOS MODELOS em aparelhos para correcção da surdez

★ Audição frontal, produzindo som natural e nitidez inigualável
★ Tamanho discreto — forma anatómica
★ Graduação individual para cada caso
★ Audição indutiva para telefone e TV.
★ Custo mínimo de manutenção-pilha carregável

SERVIÇO ESPECIALIZADO onde os clientes encontram a melhor boa vontade para serem conscienciosamente orientados.

NO SEU PRÓPRIO INTERESSE PREFIRA:

QUALIDADE • TÉCNICA • GARANTIA

Direcção: Francisco Marcão
(23 anos de especialidade)

ARROW LINE

N/M «TAMARA»

Para:

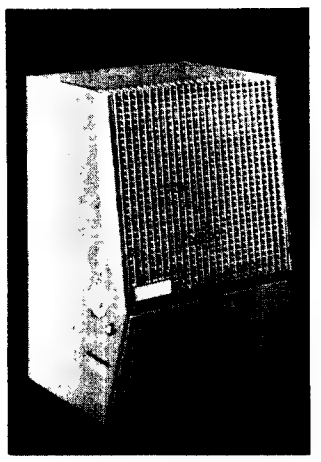
BREMEN
ROTTERDAM
ANVERS

Carrega em Lisboa cerca de 13/14 de Novembro

Agentes Gerais em Lisboa

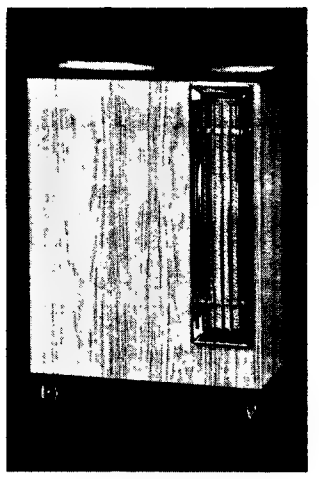
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21-1.º, Esq.º — Telefones 32 46 71 e 32 72 58 — Teleg. LLOXAVE — Telex. 1416

caloríferos a gás butano



catalíticos com dupla segurança

3.300 KCAL/H



Infra-vermelhos

Equipado com válvula de segurança e analisador atmosférico 3.825 KCAL/H

TAMPO EM MÁRMORE

aqueça-se chalgàsmente!

REPRESE... ...LS

SABEL

LISBOA • PORTO

Cinema no mundo

Está a ser rodada em Barcelona a película «La Liga no es cosa de hombres», produção e realização de Ignacio Iquino, com Santi Sans, Margit Kocsis, Monica Kolpeck, Silvia Solar, Nuria Duran, Irene D'Astea e outros.

Thilda Thamar vai regressar ao cinema com a película «A Chamada», da qual, além de principal intérprete, é ainda a autora e realizadora, o que, havemos de convir, parece tarefa pesada para quem nunca revelou excepcionais dotes sequer como actriz. As rodagens decorrerão no México. Tilda contará, na direcção do filme, com a colaboração de Michel Lemoine.

Jean Seberg, Fernando Rey, Eva Awlin e Ugo Tognazzi vão começar a interpretar em Madrid, sob a direcção de Alberto Bevilacqua, o filme «Este Simpático Amor». O elenco, como se vê, é dos mais cosmopolitas: os artistas citados são, pela ordem, norte-americanas, espanhol, sueca e italiano.

Sara Montiel vai estrear-se como assistente de director. Isto acontecerá no filme «La Isla Misteriosa», que será rodado na ilha de Lanzarote, Canárias, sob a direcção de J. A. Bardem. O galã será o egípcio Omar Sharif.

Sara Montiel

Paris está aplaudindo uma «Semana Chaplin», com a representação de obras imortais como «Tempos Modernos», «Corrida ao Oiro», «As Luzes da Cidade», «Senhor Verdoux», «O Grande Ditador», «Charlot Peregrino» e «Um rei em Nova York».

A droga e os seus traficantes: eis o tema do novo filme de Georges Lautner, «La Couverture», cujo papel principal está a cargo de Michael Constantino. Lautner é um director sensacionalista e não se espera dele mais do que uma exploração inconsequênte do tema.

Também Susan Hayward (esta uma admirável actriz) vai voltar ao cinema. Daniel Mann escolheu-a para o seu novo filme, cujos exteriores já estão sendo rodados no México, e de cujo elenco fazem parte mais dois respeitáveis veteranos: William Holden e Ernest Borgnine.

«Lua de Mel e Amendoim», uma grosseira comédia sôbre sexo, é o mais recente sucesso do director português Fernando de Barros, há longos anos radicado no Brasil. O custo da produção foi pago apenas com a carreira do filme no Rio, onde se manteve em exibição durante dois meses num vasto circuito de cinemas.

Omega, o relógio de prestígio e renome reconhecidos em todo o Mundo

SEJA QUAL FOR A POSIÇÃO SOCIAL OU A VIDA PROFISSIONAL, NA COLECÇÃO OMEGA HÁ SEMPRE UM RELÓGIO QUE SATISFAZ

1 DE VILLE
Automático, modelo parisiense, linhas modernas. Esc. 3.000$00

2 GENÈVE
Modelo clássico; de linhas sóbrias. Esc. 1.800$00

3 CONSTELLATION
Automático, calendário duplo (dia e data), com boletim do Observatório. Esc. 5.800$00

4 MEMOMATIC
Calendário. O único relógio no Mundo com despertador também automático. Esc. 4.900$00

5 SEAMASTER COSMIC
Automatico, calendario. Há, também, com indicação do dia da semana. Esc. 3.000$00

6 DYNAMIC
A sua forma anatomica diferencia-o de todos os relógios. Esc. 2.750$00

Ω OMEGA

OMEGA, APRESENTA SEMPRE UMA INCOMPARÁVEL VARIEDADE DE MODELOS

Algumas Agências Oficiais em Lisboa:

JOALHARIA AUREA
Rua do Ouro, 89

RELOJOARIA MAURY
Rua do Ouro, 202

NASCIMENTO & PINTO
Praça da Figueira, 4-E

OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 257

RELOJOARIA SUIÇA
Rua do Ouro, 252

TORRES JOALHEIROS
Rua do Ouro, 255

DIADEMA JOALHEIROS
Rua do Ouro, 166

OURIVESARIA DA ESTEFANIA
Rua Pascoal de Melo, 150

OURIVESARIA DO IMPÉRIO
Av. Almirante Reis, 102-C

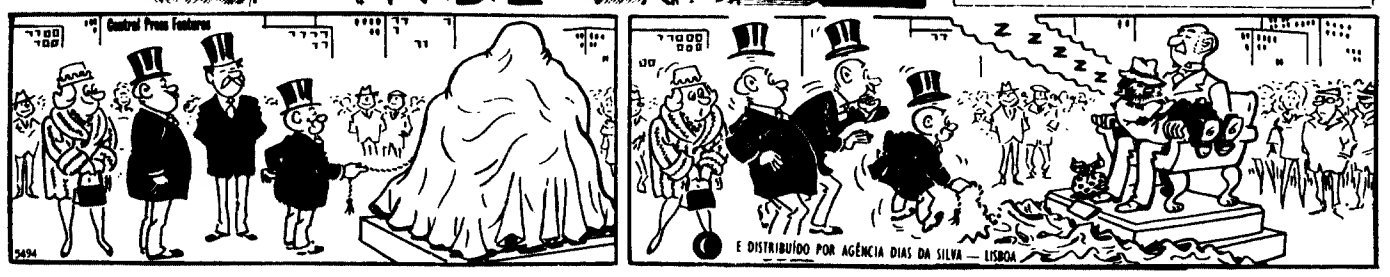
OURIVESARIA LEANDRO
Rua Francisco Metrass, 61

JOALHARIA MONTIL
Rua Morais Soares, 95-B

OURIVESARIA MOURÃO
Rua da Prata, 200

NÃO PÁRA DE CRESCER...

Chama-se Gerald McDonald, é inglês tem 12 anos e... 1,85m de altura. Mais: não parará de crescer nos anos mais próximos, segundo a previsão dos médicos.

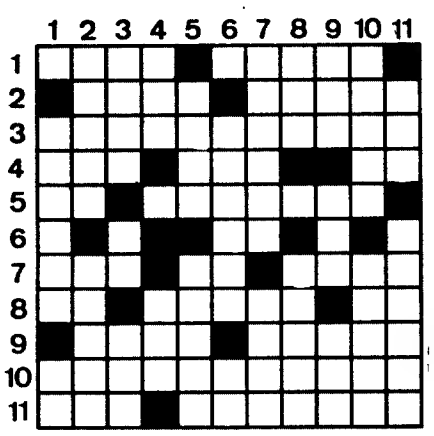


palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 9910

HORIZONTAIS

1 Aquele que. Espesso.
2 Sair frequentemente à rua. Compra.
3 O mesmo que sarrafaçarias.
4 Nome de letra. Pátria. Batráquio.
5 Abreviatura de moderato (música). Giraria.
6 Artigo definido.
7 Magnete natural. Crómio (s. q.). Apelido.
8 Nesse lugar. Ressoara. Freguesia do concelho de Oliveira de Azemeis.
9 Primeiro rei dos Hebreus. Coragem.
10 Meteremos em tulha.
11 Origem. Metera em mala.



VERTICAIS

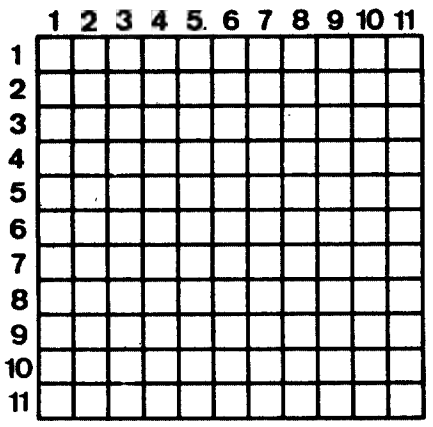
1 Lança as sementes a. Antes do meio dia.
2 Nome de um planeta. Misturada.
3 Rio de França. Aqui. Cidade da Alemanha.
4 Oceano. Um dos pontos cardeais.
5 O mesmo que raro. Apanha.
6 Predestinara. Amónio (s. q.).
7 Estimaras. Invulgar.
8 Ente. Em Goa, trabalhador, jornaleiro.
9 O mesmo que três. Íntimo. Ministro da religião maometana.
10 Escrava. Inchço.
11 Pega. Que tem calos.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o provérbio nele indicado.

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6068

HORIZONTAIS

1 Um milhar. Cabelos brancos. Preposição.
2 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Nós dos dedos. Nota musical.
3 Antiga cidade da ilha de Java.
4 Prepara com anis. Amásio.
5 Entontece. Larvas das feridas dos animais.
6 Lingua vernácula indiana. Gavinhas.
7 O mesmo que socas.
8 Preposição e artigo definido (pl). Nome de vários papas. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
9 Quinhentos e um em romano. Ponderar (fig). Prefixo de negação.
10 O mesmo que irisar. Saíra frequentemente à rua.
11 Ecoara. Substância resinosa e aromática que tem a consistência da cera.



VERTICAIS

1 Nome de fruto. Cidade de Espanha.
2 Seguida. Metal precioso de cor amarela.
3 Caprichos. Tempo do verbo ir.
4 Propriedades rústicas. Igual.
5 Espécie de gibão. Desabrida.
6 Prende. Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia.
7 Tarela. Bradara.
8 Finge. Álcool de melaço.
9 Esbelta. Prefixo de afastamento.
10 Preposição. Fluído aeriforme. Dança popular portuguesa.
11 Meiguices. Cidade de Portugal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9909

HORIZONTAIS:

1 Sacar. Mamam.
2 Isar. Caia.
3 Mão. SÃO. Oro.
4 Ar. Pá. Ca. Am.
5 Oiros. Arade.
6 Ao. Aas. Ba.
7 Eco. Opa.
8 Afio. Atro.
9 Rasto. Criar.
10 IV. Arrumada.
11 Sacos. Mamão.

VERTICAIS:

1 SIMÃO. Paris.
2 Asaria. FAVA.
3 Cão. Roeis.
4 Ar. Pó. Cotão.
5 Sasão. Ors.
6 NA.
7 Ocaso. Cum.
8 AC. Ar. Parma.
9 MÃO. Abatiam.
10 Airada. Rada.
11 Maomé. Porão.

Provérbio: SÃO SIMÃO FAVA NA MÃO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6067

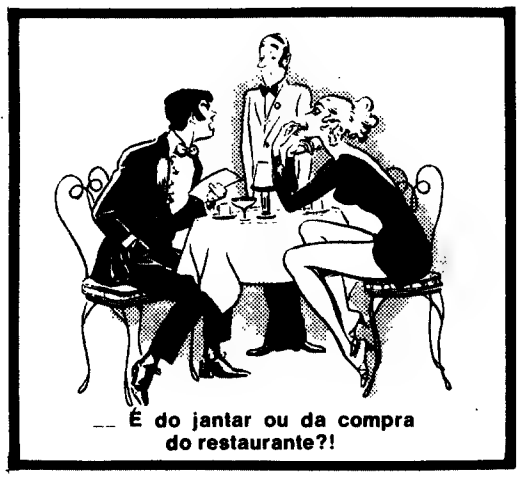
HORIZONTAIS:

1 Loisas. Um.
2 Am. Prateara.
3 Ais. Alito.
4 Laia. Ina. Pt.
5 Aramava. Ari.
6 Araçá. Agag.
7 Al. Afoga.
8 Ar. Sentira.
9 Les. Moina.
10 Amiga. Ra. Id.
11 Tiras. Arade.

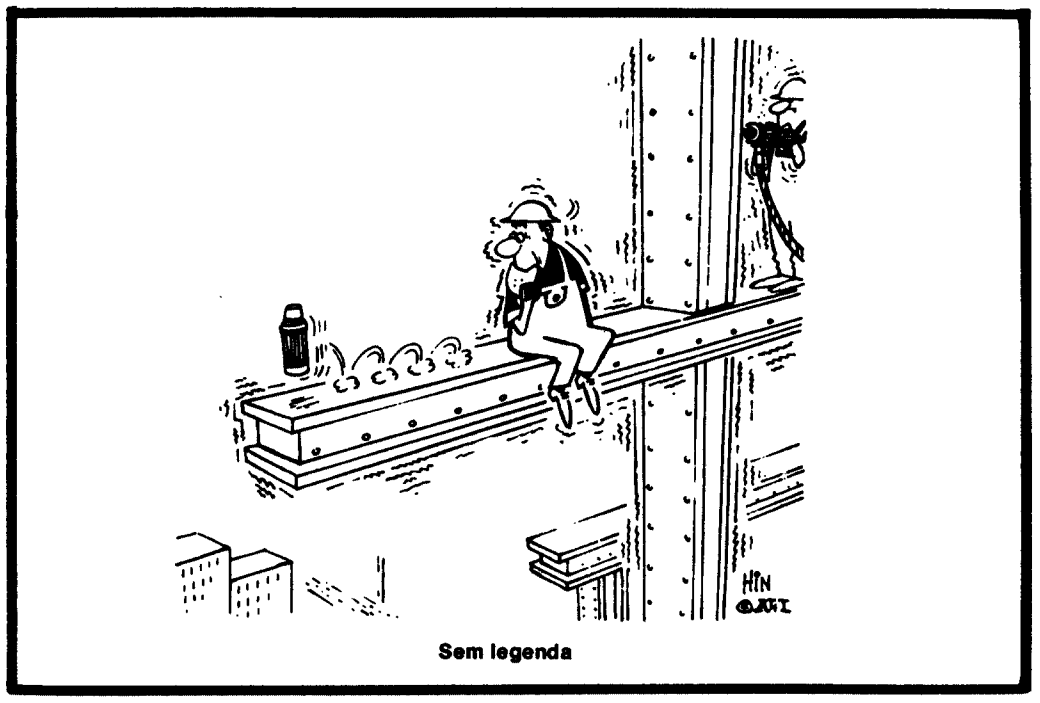
VERTICAIS:

1 Caala. Dalat.
2 Miara. Remi.
3 Siara. Sir.
4 Op. Amais. Ga.
5 Ira. AC. Emas.
6 Saliva. Nó.
7 Atina. Atira.
8 Seta. Afinar.
9 Ao. Agora.
10 Ur. Praga. Id.
11 Mastiga. Ede.

Não sei se a sua mulher gostará dos vizinhos...



— É do jantar ou da compra do restaurante?!



Sem legenda

— E se fossem lâminas para a barba?

— Porque é que dizes que estive com a Júlia?

Vitor Batista

JORDÃO

Problema do Benfica: "craques" a mais ?

A equipa do Benfica jogará esta tarde no campo do Boavista, e se fosse possível, nestas coisas do futebol, avaliar o futuro pelo passado, poderia dizer-se que iria ganhar...

Na verdade, tem sido um pouco desconcertante à carreira do grupo de Jimmy Hagan esta temporada.

Poderá perguntar-se: mas desconcertante, porque? Desconcertante como, se ainda não perdeu um único jogo disputado em Portugal? E como poderá utilizar-se outra expressão que não seja «brilhante», se mesmo nos jogos no estrangeiro tem coleccionado excelentes resultados e magníficas exibições?

INQUIETAÇÃO

Certo. Tudo certo. E no entanto, esse mesmo Benfica que, este ano, só perdeu em Inglaterra (e quando a época ainda ensaiava os primeiros passos) tem proporcionado alguns motivos para estranheza e para certa inquietação dos seus adeptos.

Lembremos que as mesmíssima equipa que triunfou com certo á-vontade nas Antas e no Bonfim, em Itália e na Austria, tem demonstrado certas dificuldades quando se apresenta no seu estádio, perante os seus numerosos entusiastas. E vem o empate com a CUF, e seguem-se as vitórias à tangente sobre a Beira-mar e o Belenenses, e as dores de cabeça perante austríacos e búlgaros.

Como interpretar? Como compreender?

Trata-se, claramente, de um problema de ataque, do qual se pode concluir que a quantidade é inimiga da qualidade e da eficiência. E diz-se isto por se verificar que é precisamente quando tem de atacar muito (porque o próprio adversário a tal convida) que o Benfica marca menos golos. Ao contrário, nos tais jogos «fora» em que o adversário também tem ambições de ganhar, e por isso ataca, os dianteiros do Benfica encontram-se perante a situação que mais lhe pode interessar: a de terem mais **espaço livre** para fazerem valer a sua classe. E **espaço livre**, porquê? Pois não só apenas porque há menos adversários a defender (já que eles também estão interessados em atacar) como também porque os benfiquistas, do mesmo modo, têm de repartir-se nas duas funções do jogo que são a defesa e o ataque. O que tem acontecido na Luz é que os opositores se apresentam na quase total preocupação de guardar a sua baliza - e o Benfica torna-se, quase totalmente, uma equipa de ataque. E então, a qualidade é prejudicada pela quantidade. Gente que se acotevela, que superpovoa a área não deixando espaço para um lance claro, para dominar e passar a bola.

ABUNDÂNCIA

E aí estará em causa o grande número de jogadores de características atacantes utilizado pelo Benfica: Artur Jorge, Vitor Batista, Eusébio são homens da área; Graça e Simões, não tendo problemas no meio-campo, são naturalmente arrastados para a área pelo seu próprio pendor ofensivo; Malta da Silva e Adolfo, sendo «defesas», são hoje dos jogadores que em Portugal melhor se desdobram como «extremos» - e dessas suas frequentes jogadas resulta, naturalmente, que os «extremos por princípio se desmarcam... para dentro da área. E temos ainda que na própria defesa o Benfica tem outros «c r a q u e t e s» que, ás tantas, e especialmente q u a n d o o g o l o tarda, não e n g e i t a m as possibilidades de «ir para a frente», Rui R o d r i g u e s e Humberto Coelho têm categoria para jogar em qualquer zona do terreno, e quando o jogo os puxa para a frente...

«Craques» a mais no Benfica? Os grandes jogadores nunca são em excesso, desde que sejam utilizados como e quando deve ser. A categoria dos jogadores não dispensa a disciplina do jogo e o que parece evidente é isto: o Benfica, equipa «geométricamente» equilibrada quando vai aos campos alheios, desequilibra-se no seu campo. Desiquilibra-se sem proveito, antes pelo contrário, no sentido de uma sofreguidão atacante. Poderá dizer-se: os adversários é que provocam essa situação, ficam todos «lá atrás». Mas isso não justifica tudo.

Justamente por ter jogadores de muita categoria, a equipa campeã nacional tem nas mãos, aliás nos pés, a solução dos seus próprios problemas.

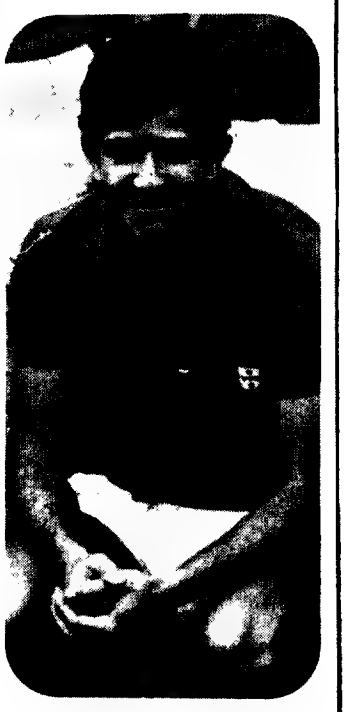
Esperemos o que vai acontecer no próximo jogo da Luz. Esperemos a ver se o Benfica pode ou não evitar os «engarrafamentos» que o têm impedido de uma circulação normal...

N.A.

EUSÉBIO

TONI

ARTUR JORGE



NENÉ

grupo gulbenkian de bailado

TEMPORADA DE 1971/72
GRANDE AUDITÓRIO GULBENKIAN

NOVEMBRO A MARÇO
36 espectáculos
6 programas diferentes

Reportório

QUEBRA-NOZES (versão integral) — AS SÍLFIDES — O MANDARIM MARAVILHOSO — CONTINUUM SOBRE UM TEMA DE AKUTAGAWA — CONTRASTES — ODISSEIA — METAMORFOSES — RITUAL DE SOMBRAS — SONHO — ARQUIPÉLAGO III — SKY WELL — MOVIMENTOS SINFÓNICOS — DULCINEIA — SASSENACH SUITE — DANÇAS DE BOYCE

•

Coreografias de **Pepita/Anton Dolin, Fokine, Milko Sparemblek, Milenko Banovitch, Richard Kuch, Fernando Lima, John Butler, António Gades, Carlos Trincheiras, Norman Walker, Armando Jorge, Walter Gore**

•

Colaboração plástica de **Artur Casais, Justino Alves, Cruzeiro Seixas, Artur Rosa, Espiga Pinto, M. Banovitch, Colin McIntyre, John Piper**

•

PROGRAMAS EM DISTRIBUIÇÃO NA BILHETEIRA

Preços: Estreias — Avulso 80$00, 60$00, 35$00/Assinatura 400$00, 300$00, 175$00
Outros espectáculos — Avulso 60$00, 40$00, 25$00 Assinatura 300$00, 200$00, 125$00
50 % de desconto aos estudantes
Calendário de bilheteira: Novembro — dias 6, 7 e 8 — novos assinantes / dia 10 — início da venda avulso Grupo A e Grupo B — maiores de 6 e 10 anos

ACÇÕES COMP.as CERVEJAS

COMPRAM-SE

Indicar qualidade, quantidade e preço. Só serão apreciadas respostas concretas.

Resposta a este jornal ao n.º 925

CONVITE

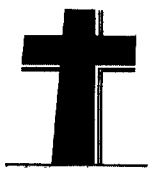
Grémio dos Industriais de Panificação

Convida todos os seus agremiados a frequentarem os cursos de aperfeiçoamento técnico que se efectuam na Escola da Panificação de Lisboa.

Estes cursos visam, fundamentelmente, o aperfeiçoamento técnico dos nossos agremiados, contribuindo assim não só para uma melhoria da qualidade, como também para uma maior dignificação da indústria.

A Direcção aguarda, a partir do próximo dia 8, as inscrições de todos os agremiados na sede da Escola.

A DIRECÇÃO



ISABEL MARIA JAIME ALDIM GUEDES COSTA

MISSA DO 30.º DIA

Agradecimento

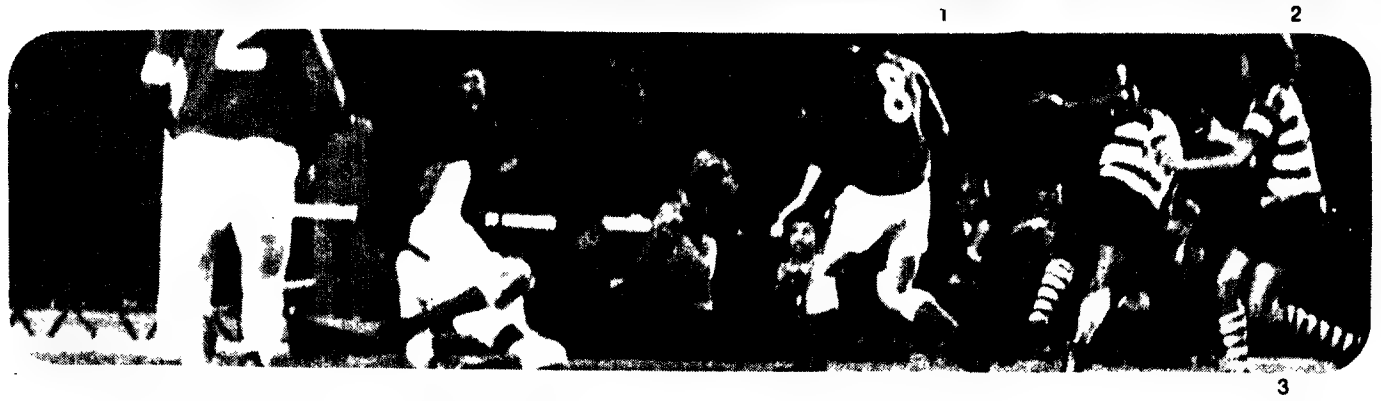
Maria Elisa Aldim Guedes Costa de Brito, António de Brito e filhos, sobrinhos, cunhadas e mais família, participam que amanhã, dia 8, ás 18,30 horas, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora (Largo dos Prazeres), será celebrada Missa pelo eterno descanso de sua alma.

Agradecem desde já ás pessoas que se dignem assistir a este piedoso acto, bem como, a todas que lhes manifestaram o seu pezar e o não tenham feito, por desconhecimento de moradas.

P. N. A. M.

1

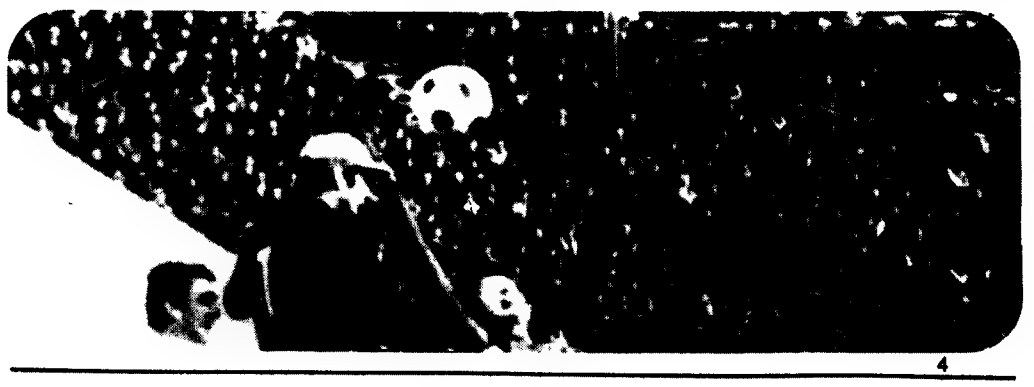
2



3

A EUROPA NA HORA DA BOLA

A semana desportiva europeia foi agitada por uma série de encontros futebolísticos em que algumas das melhores equipas do Velho Continente terçaram armas pela continuidade das suas carreiras em três torneios: a «Taça dos Clubes Campeões Europeus», a «Taça das Taças» e a recém-vinda «Taça da U. E. F. A.» (ex-Taça das Feiras»). Jogou-se por todo o lado: em La Valette, Budapeste, Milão, Liège, Amesterdão, Londres, Wolverhamton, Roterdão, Bucareste, Viena de Austria, Berlim, Belgrado, Moscovo, Munique, Varsóvia, Arad, Bois de Duc, Bilbau, Liese, Jena, Dundee, Bolonha e, claro, em Sófia, Setúbal e Lisboa. Directamente, os portugueses competiram em três frentes, saindo airosamente dos confrontos C. S. K. A. - Benfica e Vitória de Setúbal-Spartak de Moscovo. Um pouco mais e teríamos também o Sporting (que, mesmo assim, triunfou no segundo embate com o Rangers) em novo degrau da escalada europeia do futebol português. Para a história dos torneios que apaixonam a Europa futebolística eis algumas imagens das principais partidas realizadas esta semana, recordando que ficaram apuradas para a fase seguinte as formações do Benfica, Feijenoord, Ujpest, Standar, Celtic, Arsenal e Ajax («Taça dos Campeões»); Rangers, Crvena Zvezda, Dínamo da Alemanha, Torino, Dínamo da U.R.S.S., Steaua, Aatvidaberg, e Bayern («Taça das Taças») e do (Rapid, Liese, Dundee, Wolverhampton, Zelzenicar, Tottenham, Braunsch, St. Johnstone, Vitória de Setúbal, Milão, Carl Zeiss, Arad, Rapid, e Feindoven («Taça U.E.F.A.»). Nesta última competição falta realizar um dos encontros entre o Juventus e o Aberdeen, enquanto que para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus» é necessário repetir a primeira «mão» do embate entre o Borussia e o Inter, em vista da sua anulação pela U. E. F. A.



4

5

6

7

8

9

1 — **Em Sófia.** Artur Jorge toca a bola de cabeça para os pés de Eusébio.

2 — **Em Setúbal:** Kavazaschivilli defende a punhos ante a meaça de Guerreiro.

3 — **Em Alvalade.** o golo de Tomé, segundo do Sporting contra o «Rangers».

4 — Em **Bucareste.** Haidu, guarda-redes do Steva (Roménia) em posição difícil perante avançados do Barcelona.

5 — Em **Budapeste.** Segundo tento dos húngaros do Ujpest (por Dunai II com o valenciano Anton dentro da própria baliza.

6 — Em **Londres:** Martin Chivers (Tottenham) vence a fraca oposição do francês Gabriel de Michele (Nantes), que irá tombar no solo.

7 — Em **Viena:** Lombardo e Cereser (Torino) enquadram Riedl (do Austria), que está por terra mas irá endossar o esférico a um companheiro.

8 — Em **Amesterdão:** O segundo golo do Ajax (pontapé de Swart, aos 38 minutos) na partida contra o Olympique de Marselha.

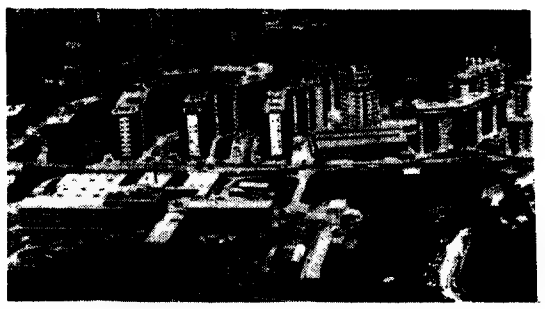
9 — Em **Milão.** Ghio (do Inter, à direita) estabelece, com o quarto golo italiano, a marca final perante o Borussia

Tem 25 contos?
Tem 50 contos?
Tem 150 contos?
Tem 500 contos?
Tem 1.000 contos?

ADQUIRA EM COMPROPRIEDADE

APARTAMENTOS DE J. PIMENTA, S. A. R. L.

e obterá um magnífico rendimento



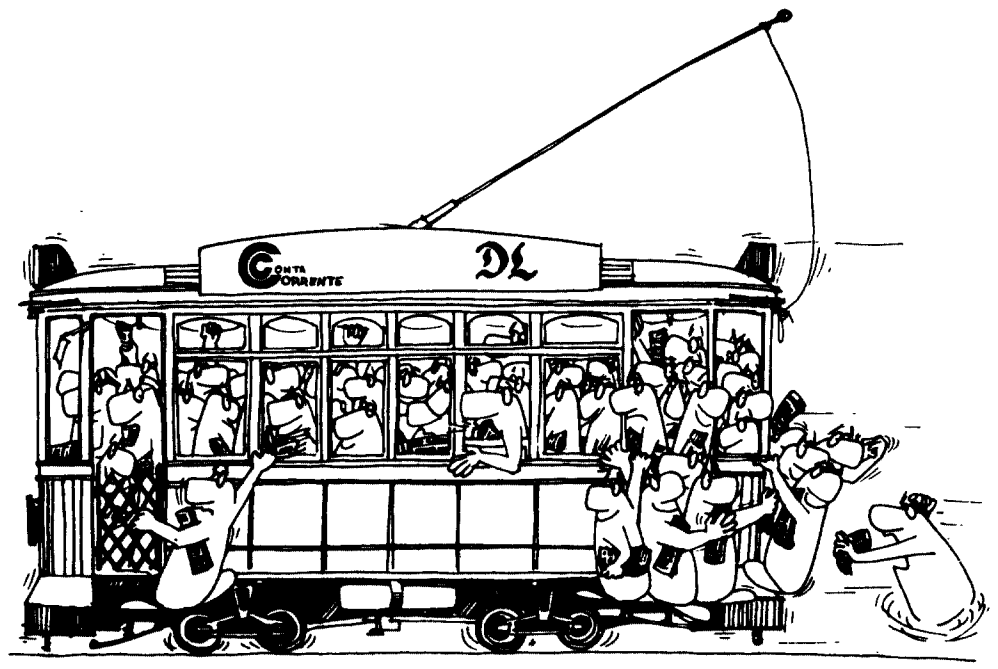
PAÇO DE ARCOS — ESPARGAL
Apartamentos junto ao mar

INFORMAÇÕES

J. PIMENTA, S. A. R. L.

LISBOA — Praça Marquês de Pombal, 15 Telef. 45843/47843
QUELUZ — Edifício Sede: R. António Enes, 25. Telef. 952021/2

Locais de construção e venda de propriedades
Cascais — Paço de Arcos — Lisboa — Reboleira



DACTILÓGRAFAS

com bons conhecimentos de português e facilidade de execução, admite empresa de Lisboa, para trabalho especializado. Dar-se-á preferência às candidatas que possuam como habilitações literárias mínimas a secção de Letras do segundo ciclo liceal. Resposta a este jornal ao N.º 924.

cinemas • cinemas • cinemas

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 - 21.45
(M. 14 anos)
2ª Semana - Barry Newman, Dean Jagger e Cleavon Little num filme verdadeiramente sensacional CORRIDA CONTRA O DESTINO

EUROPA Tel. 861016
15.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Em continuação de estreia. Romy Schneider e Michel Piccoli em O ESTRANHO CASO DO INSPECTOR MAX» Às 15.15 - Ultima. (Grupo C-14 anos) ROMANCE DE UM LADRÃO: Matinée infantil. hoje às 18.15 (Grupo A - 6 anos) Um filme português! A história de 2 garotos unidos pela amizade de um cão UM CÃO E DOIS DESTINOS

VOX
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
7ª Semana Triunfal LOVE STORY c/ Ali Mac Graw e Ryan O'Neal. Às 0.30 h. (adultos) O TUMULO VAZIO.

IMPÉRIO (Telef. 555134/5
15.15 - 18.30 - 21.30
(Grupo D - M. 18 anos
A AMEAÇA c/ Mia Farrow num filme de Richard Fleischer

ALVALADE
15.15 - 18.15 - 21.30
2.ª semasa
(Grupo B - M. 10 anos)
O ARCHEIRO DO FOGO c/ Montgomery Wood

LYZ (Tel. 48980)
15.00-21.00
Grupo C
M. 18 anos
VALDEZ e O PERIGO VEM DAS MULHERES

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
Grupo D. M. 18 anos
FASCÍNIO DE LAS VEGAS e A PAIXÃO

POLITEAMA (Telef. 326305)
21.30 (Grupo D M. 18 anos)
A maravilhosa comédia romântica TENTAÇÃO, com Gunther Stoll e Rolf Eden

SÃO JORGE
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D M. 14 anos)
Joan Collins e Tom Bell em UM CASO DE AMOR A história que jamais esquecerá!

APOLO 70 (Telef 763319)
15.00 - 18.15 - 21 30
(Grupo C - 14 anos)
IVAN O TERRÍVEL um filme genial de Sergei Eisenstein Devido à sua grande metragem o filme começa à hora do espectaculo

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.00 - 17.00 - 19.00 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
9.ª semana O JOELHO DE CLAIRE (le Genou de Claire), c/ Jean Claude

RESTELO
21.30
Grupo D - M. 14 anos)
Em Eastmancolor
O CÍRCULO VERMELHO com Alain Delon, Yves Montand, Bourvil, Gian Maria Volante e François Perrier.

ROMA (Telef. 72778)
2.ª semana
15.30 - 21.45
(Grupo C - M. 4 anos)
Filme PARANOIA c/ Carol Baker e Jean Sorel - Technicolor-Scope

MONUMENTAL (Telef. 555131)
21.30
Grupo C - M. 14 anos
VAGABUNDOS SELVAGENS UM «Western» de grande classe c/ William Holden-Rya O'Neal Karl Malden

LUMIAR (Tel. 795296)
21.00
(M. 18 anos)
A HONRA DA FAMÍLIA e TOTO DA ARABIA

CONDES (Tel. 322523-326710)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
HEROIS DESCONHECIDOS c/ George Ihlton Klaus Kinsky

TIVOLI
(Tel. 50595)
15.00 e 21.30
(Grupo D M. 18 anos)
«Uma comédia divertida e atrevida!
ONTEM, HOJE E AMANHÃ com SHOPHIA LOREN E MARCELLO MASTROIANNI Realização de Vitória De Sica

ESTÚDIO 444
14.30 - 16.45 - 19 - 21.45
(Grupo D - M. 18 anos)
7ª. Semana Novo triunfo de Ingmar Bergman A VERGONHA c/ Max Von Sydow Liv Ullmann.

SATÉLITE
14.30 - 14.45 - 19 - 21.45
(Grupo D - M 17 anos)
7ª Semana. Um filme excepcional de Vinconti MORTE EM VENEZA

LIDO (Tel. 937593)
21.30 (Grupo C - M. 14 anos)
Omar Sharif, Jack Palance, Leigh Taylor-Young OS CAVALEIROS DAS ESTEPES. Um espectacular filme cheio de acção e aventura!

EDEN (Telef. 320768)
15.30 - 18.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
O ARCHEIRO DE FOGO em Scope-Color c/ Montgomery Wood

ODEON (Telef. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo D - M. 18 anos)
O extraordinário filme de acção violenta 5 FILHOS DO DIABO com Gunther Scott Eastmancolor.

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 21.45
(Grupo D -M. 18 anos)
Eastmancolor AMAR-SE MAL c/ Susan Scott, Gianni Macchia

MUNDIAL (Telef. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(M. 18 anos)
Elliot Gould e Brenda Vaccaro na satírica comédia conjugal em Technicolor UMA CERTA FORMA DE AMAR

ROYAL (Tel. 865037)
15.00-21.00
(Grupo B
M. 10 anos
RIO BRAVO e PANICO NAS RUAS

CASINO ESTORIL (Tel. 2646176)
17.00 - 21.30
(Grupo D - M. 18 anos)
«DOIS À ITALIANA» com Sophia Loren, Vitório Gassman

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

VILLARET
21.00 - 23.00
«O aniversario da tartaruga»

MARIA VITÓRIA
20.45 - 23 00
«O Zé aperta o cinto»

A.B.C.
10 45 - 23.00
(18 anos)
«Saídas da casca»

VARIEDADES
21.45
(18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

MONUMENTAL
21 45
(18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

LAURA ALVES
21.45
(18 anos)
«O Vison Voador»

COLISEU
21.30
(6 anos)
«Circo»

CAPITÓLIO
21 45
(7 anos)
«Querida Mamã»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
18 00
(14 anos)
«Vinte passos para a Morte»

CINEARTE
21.00
(10 anos)
«As garras do amor»

JARDIM
21.00
(10 anos)
«Rio Lobo»

PARIS
21.00
(14 anos)
«O circulo vermelho»

CAPITÓLIO (Terraço)
21.00
(17 anos)
«QUE IMPORTA MORRER»

ROYAL
21.30
(10 anos)
«Rio Bravo»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (17 anos)
«Convite ao pecado»

OEIRAS
Oeiras-Cine
21
(10 anos)
«O Menino Selvagem»

CARCAVELOS
Vitória-cine
21.30 (10 anos)
«80 passos para o amor»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«King o homem secreto»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00
(14 anos)
«Assalto Fantástico»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (18 anos)
«Dois à italiana»

ESTORIL
Palacio
21.30 (18 anos)
«O Dossier Anderson»

CASCAIS
S.José
21.30 (10 anos)
«O Inimigo público»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D.João V
21.15 (17 anos)
«O Vale perdido»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (17 anos)
«Que belo patife»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Nem sangue nem arena» e «O grande massacre»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (17 anos)
«Um lugar para amar»

SINTRA
Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«A Filha de Ryan»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)

BARREIRO
Ginásio
21.00 (17 anos)
«O Presidiário»

COSTA DA CAPARICA
Copacabana
21.oo (10 anos)
«Inferno para mais um» e «A ULTIMA AMEAÇA»

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15 (10 anos)
«Romance em Acapulco»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Nunca foram vencidos»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.oo (18 anos)
«A Vida íntima de 4 mulheres»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21 45
(18 anos)
Pimenta na Língua)

ANTÓNIO PEDRO
21 45
(18 anos)
«Os Fidalgos da Casa Mourisca»

PORTO/Cinemas

ÁGUIA DO OURO
21.30
(14 anos)
«Odio Velho»

BATALHA
21 30 (14 anos)
«Romance de um ladrão de cavalos»

CARLOS ALBERTO
18 amos
DUELO EM Diablo»

COLISEU
21.30
«Tora, Tora, Tora»

JÚLIO DINIS
21.30
(18 anos)
«A Doce Vida de Casta Susana»

ESTÚDIO
2130 12 anos
«O vale do fugitivo»

OLÍMPIA
21 30
(18 anos)
«Casa sinistra»

RIVOLI
21.30
(10 anos)
«Jane Eyre»

S. JOÃO
21 30
(18 anos)
«Love Story»

TRINDADE
21.30
18 anos
«O falso profeta»

VALE FORMOSO
21.30
(10 anos)
«A costureirinha da Sé»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Encruzilhada para uma freira»

AVENIDA
21.30
(18 anos)
«Moral Privada»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«Ned Kelly»

TIVOLI
21 30 (18 anos)
«Love Story» (História de amor)

Viaje de comboio pagando apenas meio bilhete

Se tem 65 anos ou idade superior, viaje de comboio por metade do preço de um bilhete normal. Uma iniciativa da CP para lhe permitir dar mais vezes à sua família a alegria das suas visitas. E ter o prazer de levar os seus netos * a conhecer as belezas de Portugal.

*** Que, se tiverem entre 4 e 12 anos, também só pagam meio bilhete.**

Bilhetes para pessoas de idade

marcontur

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

farmácias de serviço

LISBOA

AJUDA:
Moura, Travessa da Memória, 55 (Tel. 630944).

ALCÂNTATA:
Bairrão, Rua Prior do Crato, 25 (Tel. 661321).

ALVALADE:
Zilda, Av. da Igreja, 9-D (Tel. 711780); **S. João de Deus**, Rua Pedro Ivo, 1-A (Tel. 725140); **Roma**, Avenida de Roma, 85-B (Tel. 772466).

AMOREIRAS:
Britânica, Travessa da Légua da Póvoa, 5-B (Tel. 689250).

ANJOS:
Confiança, Avenida Almirante Reis, 46 (Tel. 42453); **Renascença**, Rua Damasceno Monteiro, 104 (Tel. 831504).

AREEIRO:
Garantia, Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Tel. 727300); **Imperial**, Aven. Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860).

AVENIDAS NOVAS:
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45 (Tel. 773043); **Dalva**, Avenida Duque de Avila, 125 (Tel. 45225).

BAIRRO ALTO:
Barreto, Rua do Loreto, 30 (Tel. 327284).

BAIRRO DA LIBERDADE:
Salutar, Rua B, 75-A (Tel. 633694).

BAIXA:
Teixeira Lopes, Rua Aurea, 154 (Tel. 324816); **Oliveira**, Rua da Prata, 240 (Tel. 321415).

BENFICA:
Alegria, Estrada de Benfica, 180-A (Tel. 780511); **Lavinha**, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquilha), 28-A (Tel. 708242); **União**, Estrada de Benfica, 592/4 (Tel. 700092).

CAMINHOS DE FERRO:
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (Tel. 847019).

CAMPO DE OURIQUE:
Lobel, Rua Infantaria 16, 98-B (Tel. 688807).

CAMPOLIDE:
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Tel. 682610).

CASTELO:
Ziler, Rua de S. Tomé, 54 (Tel. 862835).

CHELAS:
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Tel. 382241).

CHILE:
Veral, Rua Morais Soares, 109 (Tel. 40632).

ENCARNAÇÃO:
Ascenso, P. do Norte, 11 (ao Bairro da Encarnação) (Tel. 311216).

ENTRECAMPOS:
Alcântara, Avenida da República, 74-A (Tel. 771379).

ESTEFÂNIA:
Mundial, Largo D. Estefânia, 9 (Tel. 45578).

ESTRELA:
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo, 66-B (Tel. 666971).

LAPA:
Paiva da Costa, Rua da Lapa, 105 (Tel. 664414).

LUMIAR:
Central do Lumiar, Rua do Lumiar, 77 (Tel. 790408); **Douro**, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 791131).

OLIVAIS:
Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (Tel. 311237).

PICHELEIRA:
Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 16-A (Telefs. 728395-720703).

PICOAS:
Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (Tel. 553468).

POÇO DO BISPO:
Freitas, Rua Zófilo Pedroso, 11 (Tel. 381136).

REGO:
Baptista, Rua Francisco Tomás da Costa, 3-C (Tel. 771873).

SANTA APOLÓNIA:
(Ver Caminhos de Ferro).

SANTA MARTA:
Fernandes, Rua de S. José, 107 (Tel. 326476).

SANTO AMARO:
Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões, 42-B (Tel. 638625); **Biotifar**, Rua D. João de Castro, 27-B (Tel. 638824).

S. BENTO:
Castro, Rua de S. Bento, 199-A (Tel. 660513).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA:
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião da Pedreira, 1-9 (Tel. 48642-2218580).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Telef. 212081)

CAXIAS:
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro Parque Residencial dr. Augusto de Castro - Lote 10 (Telef. 2430691)

PAREDE
Macau, R. José Elias Garcia, 60-C (Telef. 2471785).

S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro, (Tel. 263052).

ESTORIL
Parque, Arcadas do Parque, 3 (Telef. 260191)

CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078); **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
Confiança, Est. Militar, Lote D (Telef. 971121)

AMADORA
Amadora, P. 28 de Maio, 3-A (Telef. 935518); **Carmelo**, R. Elias Garcia, Lote 28 (Telef. 933303); **Helénica**, R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613); **S. Jorge**, R. Pedro del Negro, 5 Reboleira (Telef. 938703)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Telef. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Telef. 951841)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034)

MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980458)

SINTRA
P. Rainha D. Amélia, 20 (Telef. 980155)

COLARES
Colares, Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 31-A (Telef. 273498)

ALMADA
Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (Telef. 273498)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)

BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Telef. 2273207)

COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Telef. 270254)

MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga, (Telef. 239025)

MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Telef. 230032)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)

SETUBAL
Lisboa, R. Dr. Paulo Borba, (Telef. 22248); **Salão**, Av. Portela, (Telef. 22709)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

Almeida Cunha, Lda., Rua Formosa, 327; **Antas**, Av. F. de Magalhães, 1076; **Barreiros**, Rua de Serpa Pinto, 8; **Clérigos**, Rua dos Clérigos, 36; **Gomes Carneiro**, Rua de Cedofeita, 348; **Guerra**, Rua Costa Cabral, 43; **Guimarães**, Rua de Francos, 37; **Lidador**, Rua do Lidador, 171 **Lousada**, Largo do Campo Lindo, 62; **Oriental**, Rua do Bonjardim, 727; **S. Roque**, Rua de S. Roque da Lameira, 1111; **Soeiro**, Rua de Santos Pousada, 71; **Vasques**, Rua das Condominhas, 794; **Campos**, Rua Pe. L. Cabral, 943 - Foz.

COIMBRA

Olivais, R. Bernardo de Albuquerque, 159 (tel. 22804); **Universal**, Pr.ª 8 de Maio, 35 (tel. 23733); **Adriana**, Pr.ª da República, 20 - 22 (tel. 23609).

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

VIELA Cantam Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais Tocam António Bessa e Fernando Reis Consumo mínimo 60$00 **Rua das Taipas, 14. Telef. 327256.**

TAVERNA DO EMBUÇADO Elenco João Ferreira Rosa, Beatriz da Conceição, António Melo-Correia, Maria da Nazaré Colaboração de João Braga e Vicente da Câmara Tocam Fontes Rocha, José Luís, Nobre Costa e Pedro Leal Encerra aos domingos Consumo mínimo 90$00. **Beco dos Curtumes, 10. Telef. 860816.**

TIMPANAS Cantam Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga Tocam Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros Consumo mínimo 61$50 (taxas incl.) **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

TAMILA Marão e s/ conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

«A SERENATA» Cantam Cidália Moreira António Rocha e Amélia Proença Grupo Folclórico Cantares de Portugal **Rua Diario de Notícias, 122. Telefs. 32359 e 324381.**

ADEGA MESQUITA Cantam Fernando Pinto, Francisco Martins e Alcindo Carvalho Tocam Jaime Santos e António Proença Danças Regionais por conjunto privativo Consumo mínimo 60$00 Encerra ao domingo **Rua Diário de Notícias, 107. Telef. 328307**

ADEGA MACHADO Cantam Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício, Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos Tocam Liberto Conde e Américo Silva Fandango pelo Grupo típico de Vila Franca de Xira Encerra às segundas-feiras Consumo mínimo 70$00 **Rua do Norte, 91. Telefs. 30095 e 28713.**

a furna
música gravada
ceias até as 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d.
(a duque de loulé)
53 44 66 96 19 49

D. QUIXOTE **BAR BOITE** com Carlos Villaret e Tony Vieira Aberto até as 5 da madrugada Encerra aos domingos **Rua da Trindade, 9. Telef** 327109

CASINO ESTORIL Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefs. 26451-264526-264596-264621-264946**

SANZALA Um pouco de África em Lisboa. Música constante. Encerra às 3.30 horas. **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

CLUBE ANDALUZ Boite com atracções espanholas Música constante **Calçada Marquês de Abrantes, 64-66. Telef. 667264**

MAXIME Conjunto 6 Reacção e Maximiliano Show turístico Variedades internacionais **Praça da Alegria, 58. Telf. 55366**

HIPOPPOTAMO Conj Helder Reis Encerra aos domingos **Av. Ant. Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) Conjunto Oliver **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

BATACLAM Bar Discoteca Bar aberto das 19.00 às 3.30h Disc Aberto das 22.00 às 3.30h Noites de Paris em Lisboa Encerrado ao domingo **Rua Ramalho Ortigão, 39-A. Telef. 560430.**

«PORTAS DO SOL» Restaurante-Bar Almoços e Jantares e serviço de bar permanente **Rua S. Tomé, 86. ABC. Alfama. Lisboa. Telef. 861633.**

televisão

SIEMENS ESTORIL electronic

HOJE

1.º Programa

12.45 Abertura e dia do Senhor. Um programa pelo Rev. Padre Dr. Francisco Videira Pires.
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Série Juvenil Robin dos Bosques
14.25 Hoje pode ver
14.40 TV educativa
15.05 Tarde de cinema «Mocidade Triunfante»
16.30 Disneylandia
17.25 Expedição
17.50 Domingo desportivo
18.05 Vamos aprender... Judo
18.30 TV Rural
19.00 Série comédia «Olho Vivo»
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 POP 25
20.35 TV 7
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 Série de aventuras «Persuadotrons»
23.05 Fados
23.25 Momento desportivo 2.ª edição
23.45 Marcha do Mundo
23.50 Meditação e Fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura
20.31 Dó Lá Si
21.00 Série Filmada. O Tesouro dos Holandeses
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Nick Karter e o Trevo Vermelho»
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período
12.45 Abertura e Desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Filme de série «Arnie»
13.45 Telejornal 1.ª Edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite

2.º Período
14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Filme infantil
19.30 Telejornal 2.ª Edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Arte Portuguesa Arte Universal
21.00 Série de aventuras «Nanou»
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.05 Canal 13
23.30 Marcha do Mundo
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa
20.30 Abertura
20.31 Filme de série «Arnie»
21.30 Telejornal 3.ª Edição
22.00 As grandes batalhas. A Batalha de Inglaterra
23.30 Fecho.

mais música
mais luz
mais movimento
TUDOR

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C. V. P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C. R. G. E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P. S. P	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

09.00 H

Em Port. Cont. o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco a moderado predominando de Noroeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	10.º
PENHAS DOUR.	2.º
COIMBRA	12.º
PORTALEGRE	9.º
LISBOA	15.º
FARO	19.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima
Anadia 25,5.º

Mínima
Vizeu 1,5.º

Temperaturas no Estoril

Água do mar 17,8.º
Atmosfera ..... 14 .º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
7.22	4,0 m	0.10	1,3 m
19.57	3,6 m	12.46	1,3 m
Dia 8			
8.05	3,8 m	0.57	1,5 m
20.52	3,4 m	13.51	1,5 m
Dia 9			
9.09	3,6 m	1.52	1,7 m
21.51	3,3 m	15.03	1,7 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco a moderado dos quadrantes de Norte.

AMANHÃ
Nascer às 8.10
Ocaso às 17.30

Dia 9	Dia 18	Dia 25	Dia 2

rádio

EMISSORA 1º Programa

14.30 Futebol: Relato, Informações e Comentários dos Jogos da 8ª Jornada do Campeonato de Futebol da 1ª Divisão
17.45 Actualidade desportiva
18.05 Girândola
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Exitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades no estúdio
22.00 Teatro das comédias: «A vida de S. Martinho», um original de Judith Navarro, inspirado numa lenda medieval
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 Ritmos em contraste
24.00 Fecho.

2º Programa

17.00 Perspectivas obra de Mozart; para instrumentos de sopro (Música de Câmara)
18.00 Intercâmbio musical (1ª Parte) CONCERTO DE DOMINGO
18.45 (Intervalo) canções de Schubert, pelo soprano Irmgand Seefried
19.00 Concerto de domingo (2º Parte)
19.35 Sonata n.º 1, em Mi Menor, Op. 38, para piano e violoncelo (Brahms)
20.00 Diário sonoro
20.20 Música de câmara — Suite de Danças (Corelli)
20.30 As grandes figuras do mundo português, p/Dr. Caldeira Pais
21.00 Recital de canto e piano, pelo barítono Aleardo Corbetta e pela pianista Regina Cascais
21.17 A pianista Rena Kyriakou
21.30 Que quer ouvir? — Programa elaborado p/Margarida Brandão
23.00 O ocidente
01.15 Fecho

Emissores em MF 2

14.30 Sinfonia em sol menor (Lado)
15.00 Selecção da ópera «La cenerêntola» (a gata borralheira) (Rossini)
16.05 Concerto em Lá Menor, Op. 129, para violoncelo e orquestra (Schumann)
16.30 Música de piano — Estudo n.º ª (Rachmaninoff) — Visões fugitivas, op. 22 (Prokofieff)
17.00 Fecho

Programa estereofónico

21.00 Música ligeira variada
22.00 Músical coral sinfónica — um requiem alemão, O. 45 (Brahms)
23.24 Música de tecla
00.07 Quinteto em Lá Maior, Kv 581 (Mozart)
00:44 Nocturnos (Suite para orquestra) (Debussy)
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

14.55 Tarde desportiva
17.00 Chave do totobola
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.00 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.02 Formula 1
19.30 Rádio jornal
20.07 A orquestra de domingo
20.15 Comentador desportivo
20.30 Semana 7
20.45 A estrela da noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grande roda
00.02 «P. B. X.»
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Emissor de Miramar

14.55 Tarde desportiva
17.02 Auto rádio
17.45 Orquestras e canções
18.02 Auto rádio
17.45 Orquestras e canções
18.01 Música e desporto
18.30 Som-actualidade
19.03 Conjunto
19.15 Campeão português
19.30 Boletim desportivo
20.00 Nota de abertura e noticiário
20.10 Norte dia a dia
21.04 Viagens na nossa terra
21.30 A voz da esperança
22.03 Selecção de ritmos
22.15 A hora do templo
22.30 Variedades
23.00 Noticiário
23.04 Clube da juventude.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR
Das 7.00 às 8.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 2.00

RADIO VOZ DE LISBOA
Das 14.30 às 17.00

CLUBE RADIOFONICO DE PORTUGAL
Das 8.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30

RADIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.30 e dafs 19.30 às 22.00

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL:
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º2,ºE-4.º
TELEF. 654531/2-3-4
SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA. TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

Há 75 anos chegava ao Porto o primeiro comboio

O túnel de Avé Maria em construção

«O comboio inaugural largou da Campanhã à 1 hora da tarde menos 10 minutos, indo na primeira carruagem a Banda de Infantaria 6, que tocou o Hino da Carta quando se rompeu a marcha. O trajecto fez-se em 7 minutos. No recinto da estação a multidão era compacta. Nas janelas dos prédios que a emolduram pendiam colgaduras de damasco e drapejavam bandeiras. O comboio foi recebido com palmas e saudações».

Assim se referia um matutino portuense à chegada do 1.º comboio ao centro do Porto em 7 de Novembro de 1896. Estavam coroados os esforços do engenheiro Hippolyto de Bae're, construtor da linha urbana (2 707 metros) e dos três túneis, um dos quais, o de Ave Maria, notável obra de engenharia pela sua grande extensão e dificuldade de construção.

OS MESTRES

Este acontecimento, porém, além de galardoar mais uma vez aquele engenheiro belga, que aliás prestara já a Portugal, onde vivia, valiosos serviços, tendo sido nomeado Cavaleiro da Real Ordem Militar Portuguesa de Cristo em 27 de Setembro de 1882, permitiu realçar o engenho e arte de dois grandes mestres: o arquitecto Marques da Silva, autor do projecto da estação do Porto (São Bento), inaugurada em 5 de Outubro de 1916, projecto com que obteve o seu diploma de arquitecto em 10 de Dezembro de 1960, tendo sido também condecorado com o grau de oficial da Ordem de São Tiago de mérito literário, científico e artístico quando as obras ainda estavam em andamento, e o pintor Jorge Colaço, criador dos admiráveis azulejos que cobrem e ornamentam 551 m2 do vestíbulo daquela estação, e onde são reproduzidos os múltiplos meios de transporte usados em Portugal, quadros históricos e cenas típicas nortenhas.

Setenta e cinco anos são decorridos. Campanhã, que outrora era um arrabalde longínquo, foi absorvida pelo burgo em expansão. E a linha urbana, que na altura servia para chegar ao Porto, é usada agora como transporte necessário e económico entre a casa e o emprego por milhares de trabalhadores que foram residir para os arredores, afugentados pelas rendas exorbitantes e incompatíveis com os seus ordenados.

HOMENAGEM

Integrada nas comemorações das Bodas de Diamante da inauguração da linha urbana vai a CP homenagear aqueles três mestres, descerrando no vestíbulo da estação de São Bento, totalmente remodelado, um bronze da autoria do escultor Gustavo Bastos. Haverá ainda, no quadro das comemorações, a cunhagem de uma medalha alusiva ao acontecimento, que será oferecida às filhas dos homenageados e a 30 ferroviários no activo; edição de postais; carimbo comemorativo; exposição de quatro locomotivas anteriores a 1896 (foram usadas nos caminhos de ferro do Minho e Douro) e que se destinam ao futuro Museu Ferroviário.

Serão também expostos documentos, fotografias e desenhos relacionados com as obras na estação em que tiveram acção destacada os três técnicos a homenagear.

No ALGUEIRÃO o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Agente António José Matos da Cruz, Vivenda Conceição-Baratã.

O primeiro combóio que entrou em São Bento

O MONTEPIO COMERCIAL E INDUSTRIAL E O DIA MUNDIAL DA POUPANÇA

Correspondendo ao grande interesse que o Dia Mundial da Poupança despertou em todo o País, a Caixa Económica do Montepio Comercial e Industrial levou a efeito, no passado sábado dia 30, uma distribuição de 250 cofres-mealheiros a 250 crianças.

Esta iniciativa, destinada a fomentar nos jovens o gosto pela poupança, consistiu na abertura de contas depósito de 250$00 inteiramente grátis.

Logo, de manhã, uma bicha enorme de crianças acompanhadas de familiares emprestaram à rua Augusta o colorido típico dos «grandes acontecimentos».

Já no ano passado foram contempladas 100 crianças com 100 cofres-mealheiros e uma abertura de conta de 100$00 cada

Está de parabéns o Montepio Comercial e Industrial com a sua cativante e simpática iniciativa que este ano teve foros de acontecimento para o qual muito contribuiu o aumento substancial do número de crianças contempladas bem como da verba oferecida, colaborando da maneira mais altruísta no Dia Mundial da Poupança.

Colecção de Inverno de David Kit

Na notícia que, ontem, publicámos na página 9, sobre o sensacional desfile da conhecida casa David Kit, realizado no Casino Estoril, na última sexta-feira «passou» uma impertinente gralha: o título da reportagem não faz sentido, nem tão pouco tem qualquer ligação com o texto. Chamamos, por isso, a atenção dos nossos leitores para este lapso tipográfico e assim damos também satisfação a David Kit com o nosso pedido de desculpas por esta falha de certo modo compreensível na execução de um jornal.

LONDRES

7 dias (6 noites) no Hotel Tavistock ou similar com casa de banho, no centro da cidade.

6 pequenos almoços à inglesa.

2 espectáculos (Hair e Great Waltz).

2 transfers Aeroporto Londres-Terminal e vice-versa.

1 visita da cidade.

Serviço de hospedeira durante toda a estadia.

1 chá de boas-vindas.

Tudo por ..... 4790$00

PEÇA PROGRAMAS A

CITIRAMA

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 12-B - LISBOA - Tel. 560668

SUPER-VENDEDORES

Precisamos de vendedores com experiência, expediente e dinamismo.

Damos oportunidade dum trabalho moderno e movimentado. E a integração numa grande equipa de vendas. Fundamental ter carro e possibilidade de fazer deslocações.

Os candidatos admitidos ganharão um mínimo de

5.000$00 por semana

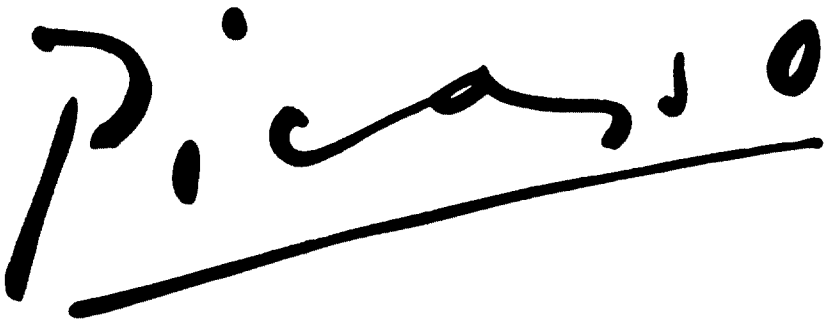
Entrevistas: Sr. Joaquim Caniços, a horas normais de expediente, todos os dias úteis.

FORDCAR PDC, LDA.

Alameda de Santo António dos Capuchos, 6 - 2.º A e B

LISBOA

aos 90 anos



Um combatente no activo

Uma identificação, mesmo sumária, do trajecto percorrido pela obra de Picasso mostra-nos que ela se tem mantido fiel à presença dos seres e das coisas, oscilando emocionalmente à **tonalidade** sentimental dos temas e dos assuntos, num paralelo entre o itinerário do pintor no mundo e aquilo que os seus olhos, as suas mãos, o seu cérebro e o seu coração desvendam (ou pressentem) a cada instante. «Eu não procuro, encontro» — o verbo de Picasso, com as suas cintilações inesperadas, ajuda-nos a compreender o sentido da sua autobiografia. A sua forma de afirmação, pela pintura ou pelo desenho, é também uma forma de combater e acerta-se a uma decisão moral de grande importância. «A arte é um instrumento de guerra ofensiva e defensiva contra o inimigo». Picasso demonstra a continuidade dos seus apelos e das suas paixões, faz com o seu próprio sangue o testemunho do mundo e dos seus personagens — «descrevendo» os amorosos e a gente pobre, saboreando com humor o espectáculo das tabernas e dos bailes e das crianças, debruçando-se sobre a ternura e o mistério da maternidade, evocando vertiginosamente a presença mítica dos toiros e a agonia dos cavalos, traçando com brutal comoção a denúncia

Por ROCHA DE SOUSA

da guerra e dos seus horrores, reencontrando, por fim e também, a sua alegria e a sua serenidade, os amores felizes, o sol do Mediterrâneo, a felicidade, a intimidade, e a grande paz do coração. Vê-se na sua obra, como refere Claude Roy, «coexistirem as tendências e as atmosferas, alternarem a um ritmo extremamente rápido a inspiração depressiva e a inspiração alegre, a ternura e a crueldade, a ironia e o lirismo. Como se diz de certos autores da literatura que são **escritores de espírito**, Picasso é um **pintor de espírito**. E verdade que esse humor muitas vezes coincidiu com o da sua época».

A arte de Picasso lembra-nos com violência a importância de estar vivo, é um combate contra a morte, as convulsões do mundo, a angústia e o silêncio. E também de Claude Roy esta anotação: «Após ter pintado num Paris transido, humilhado e terrível, quadros cruéis, humilhantes e insustentáveis, viu-se Picasso entregar-se ao **repouso** geral da espécie humana, celebrar com espírito e violência a alegria de viver, a tranquilidade recobrada, as grandes férias do coração. E quando, de novo, se acumularam as nuvens ameaçadoras, e estalou a tempestade da morte, torna a encontrar-se ao diapasão da sensibilidade geral, e pede à criação que exprima a sua angústia e a sua cólera, a cólera do maior número...».

De facto, a visão de Picasso enfrenta, ao nível da representação, uma necessidade profunda de entendimento da realidade. O problema técnico posto pelo cubismo, revolucionando o acto percepcional e desdobrando para uma maior abertura o modo de representar, explica-se, transfere-se a transcende-se no artista em termos que são também de situação, em termos de ética. Por muito que pareça afastar-se da realidade, da presença e do suor e da paixão dos outros homens, Picasso acaba sempre por reconhecê-la e por cantá-la. A trajectória essencial da sua obra acerta-se com a sua trajectória como indivíduo, compromete-se nela com intransigência e com generosidade, dá-nos conta do movimento da indignação e da sinceridade do artista. Há momentos em que essa sinceridade, a sua dádiva e o seu calor, aborda a aparência dominadora do mar, a força incontrolada dos toiros ou a irrealidade dos seres mitológicos. Outras vezes, quando o artista pinta **Guernica** ou **A Guerra e a Paz**, ele exprime com os meios da pintura, e uma torturada lucidez, a sua urgente necessidade de libertação (e também a nossa) perante o horror de uma luta idiota e cruel. E uma escolha incómoda mas decisiva, feita da noção do risco, da necessidade de testemunho, do sentido revolucionário da ruptura, da interrogação directa ao mundo. Tal escolha envolve-se na força de uma «visão mítica, simultâneamente lírica e épica», como alguém escreveu, e aponta uma revolta contra a monstruosidade, «a afirmação da vontade do homem, das suas esperanças, dos

O 90.º aniversário de Picasso foi assinalado, um pouco por toda a parte, com manifestações culturais e actos de homenagem ao grande pintor. O texto que publicamos nesta página, que nos foi facultado pelo nosso colaborador Rocha de Sousa e com o qual nos associamos às comemorações referidas, teve origem na segunda parte de uma conferência proferida na Fundação Gulbenkian.

seus combates, da sua vitória». Tal escolha representa, em suma, o latejar de uma consciência não demissionária, a percepção de que a luta não se trava apenas nos campos de batalha e de que o artista tem um compromisso para com o seu tempo que nenhuma indiferença da pura especulação estética pode abarcar ou resolver.

Na verdade, toda a obra de arte que assume a responsabilidade de mergulhar no significado dos acontecimentos e de contribuir para a sua transformação, obriga-nos ao esforço de uma longa indagação e de uma indesfarçável perturbação. Não a poderemos entender de forma satisfatória sem que da nossa parte se gere uma vontade de penetração da mesma prática e no mesmo amor que ela testemunha. A guerra urgente de Picasso, tecida com violência e angústia em obras como **Guernica**, testemunho acusatório de indesmentível grandeza, não põe apenas os problemas técnicos e estéticos que o pintor desvendava por volta de 1906: é a prova suprema da resistência do espírito humano, é o grito de indignação e do desespero, é a presença de tudo aquilo que a nossa indiferença ou a nossa cobardia amordaçam à cómoda alienação da rotina. Essa afirmação do sangue e da razão, essa censura, esse protesto e esse testemunho, têm de encontrar em nós a receptividade de uma vivência semelhante — a única via **completa** através da qual poderemos efectivamente receber a **mensagem** do pintor.

Picasso, enquanto pintor, é também e sobretudo o homem. Ele faz a sua autobiografia com feroz determinação, mantendo-se fiel a uma linha ética profunda, participando nas batalhas dos homens do seu tempo, refazendo em pesadelos impossíveis as formas modernas da barbaridade destruídora, do ultrajo à dignidade, e brandindo com paixão as suas armas. Tais armas são os meios da sua arte, são os instrumentos do génio e da insubmissão, sobrevivem ao ódio e ao esquecimento.

Exigem habilidade e destreza no manejo, um trabalho longo de todos os dias, uma interminável teimosia e uma interminável paciência. A mão, como símbolo de uma capacidade vertiginosa de fazer, de ferir, de imitar, de destruir, de formar, é o maior, é o grande instrumento de Picasso. Com ela, Picasso **coisifica** a sua voz, mas a obra nasce do respeito pelos meios que permitem a instauração adequada da linguagem, reflexo da luta interior — de exigência, de rigor, de disciplina, de vigilância — que precede o verdadeiro e decisivo combate. A **facilidade** de Picasso é a mais enganadora das facilidades: todas as suas grandes obras (tempos e medidas de uma viagem única e contínua) foram construídas em virtude do exercício demorado e atento, da apropriação rigorosa e prévia dos dados convenientes, numa recusa de toda a truculência divertida e irresponsável. Daí a sua pesada gravidade e o seu sentido de permanência. Daí o combate que elas representam, a superação dos impulsos excedentes, a valorização da vontade e o reconhecimento moral dos actos. Daí o seu acerto com a necessidade que os homens experimentam de se ultrapassarem contìnuamente a si próprios. «Estamos condenados ao impossível», disse Picasso. O acto criador representa-se nessa dimensão, quase diríamos que é frustrado por natureza, e é talvez por isso que ele propõe uma perpétua tragédia e um perpétuo retorno.

A obra de Picasso envolve efectivamente uma linguagem peculiar que é expressão desse permanente retorno, uma forma de combater e de caminhar na vanguarda das explorações contemporâneas, uma pesquisa persistente e apaixonada sobre os meios expressivos e o significado do nosso tempo. Vivida e produzida no meio dos homens, essa obra põe exemplarmente o problema da escolha e portanto a noção de responsabilidade. Aos noventa anos, vivo e no activo, Picasso é bem o combatente que essa responsabilidade não amedronta.

LEIA
nas páginas centrais
"A NOVA CRÍTICA EM QUESTÃO
responde ARNALDO SARAIVA

LEIA
Na página oito
"PONTOS DE REFERÊNCIA
por FERNANDO LUSO SOARES

DL
SUPLEMENTO LITERÁRIO

O Lirismo épico de "A Vergonha" de Ingmar Bergman

A RECUSA DE UM LIRISMO DESUMANO

A aparente inoportunidade duma reflexão como a que parece sugerir-se no título destas notas, numa altura em que os especialistas, quase unânimemente, se revelam e manifestam na preocupação mais imediata de outro filme, o «Ivan, o Terrível» (a que, de modo nenhum, diga-se de passagem, retiro pertinência de obra importante e, como tal, de todo passível do volume de consideração que está a merecer), essa inoportunidade, repito, acaba por afirmar, quanto a mim, a sua actuante oportunidade. Pois que as divergências havidas quanto à obra de Bergman parecem-me justificar, agora, que o filme estará prestes a sair da sala onde tem sido projectado, o prosseguimento duma discussão mais esclarecedora, e isso, muito mais do que toda a informação e comentário que sobre o «Ivan» nos está a ser debitado. Para já, o tom uniforme, ou quase, dos comentários envolvidos à volta do «Ivan» definiria qualquer outra altura como actualmente oportuna; e, ainda, o alarme que realmente devia ter sido desencadeado, na preparação para o aparecimento deste filme, foi-no justa e suficientemente feito já.

Mas o mesmo título parece também propor ainda um alargamento de propósito, para além do simples prosseguimento da discussão; uma expressão algo inusitada, como a de «lirismo épico», talvez sugira uma tentativa de conceptualização teórica, porventura no género da do «teatro épico» de Brecht. Tais suspeitas são efectivamente confirmáveis, e mais ainda: tendo ocorrido tal reflexão na convergência de alguns pontos de especulação com origem numa breve, mas sugestiva, polémica recetemente aparecida num vespertino, a propósito da «Morte em Veneza» de Visconti (1), com o conhecimento do filme «A Vergonha», comporta ainda o presente texto uma outra ordem de considerações que o propósito enunciado talvez não justificasse imediatamente.

O interesse que lhes concedo, porém, reside não só no seu funcionamento eventual como causa motivadora, mas ainda, e principalmente, como também consequência resultante e confirmante da reflexão; enfim, numa articulação dialéctica, como toda a que deve relevar duma prática crítica traduzida em procura contínua e consciente da própria teoria.

Daí, portanto, a sua abundante inclusão, e já de seguida, e este aviso prévio, na esperança de poder a tempo responder a qualquer declaração de desarticulação de parte do texto, que considero tão fundamental como o restante.

2

Aceitemos que a especificidade da obra cinematográfica se situa apenas no plano cinematográfico, no sentido que lhe é conferido por Metz: o dos códigos especificamente cinematográficos, surpreendíveis dentro do conjunto dos códigos, ditos fílmicos, que definem o texto fílmico na sua totalidade. Ora, entendemos que a validade artística da obra tem pl3 ser definida por algo mais que ser definida por algo mais ramento de tal especificidade, isto é, a consideração dum filme como possível obra de arte só pode ser determinada em função da sua projecção num funcionamento a que chamaremos estético. Parece-nos razoável que entendamos tal funcionamento como a relação existente entre a manipulação dum dado material (tudo o que articula o texto fílmico) e a acção provocada num receptor. A declaração do estético parece, portanto, implicar uma perspectiva dinâmica, ausente na simples construção, inventário, declaração de tal específico — no fim de contas, um relato exclusivo e restrito do que se passa unicamente ao nível da manipulação.

Por

Fernando Correia Marques

Mas a conceptualização de tal funcionamento — o acto crítico, afinal — só se verifica veiculável pela única via possível de conceptualização oferecida ao homem, ao analista, ao crítico: a da linguagem verbal. Daí, então, que qualquer conceptualização, restituidora dum processo operacional como o que temos em questão, seja, forçosamente literária; entendendo-se por literatura, como parece que se deva, toda e qualquer utilização da linguagem verbal na comunicação, participação, dum projecto conceptualizador (não confundindo, é óbvio, literatura com arte literária). E, então, concluiremos inevitàvelmente, que a crítica, particularmente a que nos interessa aqui, a chamada crítica cinematográfica, só pode ser operada - a comunicação sendo a fase última da sua operação — em termos literários.

Por conseguinte, falar-se, exigir-se, uma crítica cinematográfica em termos únicamente cinematográficos, como já tive ocasião de ler (2), parece-me algo de muito mal entendido e digerido. A ter algum sentido, tal afirmação apontará então para uma outra realidade, que não a da crítica cinematográfica que temos em mente, como seria, por exemplo, uma qualquer realização cinematográfica que contivesse no seu projecto inicial (que também é literário) a crítica a uma outra obra cinematográfica; ou, ainda, numa perspectiva mais ampla, toda e qualquer obra cinematográfica que deliberadamente se ofereça na transmissão dum projecto crítico, ainda de outras realidades-objectos não pròpriamente cinematográficos: como, talvez, as obras dum Godard, entre outros, por exemplo.

Por outro lado, o simples balanço do que num filme é específico envolve em si um projecto verbal, que é então igualmente literário, se bem que a sua preocupação não seja denotar o artístico, o estético, mas tão simplesmente inventariar o mecânico o técnico específico da obra.

Portanto, temos como razoável aceitar-se que é possível a uma obra revelar-se à análise, pobre dum ponto de vista da existência e articulação dos seus códigos cinematográficos, mas manifestar-se obra de arte, ao nível **literário** da compreensão do funcionamento, da contribuição dessa pobreza específica, se necessária para a tradução, juntamente com o restante não específico e a sua articulação, do projecto inicial duma dada manipulação de material a produzir um determinado efeito.

Mais ainda: se o equacionamento de tal funcionamento acaba irremediàvelmente por ser estabelecido em termos literários, na decisão última duma conceptualização linguística que terá também forçosamente o timbre, o teor e a determinação que forem inerentes à linguagem verbal própria do seu produtor; e se a linguagem é o homem, na medida em que é por ela que o mundo se lhe revela e que ele se revela ao mundo, tanto na perspectiva sincrónica do sistema que em dado momento está apto a utilizar, como principalmente no processo diacrónico de formação e deformação na aquisição, na exploração individual de tal sistema, e isso, a um tempo, pelo que o mundo circundante lhe vai sugerindo e pelo que o indivíduo retira de si próprio; temos então que todo o pronunciamento linguístico é um pronunciamento comprometido — porque viciado e vinculado pela formação-deformação de tudo o que vai constituindo o código verbal de cada um, fruto, repita-se, da sua aprendizagem simultânea do mundo que o cerca e de si mesmo.

Daí que tenhamos ainda que prosseguir com uma nova conclusão. Sendo o crítico de cinema, necessàriamente portanto, em primeira e última análise, um indivíduo de **formação** literária, o seu pronunciamento é, não só por definição de existência, um pronunciamento literário, mas ainda, como confronto que é do projecto literário surpreendível como estrutura primeira, articuladora dos vários códigos fílmicos no seu funcionamento em termos de acção, com o seu próprio projecto de leitura, comprometido, portanto, porque verbal (como, de resto, o primeiro), trata-se dum pronunciamento irremediàvelmente comprometido.

E esse confronto deverá então conduzir à verificação, ou do não funcionamento actuante na manipulação do material, por incapacidade de provocar uma das duas hipóteses possíveis de acção, fundamentais na bitolagem estética, a recusa ou a aceitação absolutas, e consequentemente a declaração da obra como não arte (ainda que continuando a justificar a apreciação noutro plano de considerações), ou da confirmação de tal funcionamento, a impor por seu turno a aferição, a bitolagem, com o esquema de valor que compromete o projecto crítico, e então, incluída na afirmação

UMA OFERTA DE FIM DE ANO

OBRAS COMPLETAS DE STEFAN ZWEIG	Prestações mensais de 50$00 em brochura ou 82$00 encadernadas

Entrega imediata das obras contra o pagamento da primeira prestação.

(5) Agradeço remetam impresso-proposta para aquisição das Obras de Stefan Zweig (32 volumes)

Nome .....

.....

Endereço .....

.....

Remeter este cupão à

LIVRARIA CIVILIZAÇÃO

Rua Alberto Aires Gouveia, 27
PORTO

Em Lisboa:
LIVRARIA CIVILIZAÇÃO-FILIAL
Av. Almirante Reis, 102-r/c D.º

do seu valor artístico, a recusa do projecto original, pela denúncia, ou a aceitação, pela revelação do projecto crítico.

Sem nunca perder de vista, repita-se, que tal acção de aceitação ou recusa comprometida tem de ser essencialmente determinada por razões estéticas — o que soa quase como redundância, mas que creio necessária, para acentuar que a iniciativa de decisão em tal verificação o julgamento reside em primeira e última instância na obra que se considera.

3

Prossigamos agora, e finalmente, com a restituição crítica de «A Vergonha» de Bergman, para a qual, insistimos, tudo o que até agora foi dito aponta e continua a dizer respeito.

Ora acontece que as críticas que li sobre o filme oferecem-se-me como susceptíveis de redução a duas atitudes, em princípio opostamente formuladas, mas contendo ambas, no entanto, um denominador comum de acordo. Num caso, o filme é recusado no seu projecto total, fundamentalmente a partir duma declaração de deficiência particular dum dos elementos de funcionamento articulatório da película (se bem que a condenação seja posterior e acessóriamente proclamada em nome duma consideração mais geral da obra geral de Bergman), nomeadamente a guerra subjacente, o ambiente bélico envolvido, que não é claramente explicitado em termos concretos duma referenciação ideológica concreta, o que torna inoperante a sua articulação na totalidade do filme como presumível declaração anti-belicista. Ou seja, como o humanismo pacifista que se admite como comprometendo o projecto original do filme não se revela, não explica as suas condições, e se entende isso como absurdo e travando a articulação coerente do filme, este fracassa inevitàvelmente como obra artística. Do outro lado, aceita-se, porém, e explica-se tal ausência de declaração ideológica como uma hipótese de reforço do tal humanismo pacifista, porque absurda será a guerra; mas, porque excusável, isto é, a declaração não prejudicaria o projecto, tal não declaração ideológica do conflito apresenta-se então igualmente como deficiência articulatória. Apenas que, neste caso, sómente a valoração artística do filme, que se aceita, é algo prejudicada (e isso, e ainda aqui, com um apelo ao todo da obra bergmaniana; em última instância, a obra é ratificável em Bergman) (3).

Esta, então, a situação: uma recusa e uma aceitação que, pelos seus pontos de contacto, acabam por não se excluirem, e que, por isso e principalmente pelo apelo extrínseco que fazem à obra geral de Bergman, são afinal relativas e não absolutas. Ora é isto, realmente, o que me parece errado. Errado, não só porque, como disse, as duas posições em princípio opostas acabam por serem redutíveis a uma mesma linha de recusa do filme, por defeito como obra de arte (se bem que na primeira essa atitude talvez seja mais encerradamente assumida no filme em questão), mas principalmente porque uma outra leitura, que é totalmente congruente, me é proposta e reabilita a película como obra de arte, anulando a deficiência anotada, ou melhor, tornando-a fundamental na articulação total do projecto, a impor, portanto, por razões ùnicamente intrínsecas, a sua aceitação ou recusa, em termos absolutos, tal como sugeri.

O que é então o filme? Ou, de acordo com o formulado atrás, qual o projecto original, desencadeador duma manipulação específica operada por via cinematográfica e que a respectiva análise desmontadora me parece revelar? Uma «história» de dois individuos extremamente humanos, exacerbadamente individualistas, que fogem a uma guerra e que acabam por ser as suas vítimas inevitáveis? A «saga» duma procura de evasão à guerra, no espaço e no tempo, a culminar numa derrota inevitável, individual, num dado momento do seu decorrer?

A aceitarmos tal súmula, uma qualquer das duas posições contestadas seria então viável. Mas procuremos tornar-nos o mais desprevenidos possível e vejamos o que as imagens nos revelam de imediato: uma presença obediante dos dois protagonistas, Jan e Eva, que enchem todo o espaço e todo o tempo do texto fílmico, desde um toque de despertador, sem outro qualquer significado que não o imediato de romper uma noite de assinalar um dia que começa, até à viagem precária duma frágil barcaça por um mar sem limite visível, por entre cadáveres sem, igualmente, outro significado, para além do imediato de constituirem obstáculo à progressão ambicionada; passando pela acumulação exaustivamente atenta, mas inconsistente e fragmentada, de todo um mundo de unidades significantes, que só têm um referencial significativo imediato, não se compreendendo, por isso mesmo, a sua integração numa unidade significante e significada que as abranja e defina numa totalidade.

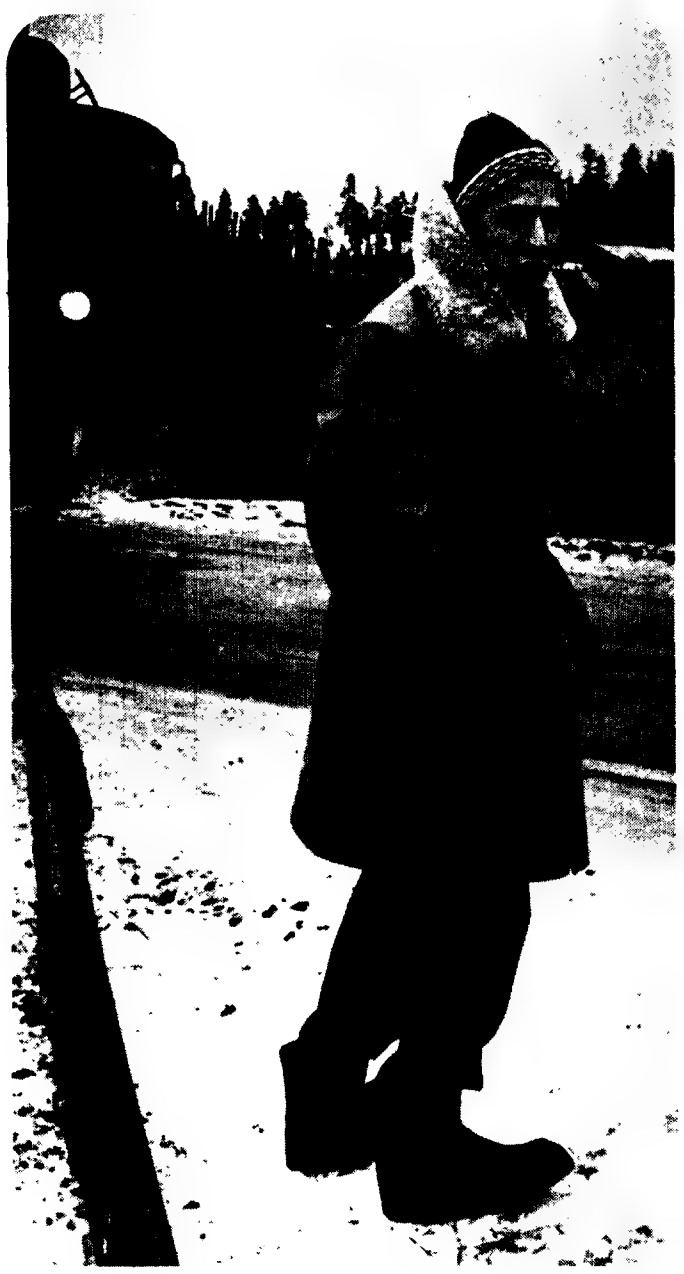
Consideremos, porém, a seguinte hipótese: é precisamente o seu carácter fragmentário de significantes que não se integram num todo que os signifique coerentemente o que confere ao filme a sua unidade articulatória; porque tal o exige a natureza do projecto literário subjacente.

E concretizemos: «A Vergonha» de Bergman não narra «história» nenhuma, não nos conta uma fuga que se projecta dinamicamente num espaço geográfico determinável - apenas um mar, uma casa, uma ilha, referencialmente encerrados pelos seus significantes sem os transbordarem - e, num tempo cronometrável - apenas um dia que, desintegradamente, se sucede a uma noite, depois outra noite, outro dia. E, então, se o filme nos «narra» alguma coisa, narra-nos fundamentalmente algo de bem diferente na essência: não uma «história», mas sim **um estado de espírito**, a dinâmica envolvida na restituição mecânica cinematográfica do projecto será unicamente a do desenvolvimento e da afirmação, com a exposição das irremediáveis consequências, de tal estado de espírito.

Ora, então, um estado de espírito. Um estado de espírito definível em termos duma recusa absoluta de compromisso com algo que não seja o mais imediatamente relevante para a satisfafação do mais imediatamente individual, egoista, num presente contínuo, pessoal, egocêntrico, em que Jan e Eva (duas personagens porventura redutíveis a uma única) se conjugam ao longo do filme; um estado de espírito que tenta «negligentemente», como é aliás denunciado pela personagem mais objectivamente humana de todo o filme, Jacobi, uma justificação ideológica de sucedâneo no refúgio num mundo artístico, de valores estéticos, que anula afinal, porque não congruente com qualquer perspectivação oferecida de vivência total, em vivência total, de ambas as personagens; um estado de espírito definível ainda, e então, na tal articulação **necessária** das pequenas ou grandes coisas que não são significantes para além do seu significado mais imediato e desintegrado.

Daí, pois, que só assim o adultério ocasional, oferecido como incongruente em qualquer tentativa de integração numa perspectiva ideológica (num sentido global) de Eva, se possa explicar congruen-

Continua na página seis



Ingmar Bergman

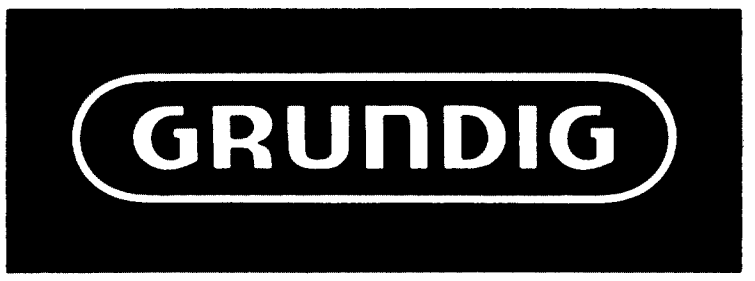
O enxerto de "O ALFAIATE SOB AS LENTILHAS"

Por FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO

O seu desejo é lábil, oscila sobre a água, do tacto ao olfacto transforma-se. Representa as formas como lhe provêm e as imagina. Do odor ao nada é um momentâneo desvio, pois a sua cabeça volta-se quando observa: o limo, espaço da água onde a estagnação há-de progredir no século dos séculos. Nas folhas submersas, as do papel húmido ou do vegetal, simultâneamente, essa água impregnada da mesma exalação de um charco, algures, indo a Picadilly por exemplo onde já outros alfaiates no ócio haviam andado vagarosamente. No horizonte estão, pois para aí se sublima o desejo, as mesmas árvores, faias, tílias e ervas, de onde cai uma folha, lhe vibra junto aos olhos, aos membros. Como seria, nesse tempo, uma árvore de Turner na colisão com a luz. O alfaiate avança, ainda, acaso, um milímetro apenas, preso ao assombro, ervas de Picadilly que, no corte manual e à máquina de séculos e séculos, não se teriam alterado. Um tempo de pés londrinos de geração para geração, exactamente como se herda o ofício, todas as pregadeiras e máquinas, de instrumento a instrumento. Terá consigo virtualmente, pela virtude da memorização, um possível parágrafo da Ideologia Alemã que, em Londres, um alfaiate há-de ou houve de ler, mesmo debruçado sobre o lago onde, antes, lhe cai a tesoura. Assim se fez luz para a sua praxis; in mente, comprou novíssimas tesouras meditando, de armazém a alfaiate, de um século a século, ó sinais transmissores. Porém, assim, encostando a um caule frágil o corpo molhado, é-lhe difícil ler ou coligir os signos. Após a **cozinha**, está, contìguamente, a **Europa**.

Sinal dos tempos e lugares detritos e detritos que contêm a sua legenda in loco. Não pode ler sucessivamente esse continente, pois, na angústia da sua situação similar a um insecto, o texto, sendo desprovido de sinais, é, ainda, um puro alfabeto. Recorda agora os primitivos sinais da aprendizagem da escrita. Ooutro está, depois, a orar, no puzzle das tabuletas, letreiros, luminosidades de Londres. Invoca a ideografia, mas a folha verde, no extremo de cada pecíolo, é já especìficamente uma forma botânica; para ela não transfere qualquer sentido; e perde a própria escrita, sùbitamente. Tesoura e escrita tombaram, em metáfora, das mãos de um alfaiate, sob múltiplas lentilhas, em tempo mais uma vez pré-existencial. Está, lívido, entregue aos mitos do sub-consciente, na sua pele escura e cintilante.

GRANDE CAMPANHA



TELEVISORES
RÁDIOS
GRAVADORES
AUTO-RÁDIOS

A.OLIVEIRA

Avenida Almirante Reis, 91-A * LISBOA

SEM ENTRADA FIADOR

INQUÉRITO

A nova crítica em questão

As respostas de: ARNALDO SARAIVA

1

Todos sabemos que não é a crítica que constitui o forte da literatura (da vida) portuguesa. Em parte, talvez, porque sempre houve em Portugal quem quisesse impor - e aceitar - as várias notícias do «sigilo»; em parte, talvez, porqur essas mesmas políticas, fizeram cair os portugueses no culto, compensatório, da má-língua: «país de ideorreia palavrosa, onde metade da população passa a vida a dizer mal da outra» - foi escrito no séc. XIX. Não admira, pois, que Aubrey Bell achasse que «em Portugal é a crítica que tem que ser criticada». Ou que António Sérgio insistisse na nossa «inópia de espírito crítico». Ou que Fidelino de Figueiredo, que fez a primeira «História da Crítica Literária em Portugal», tivesse de reconhecer que não encontrara «um só alto crítico», ou de notar a nossa «carência de espírito crítico e filosófico». Já houve até quem chegasse a supor que o português, homem «intuitivo» e «sentimental» por «natureza», é «naturalmente» avesso às grandes abstracções, às grandes ideias que ultrapassam o sentido humano»(?), e «nem compartilha do racionalismo mediterrânico, da luminosidade greco-latina, nem da abstracção francesa, de grandes linhas puras, nem do arrebatamento místico espanhol».

São exactamente opiniões - tão pouco críticas - como esta, ou coerentea com esta (v. g.: o português é **temperamentalmente** poupado; ou: visceralmente camponês; ou: **essencialmente** pobre), que têm «justificado» a ausência da crítica em Portugal - que têm determinado a falta de confiança, o atraso, a «insignificância», a indecisão, o complexo de inferioridade, a decadência do homem português

Porque essa decadência, de que todos nos damos conta, mas que alguns calam supersticiosamente, quando não por patrioteirismo (logo, por anti patriotismo), acompanhou efectivamente a «perda» do espírito crítico. Sérgio situou o seu início em 1555, quando o ensino do Colégio Real passou das mãos dos humanistas, acusados de comerem carne em dias proibidos, para a dos Jesuítas, e a trilogia Rei-Inquisição-Jesuítas passou a controlar a vida nacional. Só um «filósofo português», e exactamente o primeiro (Alvaro Ribeiro), poderia datar a decadência do «homem português» do Século das Luzes, do tempo de Pombal: «o homem português **perdeu** o seu modo próprio de integrar o saber numa unidade nacional, perdeu por assim dizer a razão adulta, ou, simplesmente, a razão».

Na verdade, o «homem português» não podia perder a razão no século dito da dita, ou quando tanto fazia para a encontrar. O Iluminismo não deixou só muitas obras de crítica; foi «ele mesmo uma actividade crrítica», na expressão feliz de António Salgado Júnior. Os conceitos modernos de crítica (sujeito e substantivo) datam de então, como data de então o primeiro esforço sistemático para acertar o relógio português pelo da melhor Europa. Com **razão** podia escrever um dos muitos e importantes teóricos da literatura do sec. XVIII (evidentemente «desconhecido»), o P. António das Neves Pereira, que se estava num tempo muito propício «para as Belas Artes» e muito «iluminado de boa crítica».

Depois do Iluminismo, nem o esforço isolado de um Garrett ou de um Herculano, nem o esforço colectico da geração de 70 puderam impor entre nós o gosto da crítica ou criar condições favoráveis ao desenvolvimento e actuação do espírito crítico do «homem português». Daí que António Sérgio se tenha visto na necessidade de iniciar uma verdadeira cruzada nesse sentido. E ela era tão justa e tão exemplar que dir-se-ia inaugurar uma nova era da crítica em Portugal. Para isso, aliás, outros sintomas e outros críticos contribuiram. Sintomas: a fecunda agitação intelectual à volta da **Renascença Portuguesa** e de **A Águia;** o «inquérito à vida literária portuguesa» organizado por Boavida Portugal; as manifestações do grupo do **Orpheu;** o aparecimento de livros ou estudos sobre o «homem português» (de Teixeira de Pascoais, de Albino Forjaz de Sampaio, de José Leite de Vasconcelos, etc). Críticos: Fidelino de Figueiredo, primeiro historiador da crítica literária em Portugal, primeiro crítico da crítica portuguesa, primeiro propugnador de uma «crítica científica» em Portugal, Fernando Pessoa, que iniciou a sua carreira como crítico (em 1913, ainda Sá-Carneiro) escrevia: «E preciso que se conheça o poeta Fernando Pessoa, o artista Fernando Pessoa - e não o crítico só, por lúcido e brilhante que ele seja»), e que tentou em ensaios na verdade sempre «lúcidos» e brilhantes» - a redundância justifica-se - instaurar em Portugal o hábito de «pensar em europeu».

Foram sobretudo estes homens - e poderiam citar-se ainda uma Carolina Michaelis ou uma Hernani Cidade - que iniciaram em Portugal aquilo que poderia chamar-se «crítica moderna», e até «crítica profissional». Esta glória não cabe, portanto, como alguns pretendem, aos homens da **Presença**, que quando muito iniciaram entre nós as **causeries de jeudi** (ou lundi, mardi, etc. : gente facunda, muito mais do que fecunda). A **Presença** não só não iniciou a «crítica moderna» em Portugal como até a interrompeu. E não foi por mera coincidência que João Gaspar Simões teve em António Sérgio o seu primeiro e implacável contentor - tal como não foi mera coincidência que a revista coimbrã se desinteressou cedo do crítico Fernando Pessoa (que Régio aliás não considereva «poeta») e desconheceu Fidelino de Figueiredo. Mas as gerações de 30,40,50 também não fizeram muito por seguir o exemplo dos três grandes críticos: exemplo de inntelligência, de objectividade, de informação, de visão ampla, de sentido das proporçoões, de consciência das realidades nacionais, de gosto pela modernidade (mais do que pelo modernismo). Fidelino estava no Brasil, o crítico Pessoa era mal conhecido (mesmo depois das **Páginas** publicadas por Jorge de Sena), e Sérgio era conhecido - mas não pela sua crítica «literária».

De modo que, à volta dos anos 60, eram mais ou menos «escamoteados» os nomes as obras - dos primeiros grandes críticos portugueses modernos. Em troca, quais eram os nomes que se propunham ou impunham? Amândio César, Nuno de Sampayo, Álvaro Salema, Taborda de Vasconcelos, Armando Ventura Ferreira, Luís Forjaz Trigueiros, João Palma Ferreira, António Quadros e João Gaspar Simões. Os melhores críticos viam-se muito menos: David Mourão-Fe r r eira ainda era o que mais «aparecia», seguido talvez de Sena; mais raramente, lá vinha Oscar Lopes, ou Mário Sacramento, e, mais raramente ainda, manifestavam-se Eduardo Lourenço, Vergílio Ferreira e os ensaístas de tipo «universitário» interessados pela modernidade.

A verdade é que à volta dos anos 60 nada de novo se passava na crítica, contente com as suas charlas (charlatanices) ou com o seu bem comportado e mal traduzido **new criticism**. Depois, as sucessivas intervenções críticas do grupo **Poesia 61**, via Gastão Cruz, experimentalista, via Melo e Castro, e (neorealista) via Pinheiro Torres, revestiram-se de algum aparato polémico, mas revelaram-se teóricamente, **criticamente** frágeis. Foi então que surgiu Eduardo Prado Coelho.

Enfin, Édouard vint... E alguma coisa começou a mudar efectivamente no panorama crítico português. Frequentador de um suplemento juvenil, onde pontificava com críticas de filmes, Eduardo saiu de lá para participar nalgumas quezílias do bairro - e logo evidenciou qualidades impressionantes, que poderiam resumir-se em duas: inteligência dos **textos mesmos** que a crítica contiinuava a esquecer (ele impôs-se até o uso de largas citações), e atenção aos vários **contextos** modernos. As suas críticas passaram a misturar inteligentemente o existencialismo, o marxismo, a psicanálise, a sociologia, a linguística e a literatura; ou: Lukacs, Goldmann, Sartre, Freud, Nietszche, Bachelard, Marx, Saussure, Blanchot, Lacan, Barthes, e todos os grandes nomes do estruturalismo francês, de que veio a ser o grande divulgador.

Mas, mais do que novos nomes, Eduardo propôs novas exigências de rigor de trabalho e de actualização. A partir dele tornou-se mais difícil suportar banalidades, asneiras e anacronismos que antes passavam despercebidos. E mais do que um crítico ou um leitor, ele passou a ser o leitor (quem é que não se perguntou antes de publicar: que irá dizer disto o Eduardo? Que irá ele pensar?). Eduardo levava a sua actualização tão a sério que chegou a dizer de um livro chegado de Paris: vou a páginas tantas.

Era então muito jovem, não podia levar-se-lhe a mal. Como também não podia levar-se-lhe a mal a filiação na cultura francesa - e não, por exemplo, na japonesa. Ou na paquistanesa. Ou na sul-americana.

2

Terá a actividade de Eduardo a existência de uma nova crítica»? E possível; mas esta há-de ainda demonstrá-la. O que por razões sobretudo de concorrência de mercado, ou cronológicas, ou didácticas, já se vai chamando «nova crítica» parece servir ainda muito de e a publicidade, própria e alheia; e embora seja nítida a sua diatância em relação àquilo que se tem chamado crítica impressionista - com muito favor, porque ela não passa de anotação jornalística, ou de anúncio prosificado - às vezes leva-nos a crer que se preocupa mais com a citação do que com a razão; mais com a polémica do que com a verdade; mais com a ideologia do que com a literatura; mais com a França do que com Portugal; mais com o aplauso da plateia do que com o texto.

Tais «desvios» podem ler-se até em manifestações que aparentemente demonstram a actual vitalidade da crítica em Portugal, ou a presença de uma «nova crítica»: inquéritos do **Diário de Lisboa** e de **A Capital;** mesa-redonda da **Eva** sobre a crítica; **Jornal da Crítica** da **República**; crónicas e artigos do **Jornal do Fundão** (primeiro semanário da Província a publicar sistemát i ca mente uma secção de crìtica literária) e do **Notícias do Funchal**; inúmeras polémicas travadas entre críticos e criticados sobretudo no **Diário de Lisboa** e no **Notícias da Amadora**; publicação de livros de crítica sobre escritores como Régio e Eugénio de Andrade; etc.

Mas o optimismo com que poderíamos encarar estas e outras manifestações esvai-se um pouco quando se pensa no atrazo que elas já trazem em relação à invasão da ficção e da poesia pela crítica e, sobretudo, em relação à «polémica» francesa que geralmente as inspirou: estruturalismo, Colóquios de Cérisy e de Cluny, polémica Picard-Barthes, etc. Pelo que, ao fim disso tudo, talvez possamos ainda escrever como Hernani Cidade no fim do agitado «inquérito» de Boavida Portugal - há 50 anos: **«Crítica literária em Portugal: Mas que olhar de adivinho a lobrigou jamais? (...) em Portugal, ou é a crítica um banal salamaleque de salas, ou uma descabelada diatribe de regateira ciumenta. E no geral, não passa de uma variabilíssima resultante destes factores: o «palpite» a cor dos o l hos do autor, o funcionamento gástrico do crítico, um jurozito de favor oportuno, ajuste de contas em aberto, desde umas inconfessadas aventuras convergentes...»**

Porque nas últimas décadas não se alterou essencialmente **nenhum** dos graves problemas com que se debate - ou não debate - a crítica em Portugal. O primeiro é exactamente a falta de crítica. Mas, dele decorrentes ou não há outros, que passamos a enumerar:

1) - Falta de conhecimento ou de estudo das poucas obras de crítica anteriores ao sec. XX;

2) - Falta de uma actualizada história da crítica;

3) - Falta de edições críticas;

4) - Falta de teorias ou de doutrinas críticas (nunca saiu de Portugal alguma que pudesse interessar os estrangeiros);

5) - Falta de bons especialistas não só de literaturas estrangeiras (nunca saiu de Portugal nenhum estudo fundamental, nem mesmo sobre a literatura francesa) mas também sobre aspectos primordiais do fenómeno literário: ritmo, prosódia, estilística, géneros, versificação, sociologia, psicologia; comparativismo, etc);

6) - Falta de condições para a boa prática da crítica;

7) - Falta de partecipação da província nas actividades críticas (não há nenhum «crítico» fora de Lisboa ou do Porto);

8) - Falta de atenção crít
a outras críticas e literatu
que não sejam a francesa;

9) - Falta de publicações
ráveis, especializadas e in
pendentes de crítica;

10) - Falta de sindicatos
associações de críticos;

11) - Falta de equipas
crítica, ou de crítica de grup
(mas não de grupinhos).

3

Quer isto dizer que qualqu
«novo crítico» que não se fiq
pelo rótulo deverá hoje faze
sua autocrítica. Já houve te
po em que ao crítico se e
giam primeiro que tudo qua
dades morais (insenção, h
nestidade, bom gosto, etc)
que garantiam o juízo mo
ou de valor. Hoje, porém n
nhumas ilusões pode haver
respeito dessas qualid a de
que geralmente o não sã
porque só são inutilidades,
perigos, ou equívocos treme
dos: pressupõem uma visã
sub specie aeternitatis da
teratura, e desconhecem toc
o peso das ideologias, e
transformação que cada ob
digna opera nos «gostos». C
mo é possível não ser parci
se se faz parte de uma cult
ra dita ocidental e se, pa
mais, se nasceu a oeste
Europa?

A nós pode interessar-n
não o «sujeito», mas o sujeit
- que - lê - o - texto: o sujeit
- **no** - texto. E aí que le prova
rá se efectivamente é ou nã
honesto, etc. Porque, mau gra
do o que se vem dizendo ú
timamente, o juízo de valor
importante - pela simples ra
zão de que é o valor qu
constitui o ser da crítica, e nã
só: Também da literatura, qu
representa a «agonia do valo
no interior de um horizont
balizado pelo valor» - com
adm i r á v e l mente esc r eve
Eduardo Lourenço. Por iss
mesmo, o valor que uma cr
tica nossa atribui a um text
só pode vir da crítica que ess
texto nos faz fazer do noss
conceito de valor.

**Já se vê, portanto, quão lon
ge estamos da noção tradicio
nal de valor, que é a dos valo
res liceais e universitários, o
quais implicam quase sempr
violências, arbitrariedades
excessos (que esconden**

AS PERGU
QUE FIZI

1. **Considera que existe uma**
2. **Quanto a si, o que a distingue dos r res?**
3. **Crê que se poderá estabelecer (a um ponto de ruptura?**
4. **Mais do que um conflito entre gera ca verificada entre uma «ve traduz na verdade diferentes e suas relações com o espa se inscreve?**
5. **A possibilidade de uma crítica nova que ela possa fazer de alguma em que procura apoiar-se. Qu mente novo lhe trouxeram algu**
6. **O que é criticar? Tem a crítica que ta o processo de produção inici**
8. **Fale-me de como pessoalmente e do que através dela procura a**

HAMLYN GROUP

LIVRARIA QUADRANTE

TÊM O PRAZER DE ANUNCIAR A CHEGADA DAS NOVIDADES (LIVROS DE ARTE) PARA ESTA ÉPOCA

EXPOSIÇÃO: NA AV. LUÍS BIVAR, 85-C

AS
OS

Crítica Literária
e processos anterio-

ao nível simbólico)

redita que a polémi-
ma «nova» crítica,
e encarar o de arte
ue necessàriamente

e ligada à utilização
sciplinas científicas
i, o que de radical-
as disciplinas?
ramente se comple-
escrita?
prática da crítica

várias carências). Quando os eleitos das badanas e das colunas publicitárias de «crítica» **dizem** de uma obra «é do melhor» ou, como aconteceu com um romance agora reeditado, «uma obra única» (pudera!), já se sabe que isso é exactamente o que eles **não dizem**, porque há só uma maneira de o dizer: na análise. De resto,opiniões e palpites dessa natureza estão hoje tão banalizados que já nem como anúncios podem funcionar.

4

Seria a altura de perguntar: o que é o crítico (literário)? Mas a resposta a esta pergunta implica a resposta a outra: o que é a crítica (literária)?

Tradicionalmente, pensava-se que a crítica é julgamento, interpretação da obra, e, quando muito, acrescentava-se que era a expressão do deleite ou a educação do gosto literário. É a definição que se encontra, por exemplo, no que julgo o primeiro ensaio português que a si mesmo se diz «ensaio sobre a crítica literária» (1840), da autoria de Francisco Freire de Carvalho - que aliás o adaptou do francês. Só há poucos anos se fala da crítica como leitura-escrita, concepção que tem o mérito de mostrar a interferência do sujeito no objecto e deste, promovido a sujeito, naquele, promovido a objecto.

Mas continua a esquecer-se com demasiada frequência que a crítica **literária** deve ser o estudo do específico da literatura, da **literaridade** (e não da **literalidade**, como alguns dizem): o que afasta da designação os muito sociólogos, psicólogos, ideólogos, etc., da literatura.

As questões sobre o que é a crítica ou o crítico literário só podem ser resolvidas, portanto, através das respostas à velha questão: o que é a literatura, o que é o específico da literatura. Saber isso é exactamente o objecto e o objectivo da crítica (ou do crítico), que não se definirão senão na medida em que proponham uma definição ou uma re-definição da literatura. Quando apareceu a primeira obra literária (quando foi?), a literatura era essa obra; mas a segunda obra veio transformar esse conceito de literatura que aliás permitiu tal transformação. Em última análise, é esse tipo de transformação, ou a forma dessa transformação, que deve preocupar a crítica.

Mas a transformação é sempre um fenómeno complexo, que não pode reduzir-se à dimensão do que supomos «especificamente literário». Por isso, não adianta muito estabelecer hierarquias entre o crítico «literário» e o «psicólogo», «sociólogo», etc. da literatura. A hierarquia deve fazer-se, sim, mas ou entre o crítico e o leitor (como já o fez Dámaso Afonso), ou entre o crítico e o ensaísta, ou sobretudo, entre o criítico e o não-crítico: entre o que aponta ou recolhe alguns dados para a análise de um texto e o que os insere numa «ordem» rigorosa e **decisiva** - em relação ao momento (passado) da escrita desse texto e ao momento (presente) do seu funcionamento; em relação ao momento (presente) que **é o texto e ao momento (ausente) que está** ou **subestá** no texto: o futuro.

E essa decisão que se aparenta com o diagnóstico que, segundo se diz, a palavra «crítica» já significou em grego, quando o crítico era (também) o médico que verificava o estado **crítico** do doente. Mas esta comparação obriga-nos a considerar a obra literária como algo que está doente, «em crise». E assim é. Cabe justamente ao crítico conhecer a extensão ou as consequências dessa «doença», ou solucionar a «crise»: salvar a obra da morte, sempre iminente, do não-sentido, ou do sem-sentido.

5

O texto está aqui, semi-mudo, como um anúncio luminoso não iluminado. Como veio ele parar às minhas mãos? Que vou eu fazer com ele? Que posso encontrar nele? De onde vem ele? Quem o pôs aqui, assim? Como? Quando? Porquê? Para quê? Tantas e tantas perguntas que **ainda não** lhe dizem respeito mas **já** lhe dizem respeito: não são ele, mas **tocam-no**, e de tal modo que ele próprio se encarrega por vezes de lhe responder. Todavia, é a entrada no texto que neste momento me preocupa, a mim, que não sou sociólogo, ou psicólogo, ou historiador, ou editor, mas «crítico literário» - pomposo nome. Por onde devo entrar?

A entrada é sempre única, porque ela está por toda a parte: começa-se pelo princípio, que, hoje sobretudo, não é necessàriamente a primeira linha da primeira página. Anúncio luminoso não iluminado, são os meus olhos - os meus sentidos - e o meu espírito que vão iluminar o texto, percorrendo-o - como o néon ou a corrrente eléctrica às formas do anúncio - e interpretando simultâneamente o «sentido» desse percurso - **transiendo** as imagens dessas formas iluminadas. Porque esse percurso não pode ser um simples «mover de olhos brando e piedoso»: viagem em extensão, é também viagem em profundidade, ou viagem em extensão de outro sentido, noutro sentido: com outro sentido.

As letras iluminam-se, mas elas já foram decerto iluminadas, embora com outra corrente, com outra luz; e, iluminadas, elas iluminam também o consciente-inconsciente que as investe de significados adequados à natureza simbólica que as investe de significados adequados à natureza simbólica das mesmas letras, à natureza da mesma luz que as ilumina, e à natureza do mesmo consciente-inconsciente. Está aí a tal leitura-escrita, ou a dupla escrita ou inscrição: inscrição em mim dos signos do texto em que me inscrevo (ou inscrição de mim nos signos do texto que se inscrevem em mim) - e me transformam, e eu transformo. Para saber se essa dupla escrita é correcta, ou a melhor, não há nada como recorrer à releitura ou à interleitura, coisa que o texto, nada ciumento, muito aprecia; e a prova é que ele é todo portas de saída, como era todo portas de entrada. Mas o que se afigura importante é uma primeira leitura integral do texto, que é também sempre fechado (mesmo se é sempre aberto), sempre limitado (mesmo se não tem limites). O percurso total do texto material (o do imaterial terá de ser sempre parcial, nunca esgotante) permitirá estabelecer pontos de referência, descobrir direcções possíveis, recolher dados e sugestões a comprovar na releitura ou interleitura. Caberá ao crítico **literário** saber quais são as que poderão definir o carácter **literário** de um texto; caberá aos outros críticos saber exactamente o que é que este **não** tem de literário, ou tem de **não-literário**. Mas as tarefas são complementares, dada a ambiguidade da literatura; e talvez caiba ao linguista ou ao semiólogo estabelecer as pontes entre ambas.

Todavia, toda a crítica recente parece desiludida dos «conteúdos» e busca decisivamente o específico da literatura mais do lado dos significantes, onde o entreviram um Flaubert ou um Mallarmé. Mas se a literatura está mais do lado dos significantes, a crítica, sobretudo em Portugal, está na idade da pedra. As várias críticas modernas reagiram contra as interferências abusivas da genética, da história, da antropologia, etc. no texto; no entanto, não se furtaram às interferências, também vindas do «exterior» do texto, do materialismo, da sociologia e da psicanálise - as disciplinas que, com a linguística, todo o jovem crítico literário julga dominar.

Mais útil teria sido a este - talvez - o conhecimento da música, da matemática, da biologia e até da fisiologia. Parece impossível como até hoje não foram estebelecidas quase nenhumas «leis» para coisas tão fundamentais como o ritmo, a entoação da frase, as relações da estética com o prazer (sempre fisiològicamente acusado), etc. O quimógrafo e o computador, por exemplo, já introduziram hábitos novos e novo rigor na crítica literária de alguns países. No nosso também hão-de introduzir, porque temos um provérbio. Mais vale tarde, etc..

6

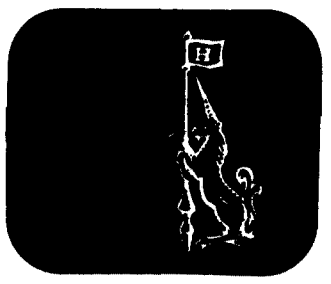
De tudo o que ficou dito se conclui que a crítica literária só pode ser uma tarefa de equipas e de gerações. Eis por que estão desde logo condenadas de algum modo as hipóteses de uma «crítica científica», de que tantos falam, ignorando, aliás, que essas hipóteses já eram formuladas se não no tempo de Aristóteles, pelo menos no início do século. Com efeito, já em 1910 aparecia em Portugal um livro intilulado **A Crítica Científica**, do francês -...desconhecido - «Emîlio» Hennequin. Por influência dele, que no entanto criticou, Fidelino de Figueiredo, publicou em 1913 (2.ª ed.: 1920) o seu esquecido **A Crítica Literária como Ciência**. Mas entretanto as «ilusões» de uma «crítica científica» foram combatidas - pelo menos na prática - pelas autênticas ilusões impressionistas, e só o **new criticism** se encarregou de as reavivar, colocando a crítica «among the other social sciences», como quis Northrop Frye.

Mas não se pode imobilizar ou congelar o espaço e o tempo da «leitura» de uma obra, pois são eles que lhe dão vida. Quer dizer: os factos literários não se repetem sempre do mesmo modo e no mesmo sentido. Qualquer crítica de um texto é criticado pelas críticas que posteriormente critiquem esse texto - e só elas lhe poderão dar ou negar validade

Continua na página seis

Folhetim-artístico
de José-Augusto França

A PROPÓSITO DO PRÉMIO SOQUIL



Pela quarta vez foi atribuido o «Prémio Soquil», com a periodicidade anual que lhe convém. O facto de não premiar **concorrentes** mas artistas livres que não andam em compitas sempre desagradáveis senão ridículas, imprime ao «Prémio Soquil» e a quem o recebe (e ao júri que o atribui) uma posição **moral** que não pode ser esquecida. Moral quer dizer **independente** e **livre**: foram os atribuidores do prémio livres de o criarem, em inteira independência de pressões económicas, políticas ou outras age o júri, e os artistas são livres de aceitarem ou não os prémios que lhes sejam atribuidos.

Desta vez, uma ou duas notícias apressadas achavam que havia «escandalo», senão «escandalo abafado» - e que seria terem dois dos artistas premiados recusado o prémio. Esclarecidas as coisas, por cartas dos citados artistas aos jornais, aconteceu que os referidos pintores, Sá-Nogueira e Eurico Gonçalves aceitaram as menções honrosas que lhes foram atribuidas - mas não quizeram ficar com o valor em dinheiro que lhes competia, este ano 5 contos. Ou seja um sexto dos 30 contos previstos para tais menções, em 1971 divididas por seis artistas; além, é claro, do prémio pròpriamente dito que é de 40 contos e foi recebido por Paula Rego, ausente em Londres, tal como as quatro outras menções foram recebidas por Lourdes Castro e Jorge Martins que vivem em Paris, Alberto Carneiro, que vive no Porto, e João Cutileiro - que, por se encontrar de passagem em Lisboa, foi o único que pôde estar presente no jantar oferecido no momento da distribuição dos prémios. Assim se explica, também o «escandalo» das ausências... E também se verifica que os artistas premiados são livres de não viverem em Portugal, ou, sequer, em Lisboa...

Sá Nogueira e Eurico Gonçalves aceitaram portanto as menções mas não os cheques - que o primeiro entregou ao Curso de Formação Artística da S.N.B.A. e o segundo sugeriu que fosse entregue à mesma S.N.B.A. Agiram ambos em inteira liberdade e conforme um critério pessoal de emprego dum dinheiro a que tinham direito; o que é perfeitamente natural e ninguém pode criticar ou sequer comentar sem indelicadeza.

Acham, porém, ambos os artistas (e Eurico Gonçalves numa simpática carta que me dirigiu) que os valores empenhados nestes prémios, pela empresa SOQUIL, melhor empregoteriam em «empreendimentos como o Curso de Formação Artística ou Similares, bolsas de estudo, constituição e auxílio de equipas de investigação» (Sá Nogueira), ou em «publicação de livros ou albuns de divulgação das obras dos artistas distinguidos (...), exposições itenerantes no País e no estrangeiro, etc. «De qualquer modo eles, deveriam reverter «em benefícios de todos e não apenas de alguns» (Eurico Gonçalves).

São duas opiniões sérias e que merecem consideração; mas as sugestões que nelas estão envolvidas não podem anular outros empregos dos valores em questão - entre os quais o estabelecimento dum prémio que é, afinal, o único, a sério, que em Portugal existe! Na criação deste prémio se comprometeu uma empresa comercial; que outras se interessem por outras acções, como, aliás, está a acontecer - no inventário das colecções privadas estabelecido a expensas da «B.P.», numa exposição itinerante nos Estados Unidos pela «Mobil», ou na promoção de trabalhos de pesquisa estética em que suponho estar a «Philips» empenhada, depois de ter visto falhar o seu projecto de mais uma exposição colectiva, acção que, aliás, outras empresas tinham levado a cabo e que novas estruturas da produção estética e, sobretudo (hélas!), novas condições do mercado tornaram obsoletas.

Resta o problema levantado expressamente por Eurico Gonçalves, de o prémio SOQUIL, que se classifica «da Crítica de Arte» (como é, dada a responsabilidade que esta cabe na sua atribuição), se chamar oficialmente do nome da empresa que o instituiu e paga. Tal designação tem um valor publicitário, e em vez de se «servir a arte», dela se está a servir. (As empresas - e os críticos também, acha Sá Nogueira, que vê que os prémios «só servem para objectivamente consolidar e reforçar as posições dos críticos».)

Ora no seio das Sociedades capitalistas como esta em que vivemos, as empresas comerciais e industriais fazem a sua propaganda por todos os meios legítimos; e este, dos prémios (ou o de outras subvenções), é um deles. Fazê-lo anònimamente seria absurdo - e, aliás, assim se implicaria uma outra expressão: a da **caridade. Dá-se anònimamente uma esmola, não um prémio (Nobel, Ezoncourt, Estaline, Pulitzer, Soquil...). A caridade é que é anónima, não o mecenato - ou o nome de Mecenas não teria chegado até nós, ao longo de 20 séculos... Não creio, sinceramente, que os artistas acreditem que as outras acções que ingerem às emprezas capitalistas (e só a essas lògicamente dirigem as suas sugestões os dois artistas em foco, porque outras não há, no quadro social em que eles se inserem) venham a ser feitas anònimamente. Nem certamente acreditarão que, em outros quadros e conjunturas sociais, os prémios ou os subsídios não traduzam uma publicidade que, por ser política, não fica mais moral. Todos se servem da arte tanto (mais ou menos - só a dosagem importa) quanto servem a arte. E é essa dialectiva realista que se tem de considerar - para além dum idealismo utópico. Ela existe, de resto, porque não há «arte pela arte» e a arte entra naturalmente no contrato social.**

Pessoalmente, depois de durante muitos anos ter constatado o total desinteresse da sociedade portuguesa pela arte, só posso felicitar os instituidores do prémio SOQUIL pela sua acção - que não resolve nem pretende ingènuamente resolver nem «o problema individual dos artistas» nem «o das artes». Òbviamente... Que o dito prémio seja oferecido por uma empresa lucrativa e não por um sindicato de anjos é outra circunstância que me parece francamente positiva - que isto de anjos, de qualquer cor, na vida terrena, tem que se lhe diga...

...Quanto às «posições reforçadas dos críticos» que diabo de ideia! quando nos últimos 2-3 anos as cotações dos artistas aumentaram de 200 a 1000 por cento... Eu creio bem que se há

Eurico 59

uma **posição sem reforço** na vida social portuguesa é bem a do crítico de arte - que só seria remunerável através duma rede editorial (equivalente à dos «marchands») que não existe entre nós. Enquanto a do comércio dos quadros, sim, se reforça - e de que maneira! para bom proveito dos artistas que sempre assim, e graças aos anjos senão a Deus, vão «resolvendo o seu problema individual»...

INQUÉRITO

As respostas de: ARNALDO SARAIVA

Continuação da página cinco

científica. Assim, dado um certo texto (linguagem nº. 1 - «poética») pode escrever-se um texto sobre esse texto (linguagem nº2 - «crítica»). Mas para medir a sua adequação, será necessário um outro texto (linguagem nº 3 - «crítica da crítica») - e assim sucessivamente. A «crítica científica» não seria apenas uma ideal metalinguagem: seria uma meta-meta metalinguagem, etc..

A «ciência» literária **só é possível**, pois, **como possibilidade** (logo, como impossibilidade); como estratégia, ou táctica, ou projecto: como meta, verdadeiramente. Quer dizer: não parece possível haver «ciência» literária, mas também não parece possível haver crítica que se não queira científica, ou que desista da verificação das suas pretensas verdades, ou que despreze a dedução, ou que se negue a estabelecer leis.

Por isso, e já que não pode haver um método ou um modelo **apriori** para analisar cada texto - a não ser que se aceite que este possa modificá-lo -, o crítico deverá estudar sobretudo os vários códigos (psicológico, cultural, sociológico, semântico, etc.) presentes nesse texto, e mostrar as suas linhas de convergência ou divergência. Aliás, as palavras, **linha** ou **fio** parecem mais adequadas do que **código** - palavra diferentemente usada em várias disciplinas - para exprimirem um certo continuam dentro do texto (tecido). E se parte dessa tarefa parece ter passado recentemente para as mãos de mais um «intruso», o semiólogo, talvez o crítico «literário» tenha de se contentar (mas já será muito!) com o percurso minucioso de algumas **linhas** ou **fios**, desemaranhando-os lá onde eles parecem emaranhados, descobrindo a sua direcção lá onde eles parecem perdidos, o seu prolongamento lá onde eles parecem interrompidos, apontando a sua finura, os seus disfarces, as suas teias, ou enredos e medindo a sua extensão dentro do tecido e, quanto possível, as suas ramificações para fora dele, ou para dentro do outro tecido em que se insere esse tecido: um homem, um grupo, uma época - o homem.

Desemaranhar, descobrir, apontar, medir - e só nessa **medida** explicar, interpretar, dar sentido ao texto. Dar sentido, mas não **um** sentido. Dar **um** sentido ao texto equivaleria a matá-lo como texto: equivaleria a matar os múltiplos sentidos fios que há nele.

7

Mas se a crítica dá a ler, a **ver** o texto - que sem ela seria **invisível** (ilegível) - ela não pode ser inútil, como queria o crítico de cinema António-Pedro Vasconcelos («não acrescenta nada à obra, que tudo contém»). Se a obra contivesse tudo, ler-se-ia por si mesma. É claro que se esse equívoco anda geralmente associado a outros, que dão a crítica como simples prolongamento ou paráfrase da obra, e que a consideram como criação - se tanto - secundária, ou acessória, em relação à que seria literatura autêntica, «pura», inventiva, verdadeiramente «criativa» (?). Como se por detrás da literatura «pura» não houvesse ao menos um pequeno dicionário. Como se muita da boa literatura «pura» não fosse parafrástica ou parodística. Como se, hoje em dia, sobretudo, a literatura «pura» não estivesse «contaminada» pela crítica.

Este equívoco, aliás, tem uma certa justificação em Portugal: deve-se em boa parte à miserável linguagem da crítica que entre nós foi praticada nas últimas décadas. Linguagem monótona, perra, conselheiral, gaga, deslavada, desconchavada, repetitiva, semi-analfabeta, própria não de «escritores», e de «escritores» profissionalmente obrigados a ler a «literatura», mas de escrevinhadores que decerto se habituaram a ler por alto, como se habituaram a escrever por baixo: sobre o joelho.

Não fosse um Eduardo Lourenço, um Vergílio Ferreira, um Jorge de Sena, quase nos teríamos convencido de que a crítica em Portugal era a «arte» de escrever mal sobre livros bem escritos. Assim, não admira que ela não dissesse nada de novo: não se podem dizer novidades sobre uma linguagem nova numa linguagem caquética.

8

Aqui e agora, os problemas que se poem a um crítico são tantos e tais que ele terá de os seleccionar, e de tentar resolvê-los por prioridades. Mas decerto que entre os mais urgentes se contam logo os que se referem às condições do exercício da crítica, ou à ausência de crítica e de informação nos nossos **mass-media**, vergonhosamente «vendidos» ao grande capital e ao que o garante, e por isso empenhados em descaradas e desenfreadas campanhas de propaganda e de publicidade. (Ressalvem-se no entanto alguns pequenos jornais do pequeno capital, onde ainda o amor à verdade e a consideração do público se impõem, apesar de tudo.)

Importante é também o problema da condição dos próprios praticantes da crítica — hoje quase exclusivamente «confiada» a universitários e a professores (às vezes já filhos de professores). Isto é um bem, e um mal. Bem, na medida em que a crítica se especializou vertiginosamente e é natural que profissionais da «explicação» (?) dos textos tenham mais preparação, tempo e disponibilidades para a praticar do que outros (todo o crítico é de algum modo «professor» ou «aluno» de literatura). Mal, na medida em que a universidade ainda não cobre **todo** o território português (ou toda a sua população). Entregue a universitários, sobretudo a burgueses e ultra-burgueses, que naturalmente não fazem a cura do campo (que agora despovoado, bem precisa deles: e que bem lhes faria o trabalho manual), a crítica correrá o risco de se divorciar das realidades, de deixar de o ser, passando a ser a expressão de um refinamento ou de um requinte intelectual familiarizado com o luxo, e com um certo desdém por aquilo que abusivamente se chama literatura menor, quando não preocupada excessivamente com alguns cadáveres do passado, ou com problemas que não nos dizem respeito, como alguns que nos vêm de França, de cuja tutela a nossa universidade ainda não pode, não quis, nem soube libertar-se.

Ùltimamente, têm-se repetido alguns ataques, velhos de dois séculos, à cultura francesa, ou aos hábitos galicizantes de intelectuais portugueses. Já Eduardo Prado Coelho respondeu a esses ataques; mas ele iludiu a questão quando tentou provar que a cultura francesa viva era mal conhecida entre nós. Porque se isso acontece, há mais uma razão para atacar a cultura francesa que cá chega. A verdade é que essa cultura é também geralmente desconhecida em França, onde ela só circula entre **élites** e confrarias. E parece que não devíamos pretender (mas pretendemos) conhecer a cultura francesa melhor do que os franceses, sobretudo enquanto não conhecem bem a portuguesa enquanto os franceses não conhecem nada da portuguesa nem da **viva** nem da outra, porque só conhecem a nossa mão-de-obra. Eu sei de escritores portugueses que lêem muitos franceses, mas ainda não tiveram tempo de ler os bons escritores portugueses ou brasileiros. Por mim, nada teria a opor se eles escrevessem em francês - ou vivessem em França.

No que Eduardo poderia ter razão é no facto de esses ataques partirem quase sempre de quem conhece mal a cultura francesa. Porque não é possível atacá-la se se conhece mal. E também se se conhece mal a portuguesa. Aliás, não é a cultura francesa que deve atacar-se - até por que ela continua a ser brilhante, sobretudo em matéria de crítica e de edição (mas o mercado português também ajuda, desajudando-se a si próprio). O que deve atacar-se é o facto de se não dar a outras culturas atenção idêntica à que se dá à francesa. **Precisamos realmente de começar a assinar e a citar as revistas não já da China ou do Japão, mas também das Honduras e do Malawi** - país com o qual estamos, aliás, em excelentes relações.

Repetimos: a crítica portuguesa deve fazer, hoje mais do que nunca, a sua autocrítica. Porque ela tem estado doente num Portugal doente. Cabe-lhe a ela exactamente autocurar-se, e curar (nisso ela se distingue de todas as «censuras», que só **iludem** os males, e por isso os agravam).

Todavia, pode falar-se de «doença da crítica» com um outro sentido - aquele de que falou Fidelino de Figueiredo, inteligentemente. Ambígua como a «literatura», a crítica, saúde, é também **crise**. Medicina, é também doença. Doente, a crítica? Sim: doente por não encontrar um **modus vivendi** satisfatório com as obras de que se ocupa; doente por sentir que fica sempre aquém - ou além - dessas obras; doente por se ver constantemente desactualizada, ultrapassada; doente por se saber a voz de uma carência, e a resposta a essa outra carência que é a «literatura»; doente, enfim, por não estar nunca segura de que vai **da vida** a essa «literatura».

Até hoje, ela conseguiu fazê-la sobreviver, curando-a. Mas nada impede que um dia, que oxalá viesse perto, a crítica se dê conta da velhice e da «inutilidade» da «literatura» e, em vez de curar dela e de a curar, ela a deixe morrer, ou até apresse a sua morte - para naturalmente se suicidar sobre o seu cadáver.

Podemos estar certos de que ambas terão um lindo enterro.

Setembro, 1971

ARNALDO SARAIVA

APP

antes da apresentação em LONDRES

CARAVANAS

modelos para 1972

SPRITE agora... mesmo nova!

EUROPA conforto que viaja!

ECCLES "best-seller" em qualidade!

de 3 a 10 de novembro visite a exposição permanente das 10 h. às 23 h., nos salões da

MARCAMPO

AVENIDA ALMIRANTE GAGO COUTINHO, 56-D * LISBOA

Ingmar Bergman

Continuação da página três

temente articulável no todo fílmico; tal como a incongruência observável entre o comportamento de Jan, que, de incapaz de matar uma galinha, num momento (e a guerra já funcionante), acaba por ser capaz de assassinar Jacobi e o soldado desertor, actos únicamente significantes em função da sua determinação referencial imediata: o dinheiro, a indicação duma via de fuga.

Daí, ainda, que o colapso de Jan ou o desespero de Eva na sua declaração de apoliticidade perante a câmara de televisão, ambos verso e reverso dum mesmo comportamento ditado pelo imediato, denotem meramente o desejo instante de sobrevivência e não mais; daí até que a declaração de Eva possa justificadamente servir para a inserção duma declaração politico-ideológica, qualquer que fosse, pois que vem a preencher um vazio que, como todos os vazios, é definido pela sua vocação de ser preenchido. Num parêntesis que talvez não deixe de ser oportuno, parece-me que é o que acontece sempre com o vazio de toda e qualquer declaração de apoliticidade: a viabilidade frequente concretizada do seu preenchimento pela pressão ideológica disponível e mais forte, ou mais habilitada a fazê-lo no momento.

Ora, então para tal estado de espírito, e na mesma ordem de consideração, a guerra também não significa mais do que o momento de pânico, de alvoroço, de destruição, que o ataque ocasional provoca, duma floresta inclinerada, duma criança morta à beira da estrada, de blindados que cruzam a imagem, de uniformes que aqui e além invadem e intervêm na retina e na rotina duma paisagem e dum contexto fragmentado por exigência da natureza do discurso fílmico. A sua não significação num todo coerentemente significativo, isto é referenciado a um projecto ideológico imediatamente identificável, não existe, porque assim o exige e justifica a definição última, lógicamente imputável ao projecto oculto no filme de Bergman.

Acredito que nesta altura já é evidente porque rotulo tal discurso de lírismo: a exposição dum estado de espírito, de acordo com a definiçãozinha primária. E, ainda, inferível do que concluí, creio poder determinar-se em «A Vergonha» a existência dum processo peculiar de exposição, porque implicada uma narração, a provocar porventura como que um distanciamento, necessário e forçado, para a leitura como estado de espírito; sendo ainda,como me parece ser, uma das películas em que mais dificilmente prevejo a possibilidade de imersão do espectador (qualquer espectador), quer nas personagens, pela sua aceitação, quer na acção, para a contestação delas.

Ora tal distanciamento surge-me como sugestivamente análogo ao distanciamento que o drama épico brechtiano exige ao espectador; e ainda, por outro lado, porque ele não se opera únicamente na restituição exigida, mas também em relação ao autor do texto, a quem se põe primeiramente a necessidade dum distanciamento original, para que lhe seja possível uma concepção «narrativa» duma realidade «não narrável» por natureza — uma concepção de antemão consciente e deliberadamente fora das suas personagens e da acção envolvida.

Com efeito, entendo que algo de identico a esse procedimento se passa em «A Vergonha» de Bergman. Este transmite-nos, na obra, um estado de espírito, uma vivência lírica, num trabalho de permanente consciência do distanciamento bi-operante: entre o expositor-narrador e o texto fílmico, entre o espectador-leitor e o mesmo texto fílmico. De que se alheiam, então, ambos, para concluirem por si próprios da recusa condenatória ou da aceitação assimiladora.

E é verdade que falo também na possibilidade duma aceitação assimiladora; tal aceitação deve com efeito lá estar igualmente contida; mas não foi essa a **minha** leitura e, por isso mesmo, também não pode estar no momento em causa qualquer viabilidade de se especular sobre as possíveis relações entre Bergman e tal estado de espírito. Essa especulação situar-se-ia, parece-mw óbvio, num outro plano, ainda que com interesse, exterior á obra, para além da obra; e, dos pontos assentes de que parti, entende-se a validade, e a respectiva declaração, da obra de arte, sómente num confronto do projecto da obra com o meu projecto, mas em que a obra tem em si, a iniciativa primeira e última da decisão da validade, e isso sempre, inevitávelmente para além, e frequentemente, a despeito do próprio autor.

Como remate final, então, a verificação de que «A Vergonha» de Ingmar Bergman se trata efectivamente duma obra de arte cinematográfica, porque passível de definição dum sistema que articula a manipulação de todos os materiais nela implicados para a produção do efeito projectado declarado e confirmado no mundo comprometido da minha restituição verbal. Nomeadamente — que o pior humanismo é o do anti-belicismo, por cobardia física por cobardia mental de afirmação de compromisso; para além de que pacifismo não é sinónimo de anti-belicismo;

— que o filme chega a revelar-se-me como profundamente anti-anti-beliciata, se o anti-belicismo corresponder ao apuramento inevitável duma fragmentação vivencial, pela tenaz recusa de toda e qualquer afirmação;

— a chamar-se, a tal apuramento, humanismo, será então, e ainda de acordo com a denúncia contida no texto bergmaniano, um humanismo do mais desumano que é possível conceber-se.

FERNANDO CORREIA MARQUES

(1) E. Prado Coelho e A. Barroso em «A Capital», 2, 9 e 16/10/71.

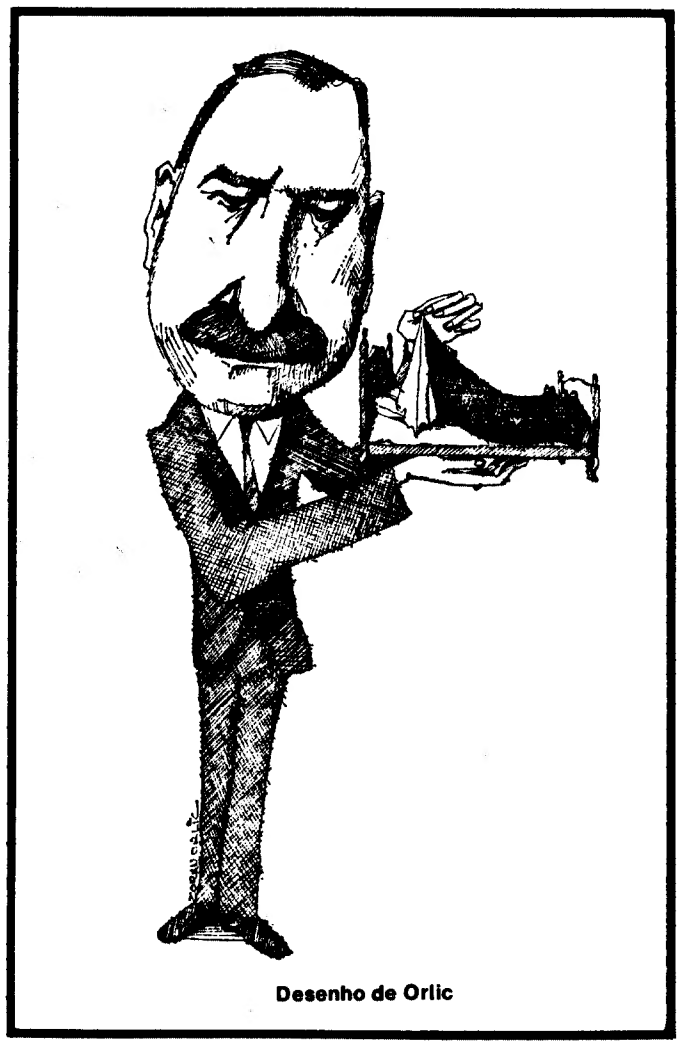
(2) Posso indicar como deveras típicas das duas posições as de Tito Lívio, no «Diário Popular», 23/9/71 e Lauro António, no «Diário de Lisboa», 3/10/71. Registe-se que a leitura de L. A. se aproxima bastante de alguns pontos fulcrais da minha; creio, de acordo, aliás, com o presente artigo, que L. A. a invalida, com a reserva de que «É aqui, frente a esta ideia de guerra, de destruição, de morte, ideia que nos é expressa em abstracto, sem limites temporais, sem fronteiras, aqui poderá residir uma das fraquezas de «A Vergonha».

(3) Cf. Luís de Pina no «diário de Notícias», 14/10/71, a propósito ainda da «Morte em Veneza» que afirma «Um sector jovem da crítica cinematográfica...exige que a crítica seja feita em termos cinematográficos», e ainda «A nova crítica pede igualmente instrumentos cinematográficos para o exercício da sua actividade, desde a utilização da moviola ao conhecimento íntimo da técnica e do processo criador, etc». (Os sublinhados são meus).

THOMAS MANN E AS DESORDENS DO AMOR

«A Morte em Veneza» nos **écrans** parisienses, uma nova talhada de correspondência recentemente e, agora, três narrativas reeditadas, cuja primeira tradução remontava a quase quarenta anos: Thomas Mann parece sair de novo da sombra.

O mais antigo destes três textos intitula-se «Sangue reservado». Uma família de novos-ricos, numa vivenda de Berlim que se dá ares de castelo; novos-ricos pretenciosos e grotescos. Os filhos, os gémeos Siegmund e Sieglind, ociosos, presumidos, afectados, inúteis. Sieglind está noiva de um filho de família estúpido, mas só ama seu irmão Siegmund. Este amor, uma noite, leva ao incesto. Entre a arrogância e o impudor, parece que não existe meio termo para esta burguesia devorada pelo seu luxo: entre a vitalidade dos pais e a depravação dos filhos, não existe compromisso ou conciliação. Será esta lição que o nosso tempo vai colher a «Sangue reservado», para se



Desenho de Orlic

confirmar nos seus problemas e justificar a sua revolta? Seria um erro. A quem se faria crer, com efeito, que «Sangue reservado» é um retrato de época, uma imagem do mundo 1900? Estes filhos perversos renunciam à sua sociedade, é certo, esgotando os recursos que ela lhes oferece, levando os seus princípios até à inconsequência e à negação. Procuram refúgio no inútil, mergulham raivosamente na esterilidade. Vingam-se da vida assestando contra ela o mito da androginia.

O MITO DA ANDROGINIA

Se o tema do incesto persegue assim Thomas Mann (até «José e seus irmãos» e até «O Eleito», quatro anos antes da sua morte), é porque está ligado, para ele, à condição de artista. Estes filhos, cuja única função é destruirem a sociedade que os faz viver, põem em causa a existência do artista. O mito conta mais aqui do que o quadro de uma sociedade imaginária ou caricatural. E o seu próprio precesso que Thomas Mann instrui, como o fez tão frequentemente. E desculpa-se sempre com os mesmos argumentos: a diferença entre o artista e estes adolescentes desviados está patente na sua obra, na virtude «burguesa» do trabalho, que o reintegra na ordem e o protege das últimas desordens. Raciocínio que dificilmente convence: porque a obra assim concebida apressa a decadência que pretende travar. A má fé é a condição do artista; ao confessá-la e ao professá-la, Thomas Mann pensa salvar a sua alma e refazer a sua consciência «burguesa»: mas não é, sem dúvida, senão um último subterfúgio, que não o engana e mantém a sua obra numa luz ambígua.

Aqui, aliás, o mito desdobra-se. Siegmund e Sieglind são os nomes dos amantess do casal incestuoso em «A Valquíria» de Wagner, aqueles cuja paixão Brunhil protege contra a vontade de Wotan.

É depois de uma representação de «A Valquíria» que o incesto é consumado pelos jovens estetas berlinenses. Com uma arte hábil, demasiadamente hábil, Thomas Mann, tal como o fez frequentemente, mistura os temas da ópera com os da sua narrativa: jogo de espelhos 1 900, artifícios voluntàriamente sublinhados. O mito é utilizado de uma maneira meio parodiada e, sob certo aspecto, confusa. Mas apenas sob certo aspecto. «Sangue reservado» traz a marca do seu tempo.

Quando surgiu a tradução francesa, em 1931, Thomas Mann escreveu a Maurice Martin du Gard para se desculpar da acusação de imoralidade. Acreditamo-lo de boa vontade, ainda que o escabroso da narrativa fosse susceptível de agradar a certos gostos do público que Thomas Mann procurava. Mas se a novela, escrita em 1905, foi inicialmente destruída e só apareceu em 1921, numa edição de reduzida tiragem, foi devido a razões totalmente diversas.

Numa primeira versão do texto, os dois amantes, consumado o incesto, diziam, referindo-se ao noivo de Sieglind: «O que vai ser feito dele? Enganámo-lo bem!» Estes novos-ricos do Tiergarten eram, efectivamente, judeus. E Thomas Mann foi o primeiro a ficar espantado quando o seu editor julgou adivinhar no texto um tom anti-semítico. Tanto mais que desposara, alguns meses antes, uma mulher de sangue judaico. Foi, finalmente, a pedido de seu sogro que mandou destruir o granel do texto. Contra as suas opiniões apregoadas e também contra o seu interesse imediato, um anti-semitismo, de que nunca conseguiu desembaraçar-se completamente, manifestara-se na sua narrativa...

A segunda narrativa, «Desordem», apareceu vinte anos mais tarde, em 1925. Os tempos mudaram: em lugar da burguesia triunfante do começo do século, é a burguesia atribulada pelos anos de inflação; os novos criados são insolentes, surgiram as novas dansas. Mas as «desordens» que esta história conta são mais suaves do que as de «Sangue reservado»; a sentimentalidade ocupou o lugar do escândalo. O professor Cornelius, ao qual o autor emprestou sem dúvida um pouco de si próprio, sente-se afastado deste mundo novo; desta juventude impudente, destas maneiras desenvoltas. Mas estas desordens não são daquelas que fazem vacilar uma sociedade. Esta revolta é de superfície; a burguesia vai apenas aí buscar uma nova juventude. Continua a ser, inexplicàvelmente, como sempre acontece com Thomas Mann, ao mesmo tempo o lugar comum de todos os perigos e a fonte de todas as virtudes. Nada mais se desenha no horizonte, e nunca se desenhará, mesmo nos textos da guerra e nos livros do pós-guerra. Este testemunho sobre os anos sombrios da inflação tem as cores do idílio; relata, ùnicamente, o primeiro desgosto de uma rapariguinha de oito anos.

O último destes três textos, «Dono e cão», é também um «idílio», como é sugerido pelo subtítulo. Thomas Mann conta os sentimentos que o ligam ao seu cão. Não é certo que tenha ganho a aposta de interessar o leitor, ao longo das 80 páginas, nestes gestos familiares, e na banalidade quotidiana. Mas é talvez nos textos deste género que se revela o verdadeiro génio de Thomas Mann. Nenhuma ideologia aqui, nenhuma intenção, nemhum subentendido: é a arte pura da narrativa; a observação aguda e precisa, esplêndidamente prosaica, dos gestos e das coisas. Vã virtuosidade, se se quiser, ou maravilhoso exercício de estilo.

CLAUDE DAVID

(Exclusivo «Le Monde/Diário de Lisboa)

PUBLIARTE

O MUNDO VESTE

iterlan

a malha que agasalha

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO

MACAUNITER • AV. ALMIRANTE REIS, 54-2º - TEL. 823844

PONTOS DE REFERÊNCIA

Fernando Pessoa escrevia de pé ou sentado?

Por FERNANDO LUSO SOARES

Eis uma questão que se nos afiguraria bizantinice da mais pura, se acaso não nos viesse à presença uma singular teoria, atribuindo certo e específico comportamento estético a Fernando Pessoa, em função de determinada posição física, tida como a que ele tomava ao escrever os seus poemas. Explicando melhor, direi que para hoje vamos tomar como ponto de referência uma passagem muito especial de um livro já quadragenário — **O Mistério da Poesia**, de João Gaspar Simões — agora de algum modo rejuvenescido pela reedição, à distância, que dele acaba de fazer a «Editorial Inova». O conteúdo dos mistérios de que Simões é sacerdote literário está representado por dez ensaios de explicação e interpretação da génese poética. Porém, o ponto de referência agora em questão é um só, e veremos que ele nos basta para recreio desta semana.

E bem sabido que o autor de **Vida e Obra de Fernando Pessoa** costuma a cada passo considerar, como elementos genéticos dos textos literários dos vários escritores, dados materiais da mais variada, insólita e superlativa natureza. Conforme o exemplo que em concreto e neste momento eu elejo para ponto de referência deste breve comentário, o caso será o da situação física particular, ou da posição circunstancial em que porventura o romancista, o pensador e o poeta se encontram enquanto criam ou produzem espontâneamente as suas obras. A este propósito, falando de «Fernando Pessoa e as Vozes da Inocência» (ensaio que, em O Mistério **da Poesia**, João Gaspar Simões dedicou ao estudo do grande poeta) o crítico oficial da Presença descreve, a página na 155 desta 2.ª edição, a postura física em que, segundo ele, Pessoa criava os seus poemas.

Sentado ou de pé — eis a questão (decisiva como iremos ver).

«Talvez que Flaubert e Rousseau — vai dizendo Gaspar Simões num arreganho de ensaista teorisante — me auxiliem a ilustrar esta subtil distinção. O primeiro só podia escrever sentado; o segundo, passeando. A obra do autor da **Salammbô** só atingia as proporções da realização, quando descrita; a do autor das **Confessions**, quando pré-escrita. Quer dizer: Flaubert atingia a beleza procurando-a e, até certo ponto, realizando-a; Rousseau, sem a procurar e antes de a realizar».

Depois acrescenta ainda o singular texto de Simões: «Eis por que Flaubert necessitava da tranquilidade do seu gabinete, da segurança da sua mesa onde assentar o papel (sic): só assim a beleza vinha, pelo estilo, conquistar o espaço, onde, através de lutas inenarráveis, atingia a densidade expressiva que o próprio Flaubert procurava cientìficamente como um químico no seu laboratório. Eis, também, por que Jean-Jacques necessitava do devaneio entre as árvores em contacto com a Natureza, isto é, do convívio do causal, do necessário, do instintivo ou do **teórico**, para mais uma vez usarmos a terminologia Kantiana...»

Após esta subtilíssima distinção — que na verdade nos tornará cientes do erecto, do quebrado ou do decúbito em que o escritor engenha o seu produto, e que na dúvida presente se fica entre o escrever de pé e o escrever sentado — João Gaspar Simões concluiu (agora a páginas 156) com uma segurança quáse científica, e até pelos vistos extremamente absoluta: **«Fernando Pessoa pertence, assim, à categoria dos que escrevem sentados. Os seus poemas requerem a colaboração plácida do silêncio, para receberem a determinação livre da alma e, sobretudo, da consciência»**. E pronto: eis-nos com mais um dogma do credo simoneano, mas também com a demonienta tentação da minha heresia. Eu explico!

Pela transcrição vinda de ser feita se vê o critério desta extraordinária «interpretação genética» que arranca, já o vimos, de um decúbito intelectual até atingir a tal «subtil distinção» entre o autor escrever de pé (portanto, a 180 graus) ou escrever sentado (nos 90 graus do ângulo recto). E então, num concurso lógico que impressiona, e esmaga mesmo os advertidos, decretando que Fernando Pessoa era daqueles que escrevia sentado, João Gaspar Simões foi concluir (necessàriamente, assim o inculca pela sua determinação livre da alma e da consciência poética. Insofismável dogma — é o que se diria. Vejamos nós, porém, aonde nos levam estes «ensaios de interpretação da génese poética», que consubstanciam **O Mistério da Poesia**, quando o seu autor por princípio não hesita no falsificar a realidade ou, pelo menos, no inventar uma qualquer ao gosto do acaso, especialmente quando lhe é desconhecida a realidade-real.

Fernando Pessoa, de pé, no «Vai do Rio»

Já na carta de 11 de Dezembro de 1931, escrita por Fernando Pessoa ao então novel e esperançoso crítico Simões, a propósito de **O Mistério da Poesia**, o poeta de «Tabacaria» lhe reprovava a falta de rigor. Nesta ordem de ideias, relativamente ao estudo que tinha por tema a personalidade complexa de Sá-Carneiro, reparava Pessoa: «Se você confessadamente não tem os elementos biográficos precisos para ajuizar do que poderia ser a alma do Sá-Carneiro, por que se baseia na falta de elementos para formar um juízo?» E mais adiante, a respeito do ensaio que Gaspar Simões particularmente lhe havia dedicado, o poeta escrevia o seguinte: «... o estudo a meu respeito (...) peca só por se basear, como verdadeiro, em dados que são falsos por eu, artìsticamente, não saber senão mentir». Em resumo, portanto, Fernando Pessoa declarava **O Mistério da Poesia** um livro ligeirinho, pressuroso: «... há nele também elementos de pressa escusada e de precipitação crítica a que qualquer questão de método é alheia».

Voltemos, depois destas transcrições, à postura física (sentada) em que, segundo Gaspar Simões, se mantinha Fernando Pessoa ao escrever poemas. Posição sentada — assevera ele — tal como a de Flaubert, com evidentíssima influência psico fisiológica no modo e no tipo de criação dos respectivos textos literários. Mas, depois disto, o que nos provoca uma discreta vontade de sorrir (se acaso a indelicadeza não nos der antes para rir a bandeiras despregadas) é o facto de sabermos, até pela própria informação de Fernando Pessoa, que habitualmente ele escrevia, não sentado, mas de pé. Sem dúvida, **O Mistério da Poesia** data de 1931. Mas Simões corresponde-se com o poeta desde Junho de 1929, e toda a gente sabe como ele se arroga a um conhecimento relativamente íntimo de Pessoa. Pelo que nos fica por explicar que ele não soubesse aquilo que Fernando Pessoa viria a escrever na sua célebre carta de 13 de Janeiro de 1935, dirigida a Casais Monteiro para a explicação da génese dos seus heterónimos.

Em certo passo desta famosa carta o poeta de «O Guardador de Rebanhos» esclarece como lhe nasceu o seu mestre Caeiro: «Ano e meio, ou dois anos depois, lembrei-me um dia de fazer uma partida ao Sá-Carneiro — de inventar um poeta bucólico, de espécie complicada, e apresentar-lho, já me não lembro como... Levei uns dias a elaborar o poeta mas nada consegui. Num dia em que finalmente desistira — foi em 8 de Março de 1914 — acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, **de pé, como escrevo sempre que posso.** E escrevi trinta e tantos poemas a fio, uma espécie de êxtase cuja natureza não poderei definir. Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com um título, «O Guardador de Rebanhos». E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro».

J.G.Simões: Fernando Pessoa pertence à categoria dos que escrevem sentados

Posto, com que então, Fernando Pessoa na categoria daqueles que escrevem sentados?!... Pelo menos, e pelos vistos, o biógrafo do poeta começou por esquecer o dia triunfal da sua vida. E, afinal, que espécie de confiança (se outras desconfianças já não tivessem de sobra) nos poderiam incutir semelhantes «ensaios de interpretação da génese poética», desde que tão operosamente eles assentam em factores que se pretendem determinantes, mas que são inventados ou estabelecidos pela forma mais gratuita e arbitrária?

Mas parece-nos ser este o motivo pelo qual o autor de **O Mistério da Poesia** não fez uma nota de rodapé (para a 2.ª edição) esclarecendo que, no fim de contas, Fernando Pessoa praticava o escrevér na posição vertical. E que então lhe falhava, redonda, a genética e assim se mostraria que ele, Simões, nem ensaia de pé, nem sequer mesmo sentado — mas simplesmente de cócoras.

ASSIM TODOS PODEM COMPRAR!...

TUDO COM GARANTIA

TELEVISORES
2 programas
51 cm . . . . . 3.450$
59 cm . . . . . 4.450$
Gravadores de Cassetes . . 1.200$
Rádios bolso . 120$

FRIGORÍFICOS
140 litros . . . 2.100$
175 » . . . 2.650$
220 » . . . 3.450$
270 »(2 portas) 4.450$

MÁQUINAS
LAVAR ROUPA automáticas
4.350$
LOIÇA
5.950$

ESQUENTADORES
1.390$
FOGÕES A GÁS
3 lumes . . . . 1.190$

MOBÍLIAS COMPLETAS ★ MÓVEIS SOLTOS ★ ALCATIFAS ★ CARPETES

A pronto ou em 36 mensalidades SEM FIADOR

M. L. FERREIRA — RUA D. ESTEFÂNIA, 48-A (Junto ao Largo)